DOUTRINA E RITUAL DE UMBANDA

Byron Torres de Freitas
Tancredo da Silva Pinto



EDITÔRA
ESPIRITUALISTA

Esta obra foi aprovada e adotada oficialmente pela
CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA

XANGÔ AGAJÚ

DÊLODÉ,
CAÔ CABECILHE,
AMOJAREU,
DA ARUANDA
MI SALA
VICHÊ DE UMBANDA!

ÍNDICE

Prefácio 11

I Parte

Doutrina de Umbanda

CAP. I — INTRODUÇÃO

1. A formação da Terra, segundo a ciência positiva 23
2. As raças-raízes 27
3. As religiões e a doutrina secreta dos iniciados. 35

   1) O Sermão da Montanha 37
   2) Descerrou-se o véu d'Ísis 39
   3) Filosofia Esotérica da Índia 45

4. As culturas africanas 51

   1) A civilização nagô 55
   2) A cultura malê 56
   3) As culturas bantus 56

CAP. II — DOUTRINAS SAGRADAS AFRICANAS

1. O culto nagô 59
2. O culto gêge e o mina-gêge 62
3. O culto malê 65
4. Os cultos bantus 66
5. O culto bantu-ameríndio 68
6. Comparação entre os cultos nagô, gêgê e bantus 69

CAP. III — A RELIGIÃO DE UMBANDA

1. A idéia do sagrado 73
2. A teogonia de Umbanda 74
3. O setenário universal 78
4. O anjo da guarda 79
5. Hierarquia sacerdotal 80
6. Funções do chefe de terreiro 82
7. Os mandamentos da lei de Umbanda 83

II Parte

Ritual de Umbanda

I — A INICIAÇÃO

1. O que é Iniciação 91
2. A Iniciação Umbandista 93
3. Confirmação dos Graus 99

II — INVOCAÇÃO DE ORIXAS E ENTIDADES ESPIRITUAIS

1. Linhas e Falanges 103
2. A Linha das Almas 109
3. A Linha de Jurema 110

III — A CERIMONIA FÚNEBRE DO VUMBI 113

IV — OUTRAS CERIMONIAS

1. Preparação para abrir o terreiro 115
2. Consagração dos "otás" 116
3. Comidas de santo 118
4. O ritual da "troca de cabeça" 120
5. Valor dos pontos riscados e cantados 121
6. As penitências 121
7. Origem do samba 124
8. O perigo das improvisações 124
9. Trajes do Ritual 126
10. Recepção de Babalaô 127
11. Fechamento do Corpo 129
12. As Ervas (Macaia) 130
13. O jôgo dos Búzios 132
14. Caminhos Fechados 136
15. Confirmação dos Orixás 138
16. Preconceitos da Lei 139
17. Amuletos 148

ANEXOS

I — A Iniciação Egípcia 155
II — A lenda de Xangô.. 169
III — As visões de Coema Piranga 173
IV — A Confederação Espírita Umbandista 177

PREFÁCIO

— "Tôda as vêzes que a verdadeira religião declina e a impiedade prevalece, EU me manifesto e encarno em cada idade para estabelecer a lei espiritual e destruir o mal."

Bagvard-Guitá

A religião declina e a impiedade prevalece em nossa época. O materialismo, o comunismo e o negativismo, respectivamente, nas ciências, na política e na filosofia, unidos, formam uma vasta frente de luta contra o espiritualismo, contra a paz social, contra a afirmação dos valores eternos da humanidade.

Nega-se tudo. Nega-se a imortalidade da alma, nenega-se a própria existência de Deus, nega-se o princípio de autoridade, nega-se a lei moral e a lei civil.

Tôdas as religiões estão ameaçadas, porque o combate é dirigido contra o seu fundamento, quer dizer, contra o alicerce comum que as caracteriza — doutrina sagrada do Ser Supremo. Quando, por motivo de sua religião, um sacerdote católico sofre perseguição e martírio, todos os sacerdotes e todos os crentes de tôdas as religiões são ameaçados na sua liberdade espiritual.

O perigo a que está sujeito o catolicismo atinge igualmente o espíritismo, o protestantismo, o brahmanismo, o budhismo, a lei de umbanda, etc. A impiedade prevalece contra tôdas as religiões, indistintamente.

Resistir ao mal é a atitude que se impõe a todos os crentes. Afirmar o espiritualismo e repelir o materialismo. Eis o objetivo dêste modesto trabalho, que nos foi sugerido pela Confederação Espírita Umbandista. Tivemos de remontar às verdadeiras e esquecidas fontes do umbandismo — as doutrinas sagradas africanas, que, por sua vez, fazem parte do ciclo universal dos grandes iniciados, de Rama e Crishna a Jesus Cristo.

Praza a Deus que o nosso esfôrço contribua para desfazer erros e equívocos correntes sôbre a religião de Umbanda!

KOSI OBÁ KAN AFI OLORUN

Inscrição em língua nagô, quer dizer: "Não há um rei senão Deus". Traduz-se também assim: "Só há um rei, que é Deus".

Parte I

A DOUTRINA DE UMBANDA

Cap. I — Introdução

1. *A formação da Terra, segundo a ciência positiva*
2. *As raças-raízes*
3. *As religiões e a doutrina secreta dos iniciados*

    1) O Sermão da Montanha
    2) Descerrou-se o véu d'Ísis
    3) Filosofia Esotérica da Índia

4. *As culturas africanas*

    1) A civilização nagô
    2) A cultura malê
    3) As culturas bantus

Cap. II — As doutrinas sagradas africanas

1. *O culto nagô*
2. *O culto gêge e o mina-gêge*
3. *O culto malê*
4. *Os cultos bantus*
5. *O culto bantu-ameríndio*
6. *Comparação entre os cultos nagô, gêge, e bantus*

Cap. III — A religião de Umbanda

1. *A idéia do sagrado*
2. *A teogonia de Umbanda*
3. *O setenário universal*
4. *O anjo da guarda*
5. *Hierarquia sacerdotal*
6. *Funções do chefe de terreiro*
7. *Os mandamentos da lei de Umbanda*

Cap. I — Introdução

1. *A formação da Terra, segundo a ciência positiva*
2. *As raças-raízes*
3. *As religiões e a doutrinta secreta dos iniciados*
4. *As culturas africanas.*

1. *No princípio criou Deus os céus e a terra.*

2. *E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sôbre a face do abismo*: e o *Espírito de Deus se movia sôbre a face das águas.*

("Genesis")

1. *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.*

2. *Êle estava no princípio com Deus.*

3. *Tôdas as coisas foram feitas por Êle, e sem Êle nada, do que foi feito, se fêz.*

. . . . . .

("Evangelho de São João", 1.)

...E tudo se animou pela vontade de Deus...

...e Deus fêz o Universo com pêso, número e medida...

...e submeteu tudo o que foi criado à lei da evolução.

A FORMAÇÃO DA TERRA, SEGUNDO A CIÊNCIA POSITIVA

Há biliões e biliões de séculos (1) a região do espaço em que o Sol e o seu cortejo atualmente se movem era ocupada por uma imensa nebulosa, dotada já de um certo movimento de rotação, que se foi acelerando progressivamente.

A fôrça centrífuga, produzida pela aceleração, desenvolveu-se de tal modo que excedeu um pouco a centrípeta de atração e fragmentou parte da nebulosa primitiva. Os anéis assim destacados continuaram, obedecendo à lei da inércia, a girar em tôrno da massa principal, constituindo os planêtas e os satélites.

A massa central, ou o Sol, condensou-se e hoje aquece e ilumina os anéis destacados, em cujo número se encontra a Terra.

A condensação da nebulosa solar originou a temperatura própria dos planêtas e do Sol.

A Terra adquiiru, então, relativa independência. Era um imenso globo incandescente, gasoso, prosseguindo na rota que lhe traçara a gravitação universal. Chuvas de águas ferventes caiam incessantemente no solo abrasado, tornavam a subir em estado de vapor para a atmosfera e voltavam novamente para o solo. A contínua irradiação do calor provocou um resfriamento, que teve como conseqüência a solidificação dos materiais em fusão. For-

(1) Byron Torres de Freitas — "A TERRA", 1926.

mou-se depois uma crosta sólida, "semelhante à película que reveste o crisol de chumbo quando esfria". Quando a temperatura descresceu consideràvelmente, o vapor d'água condensou-se e precipitou-se, formando os oceanos e os mares.

O globo apresentava o aspecto de um estranho laboratório químico. Desconhecidas fôrças atuavam sôbre êle, enquanto as reações dos minerais preparavam a atmosfera que o envolve presentemente. As águas principiaram a transformar a parte solidificada da superfície.

O carbono continuava as suas combinações, e a substância mineral evoluiu para uma forma mais complexa — a substância orgânica.

Milhares de séculos depois a Vida surgiu no planêta Terra. Os primeiros vegetais, muito simples, foram a primeira manifestação vital.

Seguiram-se os infusórios, de onde se derivaram tôdas as espécies animais, segundo a teoria do evolucionismo. Os infusórios e os vegetais deixaram fósseis, que permitiram dividir a história da Terra em períodos.

Os depósitos hulhíferos (de carvão de pedra) não são senão florestas do período primário, soterradas por alguns cataclismas. É o que nos ensina a escola geológica do catastrofismo.

No período secundário (2), os sêres vivos ,afetam já uma forma menos rudimentar. Conchas de conformação muito simples existiram simultâneamente com os gigantescos "ichtyosaurios" e os répteis voadores, cujas patas membranosas utilizavam para planar no espaço. O primeiro pássaro, o "archeopterix" proveio do ôvo de um dêsses répteis.

Encontram-se no período ternário moluscos de conchas. Os animais eram mais aperfeiçoados, e os seus

(2) Melhor será dizer-se: era primária, era secundária, era terciária, reservando-se a designação de "período" para as subdivisões das eras. Conforme dissemos, esta história resumida da Terra consta de uma tese publicada há vinte e cinco anos, por nós.

órgãos já executavam funções mais delicadas. Além dos répteis gigantescos como o "ichtyosaurio" o "plesiosaurio", o "pterosaurio" e o "dipplodocus", notam-se quadrúpedes mamíferos, como as renas e os rinocerontes.

Chegamos agora ao último período, em que o mamute e o urso das cavernas partilhavam o império sôbre os outros animais. É nesse período, o quaternário, que aparece o homem, provável evolução dos primatas, segundo o evolucionismo, e o mais inteligente ser que existe à face da Terra.

O homem começou a ensaiar os seus primeiros passos, travando luta com os ferozes animais que lhe rondavam a caverna em que habitava. Lentamente, foi melhorando as armas de caça e os objetos de uso doméstico, até que, friccionando duas pedras uma contra a outra, conseguiu fazer fogo.

Foi um grande acontecimento na história do homem primitivo.

De transformação em transformação, de esfôrço em esfôrço, modificou notàvelmente as condições do seu "habitat", passando a se reunir em grupo, depois em tribo, finalmente em nação, abandonando a vida errante e fixando território em que se estabelecesse permanentemente (2)

Até aqui, a ciência denominada "positiva". Analisando bem as coisas, e pondo à margem o orgulho intelectual, não vemos em que as conquistas científicas possam contrariar as doutrinas secretas dos Iniciados. A Ciência e Religião devem se completar. Ambas procuram a Verdade, por estradas diferentes, seguindo métodos próprios. O método da Ciência é a experimentação. O método da fé é a intuição profunda, a revelação sobrenatural.

Mas, os grandes cientistas, aquêles que, semelhantes à flor de lótus aparecem de século em século e mudam os rumos da Ciência, que serão êles, senão mensageiros celestes, espíritos de luz que baixam ao planêta para a revelação aos homens de um conhecimento nôvo?

Nisto, meus irmãos, há sabedoria. Quem tiver cérebro, quem tiver coração, sinta e pense.

Estamos escrevendo neste momento sob o foco de uma lâmpada elétrica. Ao lado, sôbre um móvel, um rádio nos liga ao mundo inteiro. Há uns trinta anos, estudávamos à noite à luz de um candieiro de querosene. A luz elétrica modificou a vida social, alterou a estética urbana. A quem se deve êsse progresso material? Ao gênio da eletricidade, Thomas Alva Edison.

Os grandes cientistas, os inventores, os descobridores de terras não foram instrutores religiosos, mas cumpriram, na terra, a missão que lhes foi reservada pelo Altíssimo.

AS RAÇAS — RAÍZES

Reconhece a Geologia que em época recuadíssima, entre o atual gôlfo do México e o atual gôlfo de Guiné, havia um continente, que submergiu sob as águas do Oceano Atlântico. Era a Atlântida.

Escapa, no entanto, às finalidades dêste trabalho enúmerar as provas geológicas e históricas da antiga existência dêsse amplo continente, então povoado pelos Atlantes. Um outro continente — a Lemúria — hoje desaparecido, teria sido povoado pelos Lemurianos.

Acredia-se que as raças pré-históricas da América são remanescentes ou descedentes dos lemurianos e dos atlantes.

Ensinam os Livros Sagrados do Oriente que cinco grandes raças-raízes povoaram a Terra. As primeiras, denominadas raças pré-adâmicas (anteriores a Adão), não tiveram corpo físico, porque as condições do planêta não o permitiam nessa época. A 3.ª raça-raiz, porém encontrou ambiência apropriada, habitando a Lemúria.

Foi essa 3.ª raça que apareceu na América do Sul, descendente dos lemurianos. A 4.ª raça-raiz habitou a América do Norte, descendente dos atlantes. A 5.ª raça-raiz, asiática, é a dos tempos históricos.

Schuré cita as tradições brahmânicas, segundo as quais a civlização teria começado sôbre a Terra há cinqüenta mil anos, com a *raça vermelha*, no continente austral, quando a Europa inteira e a maior parte da Ásia estavam sob as águas oceânicas. Êsse continente austral

formou-se da Oceânia, da África e da América, que ocupava a parte ocidental, e, portanto, a mais antiga. Ora, êsse mesmo continente austral era precisamente a Lemúria.

Até onde se pode investigar, as raças aborígenes da América eram vermelhas.

De acôrdo com a "Doutrina Secreta" (1) lemurianos e atlantes palmilharam continuamente o solo das duas Américas, e, flagelados pelos periódicos e sucessivos cataclismas, que acabaram destruindo a Lemúria e a Atlântida, invadiram as terras firmes de Ameríqua, subjugaram os aborígenes dessas regiões e transmitiram-lhes, as maravilhas da sua cultura e da sua civilização. Todavia, mais atingidos por êsses dilúvios e terremotos — que destruíram a Lemúria e a Atlântida — os habitantes do leste da América do Sul não puderam acompanhar o desenvolvimento dos seus contemporâneos da parte ocidental. Daí "a raridade, ou melhor, a destruição e o desaparecimento, na parte oriental, e, principalmente, no Brasil, de documentos arqueológicos, comprobatórios da cultura e da civilização das raças aborigenes (2). A nosso ver, a alta antigüidade da raça vermelha explica por si só a raridade de tais testemunhos materiais.

.. Até aqui, limitamo-nos a repetir o que ensina a Ciência Esotérica, o conjunto das tradições ocultas da humanidade.

Eis, porém, que a Geologia e a Arqueologia se colocam a serviço do Esoterismo, afirmando que o PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO É O CONTINENTE MAIS ANTIGO.

Nos primeiros tempos da formação da crosta terrestre (3) um imenso oceano envolvia o planêta. E, segundo

(1) "Doutrina Secreta", de Helena Blawatsky.
(2) Epiága R. +. — "Mistérios da Pré-História Americana", 1938.
(3) A crosta terrestre é semelhante ao crisol de chumbo quando esfria. É uma nata de leite que acaba de ferver e começa a esfriar.

o "Genesis", o *Espírito de Deus pairava sôbre as águas*. Nenhum continente havia ainda aflorado. O BRASIL FOI O PRIMEIRO CONTINENTE EMERSO DAS ÁGUAS DO PÉLAGO UNIVERSAL — eis a reveladora conclusão a que chegou, após numerosos anos de pesquisa em Lagoa Santa, no Estado de Minas Gerais, o cientista dinamarquês Peter Wilhelm Lund!

Retomemos, portanto, a tradição esotérica, adaptando-a aos dados das ciências chamadas positivas. Em Tebas, no túmulo do faraó Setis I, quatro estátuas simbolizavam as 4 raças humanas, na seguinte ordem: 1.ª, *a vermelha;* 2.ª, *a amarela;* 3.ª *a preta;* 4.ª *a branca*.

A raça vermelha é, pois, a 3.ª raça-raiz a que aludem os Livros Sagrados do Oriente. A 1.ª e a 2.ª raças-raízes não tiveram existência física, pelo menos semelhante à dos homens pré-históricos. Foram sêres espirituais, que encontraram uma atmosfera terrestre muito densa, cheia de vapores, um grande laboratório químico do carbono. Sob o ponto de vista esotérico, pode-se imaginar qual teria sido a missão dêsses sêres espirituais — isto é, o preparo da ambiência planetária para a humanidade.

Segue-se, daí, que as duas raças-raízes não cabem na classificação de raças matrizes da humanidade.

E eis o entendimento que propomos: *para a terra mais antiga, o homem mais antigo* A 1.ª RAÇA RAIZ FOI A VERMELHA, SURGIDA NO BRASIL. A 2.ª foi a amarela, e surgiu na parte ocidental da América do Norte, de onde passou para a Ásia oriental; a 3.ª foi a preta, nascida na África; a 4.ª foi a branca, originária do clima frio da Europa.

É indiferente que as três últimas sejam descendentes físicas da 1.ª raça matriz ou hajam nascido no seu "habitat"'. Êsse problema não parece fundamental e será elucidado no tempo oportuno.

Voltemos à Geologia. Na éra primária, a mais antiga, a parte ocidental da América do Sul, isto é, a cadeia andina, ainda não havia se levantado de sob as águas do pélago universal. O Amazonas era um braço de mar, um estreito, entre duas ilhas: a do Sul, a maior com o planalto central do Brasil; a do Norte, a menor, com os rios que se lançavam na margem esquerda do Amazonas. Muito depois, na era secundária, é que houve o levantamento dos Andes, o que teve por conseqüência ser trancada a comunicação entre o Amazonas e o Oceano Pacífico. O Amazonas transformou-se pouco a pouco em um curso d'água salôbra (em virtude dos gelos descidos dos Andes e da descarga dos afluentes), depois doce, passando para o seu atual regime de rio, o maior do mundo.

A raça vermelha não veio dos Andes para o Brasil, mas do Brasil passou para os Andes e brilhou na América Central.

A assombrosa evolução mental e espiritual da raça vermelha manifesta-se em livros e códigos sagrados, como o *Popul-Vuh* (a Bíblia dos Quíchuas), *Código Troano* (velho manuscrito maya), o *Chilam Balam de Chumayel* (mexicano). Êsses livros e códigos evidenciam os profundos conhecimentos filosóficos e científicos da raça vermelha — a imortalidade da alma, a solução de problemas matemáticos e astronômicos, etc.

Muito antes da vinda de Cabral, os tupi-guaranis haviam alcançado *um alto grau* de cultura e civilização, como os mayas e os quíchuas, o que se comprova com o estudo do *nheencatu*, o idioma sagrado dos nativos brasileiros. É que o idioma dos povos primitivos, na infância da civilização, é monossilábico, enquanto o *nheencatu* é polissilábico. (4)

Por seu lado, os mayas, monoteístas acreditavam em um Deus único, Senhor do Céu, e na Trindade, composta de Tzona, Bacab e Echuab — Pai, Filho e Espírito Santo. Bacab era filho da virgem Chibirias; foi sacrificado por Eopuco, que, depois de mandar que o flagelassem e lhe pusessem uma coroa de espinhos, determinou fôsse atado a uma cruz, onde morreu torturado pelo martírio da sêde e da fome. Bacab desapareceu do túmulo em que fôra sepultado, ressuscitou e subiu ao cáu. (5)

(4) Byron de Freitas — "Amerîndios", 1958.

As mais notáveis civilizações deixadas pela raça vermelha foram as dos Incas (Quichuas), dos Mayas, dos Aztecas e dos Toltecas. Na América do Sul, os Incas, os *Filhos* do Sol, com o seu impressionante culto solar no lago Titicaca. Na América Central, e depois na península de Iucatan, os Mayas; no México, Aztecas e Toltecas.

A origem das letras é maya (6). A linguagem completa inventada pelo homem primitivo foi concebida em formas simbólicas e geométricas. Cada palavra representa uma idéia... A circunferência e o quadrado, divididos por uma cruz central ou X, são a base alfabética e numérica, de cujo comprimido sairam os demais sinais ou valores convencionais. "A escritura do túmulo pré-histórico de grave-greech, nas margens do Ohio, tem uma afinidade com a escritura fenícia e etrusca e como a escritura maya tem afinidade com a semítica e as letras pintadas na gruta de Mar di Azil, nos Pirineus, estas grandes afinidades só podem explicar-se por uma comunidade de culturas que não pode ser outra, por sua relação geográfica, senão a Atlântida. (6) A língua dos guanches, dos vascos, mayas, ligúrios, gregos, bérberes, têm semelhança entre si, segundo Nanzi, que relata que o grego de Homero se ouve em grande quantidade no maya

(5) Epiága R. +. — op. citada.
(6) Juan Domeneck.

mexicano. E êste célebre filólogo pergunta: Que é o maya? E diz: É o idioma dum povo vermelho que se diz descendente dos atlantes... E a seguir pergunta: Que é o grego? Uma derivação do hebraico proveniente do Egito, que se diz também descendente da Atlântida".

Os mayas eram o único povo que sabia se servir da escrita, ignorada dos demais, à exceção das classes cultas. De acôrdo com as inscrições encontradas nas ruínas mexicanas, pôde-se reconstituir cronològicamente quase tôda a história dos mayas.

Antes do cristianismo, o culto da cruz existia em tôda a América. Há numerosos pontos de contacto entre traços religiosos da raça branca e da raça vermelha. Por exemplo, Tucapacha, o Deus único dos índios Tarascos, fabricou o primeiro homem de barro. Quetzalcoatl foi o Messias dos Toltecas (mexicanos); Manco Capac, o lendário guia espiritual dos Quíchuas e iniciador da civilização incaíca. O Divino Mestre dos Chibchias foi Bochica.

Note-se, entretanto, êste fato importante: na história da raça vermelha, o esplendor das civilizações dos Incas, dos Mayas, dos Toltecas, etc., é muito recente. Começara há muito tempo as grandes migrações dos povos. "Homens brancos — diz o *Popul-Vuh* — habitavam juntos essa feliz região, vivendo na maior harmonia e falando a mesma língua".

Apoiado em alguns elementos da História Universal, e sobretudo guiados pela intuição, propomos mais um entendimento:

AS RAÇAS-RAÍZES SURGEM DE ORIENTE PARA OCIDENTE, SEGUINDO A MARCHA APARENTE DO SOL.

"Anterior e superior à Terra é o tipo divino do homem; celeste é a origem da sua alma. Mas o seu corpo é o produto dos elementos terrestres, fecundados por uma essência cósmica". (7)

Dessas quatro grandes raças — a vermelha, a amarela, a negra e a branca — derivam tôdas as variedades humanas, tôdas as mestiçagens étnicas.

A raça negra já dominou o mundo. Há muitos milênios, os negros "possuiam centros religiosos no Alto Egito e na índia. As suas povoações ciclópicas ameaçavam as montanhas da África, do Cáucaso e da Ásia central. A sua organização social consistia numa teocracia absoluta. No vértice, sacerdotes temidos como deuses; na base, tribos irriquietas, sem família reconhecida, as mulheres escravas: Êsses sacerdotes possuíam conhecimentos profundos, o princípio da unidade divina do universo e o culto dos astros que, sob o nome de *sabeísmo*, se infiltrou nos povos brancos. Entre a ciência dos sacerdotes negros e o feitícismo grosseiro dos povos, não existia, porém, ponto intermediário, de arte idealista, de mitologia sugestiva. Quanto ao mais, possuiam uma indústria já adiantada, sobretudo a arte de manejar pela balística massas colossais de pedras e de fundir os metais, em fornos imensos em que faziam trabalhar os prisioneiros de guerra. (8) Nas bandeiras dos reis negros, estava pintado o terrível dragão.

Escudada no dragão, a raça negra invade o sul da Europa, com suas armas de ferro, armaduras de bronze e os instrumentos de sua civilização. Semi-selvagens ainda, muito atrasados, os brancos foram vencidos, aprisionados e convertidos em escravos dos negros. que os obrigaram a transportar os minérios para os seus fornos.

Acontece que o contacto com os negros beneficiou depois a raça branca, que com êles aprendeu a fundição dos metais e a escritura sagrada. Afinal, os brancos con-

(7) Eduardo Schuré — "Os Grandes Iniciados".
(8) Eduardo Schuré — obra citada.

seguiram tirar a sua desforra, expulsando os negros da Europa e invadindo o norte da África e centro da Ásia.

Da mistura das duas raças proveio a civilização moderna. Onde os negros se impuseram aos brancos, dominou o *monoteísmo,* isto é, a doutrina do Deus único, absoluto, princpio êsse que era um dos fundamentos da iniciação secreta dos sacerdotes da raça negra. O predomínio dos brancos, ao contrário, favoreceu o *politeismo,* isto é, a crença em vários deuses.

Ora, o monoteismo é a característica da alta iniciação secreta.

Esta história demonstra que não há raças superiores nem raças inferiores, porém, sim, povos adiantados e povos atrasados, em determinado período de sua evolução.

Segundo os mestres do Ocultismo, a 6.ª raça está em vias de formação na América do Norte. Depois virá a 7.ª raça, no Brasil, fechando-se o ciclo.

É um verdadeiro ciclo que se encerrará, pois, na intuição de Coema Piranga, (9), a 1.ª raça-raiz, a vermelha, surgiu no Brasil. De acôrdo ainda com os mestres do Ocultismo, *as bacias do Amazonas e do Prata, com o decorrer do tempo, selarão em suas ribeiras os destinos do mundo.*

(9) Coema Piranga vive na atual geração brasileira. Leia-se em Anexo no fim dêste volume, as "Visões de Coema Piranga".

AS RELIGIÕES E A DOUTRINA SECRETA DOS INICIADOS

Aos Grandes Iniciados:

Rama

Crishna

Hermes

Moisés

Orfeu

Pitágoras

Platão

JESUS CRISTO...

a Alma Humana agradecida.

O SERMÃO DA MONTANHA

E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se d'ÊLE os seus discípulos.

E ÊLE passou a ensiná-los, dizendo:

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque dêles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome a sêde de justiça, porque serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque dêles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois vós quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós.

Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

(*Evangelho de S. Mateus, cap.* 5)

DESCERROU-SE O VÉU D'ÍSIS

O VÉU D'ÍSIS

Nenhum mortal ergueu o véu d'Ísis...

Descerrou-se o véu- d'Ísis, a tii, ó iniciado, que
"sôbre o abismo
contemplas o azul, as terras e o mar"...

Conheci a Verdade — disse Jesus Cristo — e a Verdade vos tornará livres.

E a Verdade é Deus.

DEUS É O TODO

"Eu vi tôdas as seitas e todos os caminhos. Já não me incomoda mais nenhum dêles. Os que pertencem a essas seitas, disputam tanto! Depois de experimentar tôdas as religiões, compreendi que Deus é o Todo e eu

Sua parte; que Êle é o Senhor e eu o seu servo; também compreendi que Êle é eu e eu sou Êle."

(Bhagavân Sri Ramacrishna)

O VERBO DIVINO

1. E o Verbo se fêz carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

(Evangelho de São João, 1)

DEUS NO UNIVERSO

"Deus dorme no mineral, sonha no vegetal, desperta no animal, é consciente no homem, que, dêste modo, pode atingir a perfeição."

(Dos Códigos Sagrados)

DEUS É A VERDADE

"Deus, o Absoluto, é a Verdade e a Realidade. A única Verdade e a Realidade Única. O universo, sempre mutável, é irreal; sua existência é apenas relativa. O fim da evolução é, portanto, para o homem, a completa realização de sua divindade, a identificação de seu próprio ser com a Realidade Única."

(Da Teosofia)

"O Ser Supremo imola-se a si mesmo para produzir tudo o que existe: divide-se para sair da sua unidade."

(Religião dos Vedas)

IMORTALIDADE DA ALMA

"Assim como uma criatura se desnuda de velhas roupas, para se apossar doutras novas, assim a alma rejeita êsse corpo para tomar outros. Nem a espada, nem o cutelo a corta; nem o fogo, nem a chama a queima; nem a água, nem a umidade a molha; nem o ar a seca. Ela é impermeável e incombustível. Duradoura, firme, eterna, ela atravessa tudo."

(Crishna)

LIBERTAÇÃO DA ALMA

"Tu trazes em ti mesmo um amigo, que desconheces. Porque Deus reside no íntimo de cada ser, mas poucos sabem que o trazem... A alma que encontrou Deus libertou-se do renascimento e da morte, da velhice e da dor, e bebe a água da imortalidade."

(Bagavagita — doutrina brahmânica de Crishna)

DOUTRINA DA REENCARNAÇÃO

"A forma se quebra e a vida persiste."

(Da Teosofia)

A ÁGUA DA VIDA

"E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro." (1)

"Apocalipse" de São João, 22.1)

(1) Na antiga religião ariana ,orientada pelo divino Rama, há quatro ou cinco mil anos antes da era cristã, o Cordeiro era o símbolo da justiça e da bondade, oposto ao Touro, símbolo da fôrça brutal e da violência.

PRINCÍPIO E O FIM

"Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro."

("Apocalipse", 22,13)

OS FILHOS PROFETIZARÃO

"E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sôbre a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos."

("Atos dos Apóstolos", 2,17)

A LEGILAO DE CAIM

O Universo é a criatura, Deus, é o Criador. Os homens são criaturas de Deus. Logo, todos os homens são irmãos.

Sustém o punhal fratricida, ó legião de Caim!

Porque, pelo ferro e pelo fogo, pela mentira e pelo êrro, causas a ruína e a desolação na terra. Todavia, a paz dos mundos espirituais não será alterada por tuas discórdias.

Regenera-te. Apascenta os rebanhos do Senhor, purifca as águas da nascente da Vida, aquece o que está frio em teu coração, rejubila-te com os nossos irmãos dos outros mundos, das outras esferas que rolam no espaço...

OS DOIS CAMINHOS DA SABEDORIA

Há dois caminhos para a Sabedoria: 1.º) o do conhecimento abstrato; 2.º) o da devoção concreta. (2)

(2) Quando falamos em Sabedoria, não nos referimos à massa de conhecimentos livrescos que um homem pode adquirir no curso de sua existência terrestre, mas à ascenção de sua consciência, liberta de todo desejo e egoismo, enfim, ao desenvolvimento espiritual.

É que "o universo inteiro pode ser considerado sob o ponto de vista abstrato, como a Lei (Karma); sob o ponto de vista concreto, como Ser universal agente da Lei que êle manifesta". (3)

Sendo o universo um conjunto harmônico de atividades, a lei de nosso ser deve ser conformar com a Lei universal. É assim que o sábio pode realizar a perfeita abnegação: os desejos do ser separado não existem para êles, porque "conhece a lei da harmonia universal, idêntica, como veremos, à Vontade do Pai".

Raros são os homens que escolhem o caminho do conhecimento abstrato; a grande maioria prefere um ideal concreto, o caminho da devoção. Êste é o do cristianismo, enquanto a forma essencialmente abstrata é a do budismo. Assim, na senda do conhecimento abstrato, considera-se a Lei em si; na senda devocional, o Criador e Sua Vontade, tôda poderosa.

Ambos os métods são bons. De um lado, a Lei Suprema, o Karma; do outro, o Senhor, o Pai e Sua Vontade, seguindo-se-lhe o Filho, a Mãe, o Esprito Santo. O trono cercado pelos Espíritos, os Anjos e os Arcanjos. Sob o ponto de vista abstrato, todos êstes sêres, *sem mudar em nada*, não são mais do que diversos aspectos da Atividade Universal.

O *Filho de Deus* é a mais alta manifestação da Divindade, o Mestre, o Mahatma. No Universo inteiro não há senão o Único. Disse Jesus: "Eu sou o Todo, Meu Pai e Eu somos Um". O Homem Perfeito, o Mestre, Cristo, Buda ou Crishna só tem um interêsse, o interêsse do Cosmos; uma vontade, a Vontade do Pai.

Eis como se pode alcançar a Sabedoria Deixar todo orgulho intelectual. A vaidade é poeira, só a alma sobre-

(3) Brahmachrin J. C. Chatterji — "Filosofia Esotérica da Índia".

vive. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque dêles será o reino dos Céus, "Cumprindo seu Dever para com o Mestre, ou para Deus, ou para o Universo, os homens crescerão sem pensar neste crescimento, até o momento, em que os véus da ilusão comecem a cair por si mesmos."

Os véus irão caindo à medida que eliminares o egoismo e amares a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a ti mesmo. Na senda do desenvolvimento do teu espírito quando estiveres integrado na harmonia universal, vibrando uníssono com as esferas, sentindo a pulsação cósmica dos astros onde habitam outras humanidades, terás então descerrado.

O ÚLTIMO VÊU D'ISIS

FILOSOFIA ESOTÉRICA DA ÍNDIA
(Teosofia)

Segundo a filosofia esotérica da índia, há quatro fatôres do homem: 1.º — O corpo físico; 2.º — o mental; 3.º — o elemento espiritual; 4.º — o grande "Eu".

Poderá o inciado, por uma aplicação contínua e paciente, separar êsses fatôres uns dos outros, retirando-se de um para o seguinte, internando-se com a consciência de seu ser. Êsse processo constitui o *êxtase*. "É possível, pois, abandonar seu corpo, durante um determinado tempo, para adquirir experiências e conhecimentos nos reinos hiperfísicos da natureza. Foi o que fêz Jesus em seu jejum de quarenta dias." (1) Êsse processo só pode ser realizado por alguns raros homens.

Em nosso corpo físico, observam-se dois princípios: a matéria grosseira e a vitalidade. A vitalidade é o princpio etéreo; a matéria etérea que lhe serve de base ou "veículo" tem o nome de "corpo etéreo" ou "duplo etéreo". Em sânscrito, chama-se *sthula bhula* a matéria grosseira, e *prana* a vitalidade

Dêsse modo, temos os seguintes princípios ou elementos da natureza humana:

1.º — o elemento físico grosseiro e o princípio etéreo, que constituem o plano físico do Universo;
2.º — o princípio da sensação em nós — astral — ou plano astral;
3.º — o princpio intelectivo e nossa alma, que correspondem ao princípio intelectivo e à alma univer-

(1) Brahmachrin J C. Chatterji.

sal; o conjunto dos dois princípios constitui o plano mental do Cosmos;

4.º — o elemento espiritual, que corresponde ao plano espiritual ou búdico;

5.º — o "Eu" do homem, que corresponde ao plano nirvânico. (2)

No momento de morrer, deixamos o corpo grosseiro, após a separação do duplo etéreo, cessando, por conseguinte, a ação do princípio vital e sobrevindo a decomposição do organismo.

Conforme ensina o brahmachrin Chatterji, "pouco depois da morte (geralmente menos de três dias) o duplo etéreo é por sua vez abandonado, como um segundo cadáver. Inerte, flutua na vizinhança do cadáver grosseiro, e vai pouco a pouco se dissipando à medida que êste último se decompõe. A percepção dêste "fantasma" etéreo não é muito difícil, pois um pouco de superexcitação nervosa produzida pelo mêdo basta por vêzes para tornar visíveis as formas etéreas. Mas se o corpo é submetido à cremação, segundo o costume hindu, o duplo etéreo se desagrega imediatamente.

Deixando atrás de si êstes dois envólucros exteriores, o homem conserva todos os outros.

Em nada se altera sua personalidade verdadeira: a morte não a atinge. Êle está tão vivo, mais vivo mesmo que vós ou eu, sòmente não podendo se tornar sensível a nós porque não possui mais o envoltório físico. Fica assim vivendo numa forma mais sutil, que o homem ordinário não pode perceber ..... O primeiro fenômeno que se produz no homem após o abandono do seu duplo envoltório físico é a reorganização do seu corpo astral, ou princípio das sensações que vai lhe servir de veículo no nôvo meio que êle habita."

(2) Êsses "planos" do Universo não se superpõem, mas se interpenetram. Trata-se de **estados de consciência**, não de lugares.

Permanecerá mais ou menos neste mundo astral, conforme a energia ou a vitalidade de sua natureza passional. Se, durante tôda a sua vida, contenta-se em satisfazer suas paixões, então sua permanência será longa nesta região, que corresponde ao purgatório dos cristãos ..... Terminada a purificação, as baixas emoções gastas e rejeitadas, êle passa ao reino seguinte, o plano mental ou mundo celeste.

No plano mental ou celeste sua permanência será longa ou breve, conforme foi sua vida sôbre a terra. Se sua vida intelectual foi poderosa, se o seu trabalho mental foi intenso e nobre; se cultivou os mais nobres sentimentos da natureza humana; se se dedicou à arte, à literatura, ao estudo da ciência; finalmente e sobretudo, se teve uma vida de abnegação, permanecerá durante muito tempo na região de "Manas" inferior... em contacto com os anjos. Mas, nestes mundos invisíveis nada poderemos começar. Tal é a característica dos dois planos superiores ao nosso. Tôda a nossa vida nestas regiões é apenas a continuação, o desenvolvimento da nossa vida terrestre.

Eis por que é sábio e prudente, na nossa vida atual, começar a viver nobremente, sem esperar pela vida do "além-túmulo".

O homem abandona assim, consecutivamente, quatro cadáveres, o que se efetua num período de 1.000 a 1.500 anos terrestres, até que chegue a época de uma nova encarnação.

Chegando o tempo da reencarnação, o homem "atrai em tôrno de si um nôvo envólucro do plano de Manas inferior. Depois, pouco a pouco, sua atividade atinge o plano astral, onde se reveste de um nôvo corpo astral que lhe servirá para manifestar a natureza de sua sensibilidade. Enfim, o envólucro etéreo e o corpo grosseiro são formados no seio de sua mãe. Assim, as formas mais sutis são as que primeiramente se formam e são também as últimas a desaparecer". O clarividente vê em redor

de cada homem um halo de forma evóide, brilhante e colorido, a que se denomina *aura*.

Tratemos, agora, da possibilidade de recordação das existências passadas. Há uma espécie de *memória hiperfísica*, guardada não no cérebro mas nos nossos corpos superiores. Às vêzes, quando o nosso cérebro está tranqüilo e receptivo, as vibrações sutis da memória hiperfísica conseguem impressioná-lo, e assim nos recordamos das vidas anteriores. Êste resultado pode ser obtido por meio do hipnotismo, que paralisa a atividade cerebral.

Todo movimento do universo é produzido por uma Fôrça Única. "Fôrça é a causa única do Universo, o movimento é o efeito, o resultado. Esta Fôrça é, por alguns, chamada Deus. Os hindus chamam-na Brahma. Outros têm dado nomes diferentes; mas os nomes nada valem. A verdade, com a qual devemos nos compenetrar, é que esta Fôrça tudo nos produz, *esta Fôrça Única transforma-se em tôdas as coisas, sem cessar de existir por si mesma* (Brahmachrin J. C. Chatterji). A criação é *incessante*, contínua, sem começo nem fim.

NO UNIVERSO INTEIRO NÃO HÁ SENÃO DEUS PRESENTE, EM TODOS OS PONTOS, EM TÔDA SUA PLENITUDE. ASSIM SE MANIFESTA O UNIVERSO, DEUS, A CAUSA PRIMÁRIA, PERMANECENDO SEMPRE O MESMO, E NO ENTANTO, PRODUZINDO O SEU EFEITO, SUA MANIFESTAÇÃO. (3)

(3) J. C. Chatterji.

É a seguinte a classificação dos corpos do homem:

POLO ESPIRITUAL DO SER

Plano Nirvânico (1)	Atua — o Eu
Planos, Veículos	
Plano Búddico (2) corpo espiritual.	Buddi, Beatitude, Amor (Manas superior, Razão pura, Consciência, Alma humana).
Plano Mental. Corpo causal (3)	
Corpo mental (4)	Manas inferior, intelecto.
Plano Astral. Corpo astral (5)	Karma, Desejo, Paixão.
Corpo etéreo (6)	Prana, Vitalidade, Organização.
Plano Físico	
Corpo denso (7)	Sthula — Bhula, mantida por Prana.

AS CULTURAS AFRICANAS

Definamos, preliminarmente, o que seja "cultura". Cultura é o conjunto que compreende as ciências, as crenças, a moral, as leis, os costumes e hábitos adquiridos pelo homem na vida social, as matérias naturais modificadas pelo trabalho, as invenções mecânicas e os objetos ornamentais.

Todo êsse conjunto é o que caracteriza cada agrupamento humano, independentemente da área que ocupa.

Antes de classifcar as várias culturas africanas, é útil dividir os grupos étnicos negros em duas grandes famílias: a dos *sudaneses* e a dos *bantus*, de acôrdo com o seguinte esquema:

- **SUDANESES**
  - ORIENTAL (1)
    - Grupo Alto Nilo
      - Mittu
      - Madi
      - Abukaya
      - Abaka
      - Luba
      - Wira
      - Lendu
      - Moru
    - Grupo Nilo Médio
      - Shilluk
      - Anuak
      - Beir
      - Jur
      - Acholi
      - Aturu
      - Jaluo
    - Baixo Nilo Grupo
      - Dinka
      - Nuer
  - CENTRAL (2)
    - Haussá
    - Bornu
    - Baghirmi
    - Madai
    - Darfur
    - Songhai
    - Kanuri
    - Yedina
  - OCIDENTAL (3)
    - Jolofo
    - Mandinga ou Malinkes
    - Felupo
    - Yoruba ou Nagô
    - Achanti ou Mina
    - Kru
    - Ewe

- **BANTUS**
  - Grupo Oriental ...
    - a) Dialetos Cafres e Zulus
      - Ama-Xosas
      - Zulus
      - Tongas
      - Suazos
    - b) Dialeto do Zambeze
      - Barotses
      - Mashonas
      - Macuas
      - Makololos
      - Matabeles
      - Baryeis
    - c) Dialeto do Zanzibar
      - Kibambas
      - Kissuá-helis
      - Kinikas
      - Kihiau
  - Grupo Central ....
    - a) Bechuana . .....
      - Sesuto
      - Serolong
      - Sehapi
    - b) Tekeza . .....
      - Mankolosi
      - Mahloenga
      - Matonga
  - Grupo Ocidental ..
    - a) Bunda, Herero, Loanda
    - b) Congo, Mpongve, Dikele, Isubu Fernando-Pó.

As culturas africanas podem ser assim distribuídas, conforme propõe o cientista Frobenius: a) *Cultura etiópica,* autóctone, no eixo do continente Sul-Norte, até os alagadiços do Nilo e daí sôbre uma certa extensão do eixo Este-Oeste; b) *cultura hamítica,* autóctone, ao Norte e ao Este dos eixos mencionados; c) *culturas eritréias* setentrional e meridional, oriundas, em diversas vagas, da costa oriental da África; d) *cultura sírtica,* oriunda dos Scythas, e que penetrou na África Ocidental, do Mediterrâneo Ocidental à Alta-Guiné; e) *cultura atlântica,* vinda do Mediterrâneo oriental, contornando a costa atlântica da África e ocupando uma parte da Costa da Guiné e do Congo.

Segundo Arthur Ramos, as transformações espirituais mais profundas da civlização africana foram operadas pelas culturas atlântica e sírtica. Da cultura atlântica, surgiu a civilzação ioruba ou *nagô*.

Parece que os maiores contingentes de escravos vieram de três fontes principais: 1.ª — área do Congo; 2.ª — sub-área do gôlfo de Guiné; 3.ª — (menos importante) — Sudão ocidental.

Três padrões culturais podem ser encontrados nos grupos africanos desembarcados na América: (1)

a) nas possessões antilhanas inglêsas, na Guiana Inglêsa, nos primeiros tempos da costa oriental dos Estados Unidos, a cultura negra é originária da Costa do Ouro (cultura Fanti-Ashanti — negros Minas);

b) nas Antilhas francesas, em Haiti e na Louisiana (Estados Unidos), elementos daomeianos (culto *vodugêge*);

c) nas antigas possessões espanholas e portuguêsas, principalmente Cuba e Brasil, onde a influência cultural ioruba foi notória, ao lado de elementos de outras culturas (bantus), intimamente amalgamados com a nagô (ioruba).

(1) Artur Ramos.

Nina Rodrigues, o grande africanista brasileiro, organizou o seguinte quadro das sobrevivência culturais do negro no Brasil:

I — *Culturas sudanesas*
- Iorubas (nagôs)
- Evês (gêges)
- Fanti-Ashanti (minas)

II — *Culturas sudanesas negro-maometanas*
- Haussas
- Tapas
- Mandingas
- Fulas

III — *Culturas bantus.*
- Angola congüense
- Moçambique.

A CIVILIZAÇÃO NAGÔ

A cultura *ioruba,* ao ser transportada para a América, assumiu preponderância sôbre as demais, em algumas regiões do Nôvo Mundo, Cuba, por exemplo.

Os negros iorubas ou nagôs eram altos, corpulentos, valentes, trabalhadores, de melhor índole e os mais inteligentes de todos.

Como vimos, a sub-área ocidental do gôlfo de Guiné foi onde se estabeleceu a cultura atlântica. Daí veio o maior número de escravos para a América. Na sub-área do gôlfo de Guiné prosperaram grandes reinados ou monarquias — do Benin, do Daomei, do Ashanti.

Ainda segundo Artur Ramos, as religiões e cultos dessa área atingem a uma alta complexidade... "Através da mitologia ioruba, por exemplo, vamos mergulhar em velhas concepções mediterrâneas, da mitologia greco-romana, e sistemas místicos, egípcios e assirio-babilônicos... Ai existem as culturas negras (negras puras mais adiantadas da África (cultura atlântica de Frobenius). *Culturas que pouca coisa ficam a dever às velhas*

civilizações da antigüidade. Mitologia que é uma concepção do mundo que se emparelha a velhos motivos cosmogônicos."

Nessas palavras do cientista brasileiro, baseamos o objetivo dêste trabalho, que é demonstrar a respeitabilidade das concepções religosas dos umbandistas, a sua alta antigüidade, anterior ao cristianismo, ao qual se entrosam na venerável cadeia das doutrinas sagradas.

A CULTURA MALÊ

A cultura malê é originária da área do Sudão ocidental. Reinos e impérios famosos ergueram-se em pleno Sudão, sob a influência bérbere maometana. Entre êsses: o reino de Songoi, o de Lemtouna, o dos Mandingas ou malê, o império de Ghana, o reino dos Solinkas, a organização política dos Bambaras, dos Haussás, dos Fulhes, etc.

O sistema religoso dêsses povos é um sincretismo dos cultos nativos e da religião de Maomé, observando-se práticas de magia e adivinhação (mandingas).

Negros sudaneses maometanos, denominados malês ou *muçulmis* e, no Rio de Janeiro, *alufás*, trouxeram para o Brasil a cultura malê.

AS CULTURAS BANTUS

Os *bantus* vieram principalmente para o Rio, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco e Maranhão. Foram os Congos, Cabindas, os Benguelas, os Angolas, os Macuas. Quando viviam no continente africano, era fácil distingui-los pelas tatuagens que traziam no rosto.

Ao que parece, a maior parte das macumbas do Rio de Janeiro é de procedência de Angola e do Congo.

As religiões dos povos bantus eram monoteistas, baseadas na existência de um Ser Supremo, Criador do Universo.

CAPÍTULO II

As doutrinas sagradas africanas

1. *O culto Nagô*
2. *O culto Gêge e o Mina-Gêge*
3. *O culto Malê*
4. *Os cultos Bantus*
5. *O culto Bantu-Ameríndio*
6. *Comparação entre os cultos Nagô, Gêge e Bantus.*

O CULTO NAGÔ

No culto Nagô, "existia (1) o santo, que chamavam Orixá. Quando de pequenas dimensões, tinha o nome de Ochê ou Ichê, conforme a tribo; os maiores denominavam-se *Olorun* ou *Olorung, senhor do céu* ou *mestre do céu,* chegando a ser confundido com o céu. Por essa razão, Ellis diz ser uma entidade meteórica, ao qual prestam um culto especial.

Olorun não se pode comunicar diretamente com os homens, mas só por intermédio dos santos secundários ou *orixás,* que, segundo Bowen, tem origem em asha (cerimônia religiosa).

Entre os iorubanos, os *orixás* estavam agrupados por ordem genealógica, e eram os seguintes, em escala descendente: *Obtalá* ou *Orixalá* (a origem dêste têrmo, tira-a Bowen de *oba-ti-nlá, o rei que é grande,* ou *Oba-tialá, o rei da brancura ou da pureza*); tinha caráter bi-sexual e era o símbolo das fôrças produtivas na natureza.

O altar para o seu culto, Pegi, possuia adornos especiais e no lugar para as comidas em sua honra, sacrificavam a cabra e o pombo.

Xangô, também conhecido como *Xangô — Dzakuta,* ou *Jakuta,* o *lançador de pedras,* porque os africanos julgavam que êle jogava do céu os coriscos e pedras meteóricas. Era dos orixás o mais poderoso, sendo por isso o seu fetiche a *pedra do raio,* e os animais sacrificados para o seu culto o galo e o carneiro.

Havia o Exu, espécie de Diabo do catolicismo. Êsse *orixá* era venerado por temor. Antes de se iniciar a cerimônia, fazia-se o *despacho de Exu,* chamado o *padê* nos terreiros. O seu fetiche era certa massa de barro, onde

(1) Nelma Pereira Pinto Amaral — "Influência Étnico-Social do Elemento Africano no Melting-Pot Brasileiro".

modelavam uma cabeça e no lugar da bôca e dos olhos colocavam conchas, ou ornamentos. O seu culto exigia sacrifício humanos.

Ogun era o *orixá* das lutas e das guerras; o seu fetiche era um pedaço de ferro, sua côr, amarela, e os animais que se lhe sacrificavam, o galo e o carneiro.

Oxun era um orixá das águas.

Entre os iorubanos, era considerada mãe d'água *Yemanjá*, e, entre os angoleses, o *calunga;* na África Ocidental, *Oyá*, deusa do Niger; *Yansan, orixá* dos ventos e das tempestades; *Oxun-manré*, o arco-íres; *Anamburucu*, a mais velha mãe d'água; *Oxóssi*, deus dos caçadores; *Xapanan* ou *Omulu*, da variola.

A fitolatria fetichista estava representada, entre os gêges, pelo culto à gameleira branca chamada por êles *Lôco*, e pelos nagôs, *Iroco*. Preparavam-na prestando-lhe a homenagem do culto, diretamente, como a um fetiche; depois não podia ser tocada mais por ninguém, tornava-se sagrada, tabu.

Respeito a êste tabu, diziam: que, depois de preparado, a pessoa que o cortasse morreria fulminada; e que, em vez de seiva, vertia sangue.

Outro tabu, *Ifá* (fruto do dendêzeiro) era considerado *orixá* adivinhador. A posse do colar ou rosário de *Ifá* (opé-lé-ifá) — espécie de cadeia de metal, em que se intercala pelo menos metade de uma noz de manga — dá ao indivíduo qualidades adivinhatórias, ou melhor, habilita-o à previsão das desgraças porvindouras.

Dadá é o orixá dos vegetais; os Gêmeos ou *Ibeji*, etc

Ao templo onde celebravam o culto fetichista, chamavam terreiro. Era em lugares públicos que efetuavam as suas cerimônias religiosas.

Os sacerdotes iorubanos chamavam-se balalaôs ou babalawos; nos terreiros tomavam o nome de "pai de santo". Desempenhavam êles várias funções, entre elas as de: vidente, adivinho, médico, mágico, conselheiro, etc.

O *pai de santo* escolhia o fetiche, que podia ser qualquer objeto, e preparava-o, consistindo o preparo em lavar o fetiche e colocá-lo, após, em uma vasilha, onde se derramava o sangue do animal sacrificado ao *Achoyun*, variando para cada orixá o animal a ser oferecido. Para matar o animal, havia um ritual próprio. Cumprindo êste, estava, assim, pronto a fetiche para ser levado para o seu altar ou Pegi, especialmente organizado. Os sacerdotes comiam os alimentos, e os que se estragavam, punham fora. Diziam que o *orixá* se alimentava com o *espírito* dos alimentos ou o *fantasma*.

As pessoas que se dedicavam ao culto, chamavam-se *"filhos de santo"*. Entre os daomeianos eram mulheres as sacerdotisas (espôsas ou mulheres de santo) que recebiam o apelido de *Voduno*.

Nos candomblés, existiam músicos , com seus cânticos e toques, que variavam de acôrdo com cada "santo".

Até aqui a exposição feita por D. Nelma Amaral em sua obra citada e na qual se nota forte influência de Artur Ramos. Embora incorreta em muitos pontos, apresenta a vantagem de ser sintética. Em geral, as pesquisas científicas sôbre os cultos afro-brasileiros ou puramente africanos esbarram em um obstáculo difícil de ser transposto: a tendência do umbandista em não revelar as *mirongas* (mistérios, segredos) do culto. Assim, o verdadeiro caráter dessa religião não tem sido bem compreendido por muitos cientistas. Daí lhe atribuirem freqüentemente a designação errônea de "fetichismo". Aliás, não só os umbandistas procuraram resguardar os mistérios do seu culto. No Egito, cientistas e filósofos gregos e romanos, há muitos séculos, receberam e transmitiram informações deficientes colhidas entre sacerdotes de Isis. Um dos autores dêste livro é um iniciado umbandista de grau superior; por isso mesmo se viu na contingência de velar o que deve ser velado.

Nas páginas a seguir, o leitor encontrará, porém, informações fidedignas sôbre o ritual e a teogonia dos cultos afro-brasileiros.

O CULTO GÊGE E O MINA-GÊGE

Os daomeianos (culto gêge ou êwe) acreditam em um Deus, Senhor do Céu, com o nome de MAWU, correspondente ao OLORUN dos nagôs e ao ZÂMBI dos angolistas.

Na teogonia gêge, há numerosos *vodus*, equivalentes a santos ou orixás. Os principais são: Aido, Hawedo, Gu, Loko, Aizu, Akazá, Adjakapa, Xeboso.

Há *vodus*, do mar, dos rios, dos montes, do céu, da terra, do raio, da tempestade, etc.

A região da América onde predominou o culto gêge foi Haiti, misturando-se à doutrina africana elementos do catolicismo. No Haiti, a máxima exteriorização do vodu é o culto à cobra sagrada — *Dan*, com um cerimonial impressionante. Os espíritos têm o nome de *luás*. Paralelamente ao culto vodu, há cerimônias funerárias, o culto dos antepassados, a crença nos *zombies* (mortos-vivos).

Viens-viens são os espíritos comuns. *Lutins* são os espíritos das crianças que morreram sem batismo. A serpente sagrada (Dan) é o agente mágico universal e corresponde ao Exu impessoal nagô. *Legba* é o rei dos demônios, da geração e da fecundidade.

O culto se celebra à noite, em lugar escondido. Os adeptos usam sandálias e numerosos lenços, especialmente de côr vermelha. O Rei e a Rainha do Vodu presidem ao cerimonial, venerando a serpente Dan, Dangbé ou Damballah. O sacerdote do culto haitiano é o ôgan, que também se chama *papaloi* (homem) e *mamaloi* (mulher).

Eis alguns *vodus*, com funções idênticas aos orixás nagôs: *Ativodu*, o gênio da árvore; *Hu* e *Agbeto*, gênios do mar; *Kebioso*, do raio; *Gbejinibú*, gênio das florestas; *Zo*, gênio do jôgo; *Ayida-Ouédo*, do arco-íris; *Marassa*, os gêmeos (São Cosme e São Damião), *Ogun* é o vodu da guerra.

Entrosado profundamente com o ritual gêge, está o culto *Mina-Gêge*, praticado em tôda a sua pureza na ilha de São Luiz, capital maranhense. Em 1947, a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (Faculdade Nacional de Filosofia) publicou "A Casa das Minas", contribuição ao estudo das sobrevivências daomeianas no Brasil, da autoria do etnólogo Nunes Pereira. Nunes Pereira é um iniciado mina-gêge; daí o grande valor de sua monografia, resultante de observações *in-loca* na Casa das Minas, localizada no bairro de São Pantaleão, em S. Luiz. Nunes Pereira assinala um vestígio da influência malê, tratando de um livro existente no *pégi* da Casa das Minas, escrito em muçulmi (malê) e que sòmente algumas velhas sabiam ler. Quando não havia mais um leitor de tão preciosa obra, "mandavam buscar na Bahia um prêto que sabia ler".

Sabemos que há no Rio de Janeiro um exemplar muito antigo do "Alcorão", guardado em local que não pode ser revelado. Mas o "Al-Koran" é a Bíblia dos muçulmanos, brancos ou negros. Assim, paira um certo mistério em tôrno dêsses exemplares antigos e do interêsse despertado por êles nos demais cultos africanos. Sabemos qual o seu penúltimo depositário nesta cidade do Rio e a quem foi transmitido o exemplar.

Os orixás mina-gêge chamam-se *Voduns*. Escreve Nunes Pereira que entre outras práticas, quando um *Vodun* baixa na Casa Grande ou mesmo nas habitações dos seus filhos e filhas, é costume derramar-se bocados d'água pelos cantos murmurando fórmulas... de grande caráter mágico e não menor virtude espiritual. Quando essa Água das jarras vai ser bebido, em cuias, por êste ou aquêle devoto, grande é o cuidado de quem a retira para lhes não tocar nos rebordos. Sob o chão do *Comé*, nesse triângulo que constitui pròpriamente o *pégi* ou *pódõe*, foram ocultados pelos negros, que "assentaram", algumas pedras, representando *Voduns*".

É proibdo falar no nome dos Voduns junto ao fogo ou ao apanhar o lixo. Nunca também são invocados em dia de sexta-feira. "Quando os Voduns cantam, em dias de festa, na "língua de gêge", uma espécie de ladainha, se ocorre o nome de Jesus, todos êles entregam as palmas das mãos, à altura da cabeça, curvando-se e recuando, ao mesmo tempo, graciosa e respeitosamente". Essa grande reverência dos voduns mina-gêge a Jesus Cristo significa o reconhecimento da origem divina do Maior Iniciado.

Os *Voduns* baixam de preferência às 15 horas (duas da tarde) e ao amanhecer, com ou sem o toque de tambores e as danças sagradas.

As comidas sagradas mina-gêge são as seguintes: abóbó, amió, agral, acarajé, chóssin, caruru, dovró, nônufon. Dessas, o abóbó e o caruru já fazem parte da cozinha maranhense. Constituem tabus alimentares, isto é, não podem ser comidos: o cação, a arraia, o caranguejo, o carneiro. A bebida do santo é a aluá.

Eis uma lista dos *Voduns Mina-Gêges*

VODUNS MASCULINOS (velhos)

Dadá-hô
Coicinçaba
Zomadone
Bórôtoi
Azacá
Arônôviçavá
Acóçapatá
Azilé
Azonçu
Agôngone
Tópa
Liçá
Ajónôtoi
Ajoutói
Badé (Xangô, em nagô)
Loco (Irôco, em nagô)
Lépon

VODUNS FEMININOS (velhas)

Çôbô (mãe de Badé)
Naiadone
Naêgongon
Naité
Nanãbiocô (Nananburucu)
Afru-Fru
Abê (Yemanjá)

VODUNS MOÇOS

Doçu
Apôgêvó
Daco
Boçu
Tocé
Tocá
Doçu-Pé
Avérêquête
Apogi
Poli-Gogi
Roeju

VODUNS MOÇAS

Ananin
Assonlévi
Décé
Sépazin
Boçá

VODUNS CRIANÇAS

Meninos: — Toquens Meninas: — Tôbôssi

O CULTO MALÊ

O culto malê, *mussulmi* ou *muçurumi* teve sua origem na invasão dos Islamitas no Sudão, no século IV. E.s porque foram os sudaneses, principalmente os Haussá, os introdutores do maometismo no Brasil, quanto à raça negra. Eram êles de costumes austeros e regulares.

Os malês adoram um Deus único, *alá*, cujo nome, ligado ao de Olorun, ficava *Olorum-oluá*.

A sua religião é uma mistura de maometismo com antigas religões naturais, não havendo êles abandonado as práticas mágicas ou mandingas.

O grão-sacerdote malé, o *Lemano*, preside às cerimônias do culto, auxiliado pelo *ladano*. Os sacerdotes memores são os *alufás*. Há ainda os *xerifes*, velhos conselheiros ou juízes. A oração (sala) é praticada cinco vêzes por dia, quando possível. A capela chama-se *Maça-la-si*. Antes de qualquer ato religoso, o malê deve dizer: *Bi-si-mi-lai* (Em nome de Deus clemente e miseri-

cordioso). Praticam a circuncisão (kola) aos dez anos de idade. Celebram a festa anual do *assumy*, ou jejum. *Sará* é a missa do culto malê.

O culto malê não reconhece fenômenos de mediunidade espírita.

Às quatro horas da manhã, feita a ablução (lavagem do rosto, das mãos e dos pés) e com veste apropriada, munido de um rosário de 99 contas de madeira, começa o malê sua oração, de pé, sôbre uma pele de carneiro, dando louvores a Deus.

Hoje, o culto malé está desaparecendo, mas ainda se encontra uma ou outra capela no Rio de Janeiro.

OS CULTOS BANTUS

A designação de Bantus abrange os seguintes grupos de povos: a) os de Angola, dos quais se destacam os Cassanges e Bângalas; b) os Congos e Cabindas; c) os de Benguela; d) os de Moçambique.

O cientista Artur Ramos identificou a procedência angola-congolesa para a maior parte das macumbas do Rio de Janeiro e algumas da Bahia.

"Nas religiões e cultos dos povos bantus — escreve aquêle cientista — há a crença num Deus Supremo, Criador do Universo, que toma vários nomes, segundo a região: Nzambi, Marino, Reza, Molungo, etc. Em Angola, o deus supremo tem o nome de Nzambi ou Zâmbi, e no Congo, Nzambiam-pungu ou Zambian-ampungu. Êstes têrmos sobreviveram no Brasil. Nas macumbas cariocas, conhecem, os negros, Zâmbi, Ganga, Zumba ou Gama Zona (ngana Zâmbi, o senhor Deus). (1) "Entre os povos bantus, há uma série infindável, de outros deuses e espíritos bons e maus. São representados em Angola por pequenos pedaços de madeira ou marfim, grosseiramente

(*) Não confundir **Zâmbi**, o deus supremo, com **zumbi**, espírito de morto.

esculpidos, a que dão o nome de *iteques*. Os feiticeiros, ou *quimbandas*, trazem dependurados ao pescoço êsses iteques e nada fazem sem êles. "O culto dos espíritos, que em Benguela, tem mesmo uma verdadeira organização espírita, *Orodére*, passou quase que completo ao Brasil. "O culto dos mortos e dos antepassados, dos deuses lares, entidades benfazejas e malfazejas, a crença na transmigração das almas, o totemismo, originaram práticas fetichistas especiais, muito aproximadas do atual espiritismo, e, como tais, passaram ao Brasil."

É ponto discutido nos autores a origem do vocábulo *banda* Dizem uns que de Quimbanda derivaram: *umbanda, embanda* e *banda*, com o significado ora de sacerdote ou feiticeiro, ora de lugar da macumba, ora de ritual. Na verdade, o vocábulo *banda* quer dizer terra, *linha de chão*. No Brasil, emprega-se correntemente a seguinte expressão: Lá pra aquelas *bandas*... isto é, naquelas terras ou naqueles lugares.

Nos cultos de procedência bantu, na parte sul do Brasil, verifica-se o sincretismo com o catolicismo e o espiritismo. Nas macumbas cariocas, o chefe do terreiro inicia as cerimônias com a bênção à assistência e a invocação ao santo ou orixá protetor. Os médiuns (assim chamados por influência do espirtismo) são dispostos em duas filas, mulheres à esquerda, homens à direita. A cerimônia se realiza de acôrdo com o orixá protetor. Os vários sincretismos, combinados, permitem "trabalhar" com a linha de Jurema, a linha das Almas, etc. embora, rigorosamente, nem tôdas as "falanges" possam constituir "linha".

Quanto ao espiritismo, notam-se alguns pontos de contacto entre essa doutrina e a lei de Umbanda. É que as doutrinas sagradas africanas se entrosam na grande corrente universal do Ensino Secreto. O Umbandista acredita na lei das reencarnações, na lei da evolução das almas, aceita a revelação de Jesus Cristo. Dois pontos distinguem o umbandista do kardecista: a) a prática de

comunicação com os espíritos elementares; b) o ritual, muito complexo na lei de Umbanda, que é uma religião de culto externo.

O verdadeiro umbandista não invoca os espíritos dos desencarnados, ou mortos (êguns). Os cultos de procedência bantu, influenciados pelo espiritismo, no Brasil, é que passaram a admitir a comunicação com os desencarnados.

O CULTO BANTU-AMERÍNDIO

A Linha de Jurema representa o culto bantu-ameríndio. Não se conhece os orixás ou santos africanos. Baixam nos terreiros os caboclos, velhos, antigos *caciques ou morubixabas* (chefes de tribos) e os *piagas* (*pagés*, sacerdotes, feiticeiros).

Os ameríndios brasileiros acreditam na imortalidade da alma. O seu Deus é *Tupan*. Seguem-no: *Guaraci* (o Sol), mãe dos viventes; *Jaci* (a Lua), mãe dos vegetais; *Rudá*, protetor do amor e da procriação, guerreiro que reside nas nuvens, com suas auxiliares: *Cairé* (lua cheia) e Catiti (lua nova).

Há um espírito que provoca pesadelos, sem, no entanto, se equiparar ao Diabo dos cristãos ou ao Exu dos umbandistas — é *Jurupari*.

Guaraci chefia a seguinte legião de espíritos: *Guirapuru* (protetor dos pássaros); *Anhanga* (protetor dos animais); *Uauyara* (bôto, protetor dos peixes).

Jaci, por sua vez, chefia esta legião: *Saci Cerêrê*, o fumante; *Mboi-tátá* (gênio-serpente que protege os campos contra os incêndios); *Currupira* (protetor das florestas).

Como se vê, florescia entre os ameríndios brasileiros vestígios do culto ao Sol, tal que era praticado entre os Quíchuas (Incas) do Peru. Por sua concepção de Guaraci, sol-mãe dos viventes, o culto ameríndio se aproxima de algumas religiões orientais.

COMPARAÇÃO ENTRE OS CULTOS NAGÔ, GÊGE E BANTUS

Fizemos os seguintes pontos:

1.º — o culto Nagô, proveniente da esplêndida cultura ioruba, é o mais elevado e o que conservou no Brasil a doutrina secreta dos Inicados; por isso, o nagô pôde dominar os demais, pela pureza de suas tradições.

2.º — aproximado do nagô, está o culto Gêge; ambos exerceram grande influência espiritual e social na África.

3.º — os cultos Nagô e Gêge possuiam uma teogonia nacional, enquanto o culto Bantu tinha semideuses particulares, conforme cada região e mesmo cada terreiro.

4.º — o conteúdo pròpriamente espiritual dos cultos Bantus não revela a riqueza da mitologia nagô-gêge.

5.º — os cultos Nagô e Gêge têm hierarquia sacerdotal definida, mas os cultos Bantus não possuem organização sacerdotal.

6.º — em todos os terreiros, tanto do culto Nagô quanto do culto Gêgê, o ritual é o mesmo; nos Bantus, o ritual varia de terreiro a terreiro.

7.º — os cultos Bantus aceitaram a influência do espiritismo e do catolicismo, em grande escala, e acabaram mesmo por constituir um- culto Bantu-Ameríndio, no Brasil.

8.º — o objetivo dos cultos Nagô e Gêge é tornar o sacerdote um *templo espiritual do Orixá*, isto é, um ser de alto desenvolvimento espiritual e moral, enquanto nos cultos Bantus o objetivo, em geral, é preparar simples médiuns, como no espiritismo.

9.º — os crentes dos cultos Nagô e Gêge trabalham com os Orixás, com os espíritos celestes, com os elementais da Natureza e com os Exus, mas não invocam os espíritos de desencarnados (êguns); os Bantus e Bantus-Ameríndios, entretanto, trabalham também com os êguns.

10.º — não dispondo dos conhecimentos espirituais dos Nagôs, os Bantus incorporaram aos seus cultos os orixás nagôs e os santos católicos.

11.º — embora contando com tôdas essas desvantagens, os crentes bantus (Angolistas, Congolenses, etc.), podem adquirir um elevado grau de adiantamento espiritual, desde que se disponham a praticar com a máxima sinceridade os preceitos de sua religião. Qualquer crente de qualquer religião deve se tornar, em seu coração, um tempo espiritual de Deus. A alma humana é de essência divina, mas, para voltar à sua Pátria Celestial, à Morada dos Justos, deve merecer essa graça.

12.º — manda a verdade, entretanto, se reconheça que os Angolistas estão bem organizados no Distrito Federal e no Estado do Rio, quanto ao seu culto. Constituem aqui, a maioria dos terreiros de Umbanda. Capricham no adôrno dos gongás, no treinamento das sambas, na seriedade das cerimônias do culto. É de notar que, sendo o Rio uma grande cidade de caráter internacional, numerosas circunstâncias influem no sentido da diluição das tradições. Isso torna ainda mais meritórios os esforços dos Angolistas para a manutenção das crenças dos seus antepassados. O leitor iniciado poderá notar, neste livro, forte influência angolista.

CAPíTULO III

A Religião de Umbanda

1. *A Idéia do Sagrado*
2. *A Teogonia de Umbanda*
3. *O Setenário Universal*
4. *O Anjo da Guarda*
5. *Hierarquia Sacerdotal*
6. *Funções do Chefe de Terreiro*
7. *Os Mandamentos da Lei de Umbanda*

1. A IDÉIA DO SAGRADO

O estudo comparado das religiões permite a seleção e classificação dos elementos comuns que as caracterizam.

Podemos, assim, mencionar como elementos característicos da religião:

1. *A idéia do sagrado*. Levantando a vista do chão, o homem olhou o céu, contemplou as terras e os mares, admirou o soberbo espetáculo da Natureza, as suas maminestações, ora de cólera, ora de suave encantamento. Atribuiu tudo o que via e adivinhava à ação de um Ser Supremo, eterno e onipotente. Povoou o céu, a terra, as florestas, o mar de sêres poderosos, auxiliares do Grande Deus. Para uns, o Deus era unipessoal, enquanto outros acreditavam em muitos deuses. Mas não foi o mêdo que curvou a cabeça do homem. A idéia do sagrado lhe foi sugerida intuitivamente, talvez por uma vaga recordação de sua origem divina.

2. *Mágicas e milagres*. As religiões antigas abundam de mágicas e milagres. Certas pessoas conseguiram penetrar os mistérios da Natureza terrestre e realizar determinados atos que pareciam quebrar as leis naturais estabelecidas. Tôda religião, mesmo a mais avançada, recorre à magia, para se comunicar com os semideuses e obter os seus favores.

3. *Crença em uma vida futura*. A imortalidade da alma é a pedra de toque. É a idéia que separa espiritualistas e materialistas. Para êstes, cessando a vida física, cessa tudo. A crença na vida futura serve de alicerce a

um sistema de recompensas e castigos. A religião é um freio para os maus instintos do homem; o sentimento religioso é o único fato da evolução espiritual da humanidade.

4. *A prática de cerimônias e rituais*. O cerimonial (a parte exotérica das religiões) abrange: danças sagradas e oferendas, nas religiões antigas; procissões e sacramentos, nas religiões modernas. Entre os povos de civilização primitiva, havia até sacrifícios humanos.

5. *Uma explicação do Universo* (teogonia). Como foi criado o Universo, qual a origem e o destino do homem, quais as relações do homem com os espíritos superiores (deuses menores, santos, orixás, etc.) — eis em que consiste a doutrina esotérica das religiões. Essa doutrina sagrada se traduz ainda em uma filosofia da vida, que se fixa em uma norma de conduta para o crente. A doutrina sagrada exerce, então, uma verdadeira função educativa. Nas mais antigas sociedades, a religião estava identificada com o govêrno, especialmente se êsse govêrno era uma monarquia.

Apresentando a seguir uma exposição sôbre a Lei de Umbanda, temos de estudar êsse sistema religioso sob os seguintes aspectos: a) a sua teogonia; b) a sua hierarquia sacerdotal; c) o seu ritual.

2. A TEOGONIA DE UMBANDA

Os *orixás*, ou santos de Umbanda, não são pròpriamente deuses. Na religião de Umbanda, que proveio do velho monoteísmo da raça negra, só há um Deus: OLORUN, o Ser Absoluto, que também se denomina ZAMBI. Os orixás correspondem aos santos do Catolicismo. Foi por êsse motivo que os escravos desembarcados no Brasil procuraram traduzir para o português os nomes dos seus orixás, comparando-os com os santos da Igreja Católica.

A busca dêsse sincretismo obedeceu também a uma razão de ordem prática. No comêço da escravidão, com-

preenderam os africanos que não poderiam praticar livremente o seu culto em terra brasileira. Assim., nos terreiros, armaram os seus altares ou *pegi* em veneração a, por exemplo Ogun, orixá da guerra. A imagem de Ogun ficava, no entanto, debaixo da mesa do altar, oculta pela toalha branca, enquanto, no lugar de honra, colocavam a imagem de São Jorge, o santo guerreiro que matou o dragão. Tratava-se de um artifício hábil e inocente, porém tinha a vantagem de evitar qualquer perseguição.

A verdade é que êsse artifício acabou por enfraquecer a pureza da antiquíssima religião africana, e o catolicismo, aliado ao espiritismo, alterou, em muitos lugares, a fisionomia do umbandismo, especialmente no sul do Brasil.

A própria lenda de Xangô mostra que um orixá não é um deus, porém um espírito muito adiantado e poderoso, tocado pela divindade. Deus só há UM. Enganam-se alguns autores modernos que, nos últimos anos, em um louvável esfôrço, buscaram difundir a vigorosa Lei de Umbanda. Há milhares e milhares de anos, quando os europeus ainda erravam pelas florestas e acreditavam em muitos deuses, isto é, eram politeístas, já a raça negra sabia existir um Deus Único, isto é, era monoteísta. E o monoteísmo representa um estágio de civilização superior ao poleteísmo...

Igualmente, muitos séculos antes de aparecer o iluminado Alan Kardec, o espiritismo fazia parte do culto de Umbanda e os médiuns africanos serviam de aparelho para as manifestações dos orixás e dos espíritos da natureza.

Tratemos da teogonia de Umbanda. Olorun é o Deus. Há uma Trindade: OBATALÁ (Pai), OXALÁ (Filho) e EFÁ (Espírito Santo).

Por esta concepção da Trindade, a Umbanda se enlaça nos grandes sistemas religiosos da humanidade. Assim, temos a Trindade Egípcia: Osiris (Pai), Isis (Mãe),

Horus (Filho). A Trindade cristã primitiva era Pai, Mãe, Filho. Na teosofia hindu, a Trindade é Brahma (Pai), Avidya (Mãe) e Mahat (Filho).

Na Trindade Divina de Umbanda, Obatalá representa as energias criadoras da Natureza, o princípio masculino e o princípio feminino. Não tem imagem material. Oxalá é o Filho de Deus, o Cristo, Preside a regeneração, a transformação, o aperfeiçoamento, o sacrifício, os atos nobres, Ifá corresponde ao Divino Espírito Santo, à Revelação; preside às relações sexuais, ao parto, à adivinhação, ao futuro, à Vida; não tem imagem material.

Vem agora:

I — os *orixás maiores*, que nunca baixam à terra, senão por intermédio de legiões de subalternos, os *orixás menores*.

II — os espíritos celestes superiores, que não passaram pela forma humana.

III — os espíritos de luz, espíritos da Natureza, ou Elementais, "que não são espíritos porque comem e bebem como homens". Os elementais acham-se ligados ao Fogo (Salamandras), à Terra (Pigmeus), ao Ar (Silfos), à Água (Ninfos).

VI — finalmente, os Exus. São os criados dos orixás; também castigam os pecadores, motivo pelo qual são às vêzes considerados demônios.

DEUS — OLORUN

Trindade — *OBATALÁ* (*Pai*), *OXALÁ* (*Filho*), *IFÁ* (*Espírito Santo*).

XANGÔ — orixá do relâmpago e do fogo celeste.
OGUN — orixá da guerra e das demandas.
OXÓSSI — orixá da caça.
OMULU — orixá da peste e da varíola.
IRÔCO — orixá das árvores.

OXUN-MARÊ — orixá do arco-íris.
IBEJI — orixás gêmeos.
EXU — agente das relações entre os orixás e os homens.

ORIXAS FEMININOS

YEMANJÁ — orixá do mar.
IANSAN — orixá do vento e da tempestade.
OXUN — orixá da água doce, do amor e do casamento.
ANAMBURUCU ou NANÃ — orixá da chuva e das ruinas.
OBÁ — orixá da guerra.
OSSAE — orixá das florestas.
OXUN-MARÊ — orixá do arco-íris.

Xangô — orixá "dos reis, dos nobres, dos grandes, dos justos, dos leais e dos bons". Corresponde a Júpiter e o São Jerônimo.

Ogun — orixá das lutas e das guerras. Corresponde a Marte, a São Jorge (no sul do Brasil) e a S. Antônio (na Bahia).

Oxóssi — preside à caça, às matas e florestas. Corresponde a S. Jorge (na Bahia), e a S. Sebastião (no Sul).

Omulu — orixá das moléstias, das minas, dos cemitérios, da magia negra. Corresponde a Saturno e a S. Lázaro.

Irôco — sua árvore sagrada é a gameleira branca. Corresponde a S. Francisco de Assis.

Oxun-Marê — ora masculino, ora feminino. Carrega água da terra para o céu e serve de mensageiro celeste. Corresponde a S. Bartolomeu e a Mercúrio.

Ibeji — Espíritos de crianças, ou *erês*. Corresponde a Castor e Pollux (gregos) e a S. Cosme e S. Damião.

Yemanjá — Corresponde a Nossa Senhora da Conceição e a Diana.

Iansan — Mulher *de Xangô*. Representa as mulheres livres, independentes e empreenddoras. Corresponde a Juno e a Santa Bárbara.

Oxun — orixá dos lagos, rios, fontes e regatos, do amor, do casamento, da união e dos prazeres. Corresponde a Vênus e a Santa Catarina.

Anamburucu ou *Nanê* — Mãe dos orixás. A mais velha das mães d'água. Corresponde a Santa Ana.

Ossãe — rainha das florestas; a Jurema.

Obá — orixá guerreira; representa a mulher amante, dedicada, apaixonada. Corresponde a Minerva e a Santa Joana d"Arc.

Exu — não é pròpriamente o diabo. É, antes, o grande agente mágico. Tem como reino as encruzilhadas, os lugares escondidos e perigosos. Exu é um criado dos orixás e um intermediário entre os homens e os orixás, para o bem e para o mal. A representação feminina de Exu é a *Pomba-Gira*.

— Nos cultos de Guiné e Loanda, além de Olorun (Deus) e Oxalá (Cristo), veneram *Oxaguiam* ou *Oxanian* (S. João Batista, o mestre que não teve mestre), *Urumilá* (S. Benedito, orixá da noite); *Évêrêkê* (S. Antônio); *Exékéré* (S. José e S. Zacarias); *Amacé* (Santa Isabel).

3. O SETENÁRIO UNIVERSAL

Os sete deuses — Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno — tinham nomes diferentes nos diversos idiomas. "Mas os sete deuses cosmogônicos correspondem-se em tôdas as mitologias, pelos seus sentidos e pelos seus atributos. Têm todos a mesma raiz comum na tradição esotérica".

O número sete é de alto simbolismo. Na visão de Hermes, há 7 gênios, 7 são os Amsapads da Pérsia, 7 os grandes Anjos da Caldéia, 7 os Séfirotes da Cabala (os sete representam a evolução do universo, enquanto mais três constituem o ternário divino); 7 os Arcanjos do Apocalipse cristão. Sete também são as notas da gama musical e as côres do arco-íris.

Na Cabala, a constituição setenária do homem é a seguinte: *Chat*, corpo material; *Anche*, fôrça vital; *Ça*, duplo etéreo ou corpo astral; *Hati*, alma animal; *Baí*, alma racional; *Cheïbi*, alma espiritual; *Cou*, espírito divino.

Sete são as *linhas de Umbanda*: 1.ª — de Oxalá; 2.ª — de Yemanjá; 3.ª — de Ogum; 4.ª — de Oxóssi; 5.ª de Xangô; 6.ª — de Oxun; 7.ª — de Omulu.

São 7 legiões de espíritos que governam os 7 dias da semana: — Oxalá (Sol), domingo; Yemanjá (Lua), segunda-feira; Ogun ,Marte), têrça-feira; Oxósse (Mercúrio), quarta-feira; Xangô (Júpiter), quinta-feira; Oxun (Vênus), sextafeira; Omulu (Saturno), sábado.

0. O ANJO DA GUARDA

O homem vive na terra para se desenvolver espiritualmente. Nasce, morre, renasce. Cada reencarnação é uma prova a que se submete.

É que o homem tem uma parte imortal (Espírito, Eu superior) que sobrevive através de suas transformações, e uma parte mortal, perecível (Eu inferior).

Todo ser humano é acompanhado por um orixá-menor, ou anjo da guarda, pertencente à linha de um grande orixá. Êsse anjo da guarda pode ser um espírito elemental. Emanuel Zespo explica assim a teoria do anjo da guarda: "Pela teosofia, cada ser humano possui o seu elemental, amigo inseparável. Para o batuqueiro, cada um tem o seu "orixá" (ou santo) que pode baixar (manifestar-se) ou não. E a mediunidade do "filho de santo" africano não é desenvolvida para servir de intercâmbio com os mortos ou desencarnados e sim para permitir a manifestação do seu "orixá" individual, anjo da guarda, elemental. Não se o confunda com "guia". O anjo da guarda (orixá individual) é um só para cada homem que se manifesta (há outros anjos da guarda secundários no batuque) ao passo que os "guias" nem sempre são elementais (jamais encarnados) e sim elementares (espíritos desencarnados) podendo o homem ter vários, até mesmo um

para cada uma de suas diferentes atividades na vida terrestre, ou do além, empós".

Sendo êsses orixás espíritos da natureza, apresentam maior afinidade pelos sêres humanos que têm ou tiveram maior contacto com a natureza virgem: mata, floresta, campo, serra, fonte, rio, mar, ar, chuva, sol, luar — isto é, desencarnados negros e índios conforme a explicação de Zespo.

5. HIERARQUIA SACERDOTAL

No terreiro da Umbanda cada figurante tem sua função própria, havendo uma perfeita hierarquia sacerdotal.

Nos cultos bantus por exemplo a hierarquia é a seguinte:

Grão-sacerdote: — *Ganga*, nos terreiros de Cabinda; *Tata*, nos terreiros de Angola.
Sacerdotes: — *Babalaô* (homem) chefe do terreiro, ou *babá* (mulher).
Sacerdotes-auxiliares: — *Ogan colofé; ogans* (de atabaque, de terreiro de estado); *jabonan*, ou *mãe pequena*.
Acólitos: — *Cambonos* (homens) e *sambas* (mulheres) — todos *filhos de santo* ou *filhos da fé*.

Êsses sacerdotes são assim distribuídos, quando se realizam as cerimônias do culto:

No estado (altar)

Babalaô — que preside ao ritual.
Ogan colofé — que trata do cerimonial da iniciação e auxilia o babalaô.
Jabonan — auxiliar da babá — *mãe pequena*, encarregada das mulheres.
Cambono colofé — que ajuda as cerimônias da inciação.
Dogan — primeira samba.

Ogan de terreiro — que toma conta do terreiro e tira os pontos cantados.
Ogan de atabaque — que bate os tambores.
Cambonos e Sambas — que efetuam as danças e cantos sagrados e recebem os espíritos dos orixás menores, dos elementais, dos espíritos celestes, e, nos terreiros mistos, dos espíritos desencarnados.
Filhos e filhas de santo — médiuns.

No culto *Gêge*, a hierarquia é a seguinte:

No altar

Chefe do terreiro: *Babalaxé* (homem) ou *Ialaxê* (mulher).
Mãe pequena: *Iakekerê*.

No terreiro

Homens:

Axogun — que sacrifica os animais.
Otum-axogun — auxiliar do axogun.
Alabé — tocador de tambor.
Otun-alabé — auxiliar do alabé.
Barapebé — cambono de ebó.
Ogan — filho de santo.

Mulheres:

Adagan — encarregada.
Didagan — auxiliar da adagan.
Amorô — igual à 1.ª samba.
Otun-amorô — igual à 2.ª samba.
Abacé — cozinheira.
Otun-abacé — auxiliar da cozinha.

Nos cultos de Guiné e Loanda, a hierarquia sacerdotal é a seguinte:

Homens

Mestre de preceito — chefe do terreiro.
Axogun — auxiliar do mestre de preceito.
— do toque (ilu).
Ogan — dos cantos.
— das danças.
Cambono — atendente.
Iauô — filho de santo.

Mulheres

Iakêkêrê — mãe pequena.
Iabá — cozinheira,, assuntos domésticos.
Samba — dançarina.
Iauô — filha de santo.

6. FUNÇÕES DO CHEFE DE TERREIRO

Grande responsabilidade cerca a tarefa de um chefe de terreiro. Compete-lhe conservar a tradição religiosa, manter a ordem nos trabalhos, representar o terreiro perante a autoridade pública, resolver os casos que surgirem. As suas principais funções são: "1.º) com indumentária adequada, realizar tôdas as celebrações do ritual como por exemplo, a da *macumba* ou *curimba* ou *cangira*, durante a qual são atendidos os Filhos ou Filhas de Santo, feitos os *embés* (sacrifícios de animais), invocados os Orixás, etc. 2.º) identificar o Orixá que se manifesta num médium, e procurar fixá-lo no respectivo fetiche. 3.º) pôr um ponto final nas disputas entre os membros da seita, seja pela persuasão, seja com o auxílio dos fetiches de preferência dos querelantes. 4.º) praticar a adivinhação, por meio dos *búzios*. 5.º) exercer o ofício de curandeiro, diagnosticando as doenças e receitando. 6.º) praticar a feitiçaria ou magia negra". (1)

Quanto a esta última função, convém notar que nos verdadeiros terreiros de Umbanda não se pratica senão a magia branca, para o bem. A prática da magia negra prejudica o desenvolvimento espiritual do ser humano, seja de quem a executa ou de quem a utiliza.

7. OS MANDAMENTOS DA LEI DE UMBANDA

I — Não faças ao próximo o que não queres que te façam.
II — Não cobices o alheio.
III — Socorre ao necessitado, sem perguntas.
IV — Respeita tôdas as religiões, porque vêm de Deus.
V — Não critiques o que não entendes.
VI — Cumpre a tua missão mesmo com sacrifício.
VII — Defende-te dos malvados e resiste ao mal.

(1) Ary Maurell Lobo — "Saravá Ogun" em "Ciência [illegible]", edição de setembro de 1950.

II Parte

RITUAL DE UMBANDA

I — A INICIAÇÃO

1. O que é Iniciação
2. A Iniciação Umbandista
3. Confirmação dos Graus

II — INVOCAÇÃO DE ORIXÁS E ENTIDADES ESPIRITUAIS

1. Linhas e Falanges
2. A Linha das Almas
3. A Linha de Jurema

III — A CERIMÔNIA FÚNEBRE DO VUMBI

IV — OUTRAS CERIMÔNIAS

1. Preparação para abrir o terreiro
2. Consagração dos "otás"
3. Comidas de santo.
4. O ritual da "troca de cabeça"
5. Valor dos pontos riscados e cantados
6. As penitências
7. Origem do samba
8. O perigo das improvisações
9. Trajes do Ritual
10. Recepção de Babalaô
11. Fechamento do Corpo
12. As Ervas (Macaia)
13. O jôgo dos Búzios
14. Caminhos Fechados
15. Confirmação dos Orixás
16. Preconceitos da Lei
17. Amuletos.

"O Senhor reside no templo do corpo. Êle conhece os nossos mais íntimos pensamentos. Se há algum mal em adorar imagens, não conhecerá que tôda adoração está dirigida a Êle? Com gôsto a aceitará, sabendo que é para Êle."

(Sri Ramacrishna)

A INICIAÇÃO

"O coração do devoto é o templo do Senhor."

(Sri Ramacrishna)

1. O QUE É INICIAÇÃO

Sôbre iniciação, diz o "Dicionário de Ciências Ocultas" (1):

"*Iniciação* — Espécie de educação gradual, na qual o discípulo, instruído primeiramente nas suas *possibilidades* por meio de uma exposição dogmática e ainda hipotética, desenvolve em si por seus próprios esforços, faculdades transcendentes das quais não possui agora senão o germe.

"Existem entretanto, duas espécies de iniciação: a dos *Mistérios menores* e a dos *Mistérios maiores*.

"A primeira destas iniciações não comporta senão um apanhado sintético das ciências elementares, dos princípios gerais, pouco definidos, do ocultismo.

"A iniciação dos Mistérios maiores, a grande Iniciação, ou a *Iniciação*, simplesmente, abrangia a metafísica das ciências no seu grande desenvolvimento, assim como a prática da arte sagrada ou Ocultismo.

"A arte sagrada era ensinada nos templos por professôres hierárquicos que faziam o neófito passar pelos diversos graus da Iniciação.

(1) "Dicionário de Ciências Ocultas", publicado pela Editôra "O Pensamento", de São Paulo, em 1946.

"A grande iniciação era idêntica em todos os santuários ocultos."

E o mesmo Dicionário assim define iniciado:

"*Iniciado* — O Iniciado é o que tem conhecimento dos mistérios, isto é, que conhece a ciência oculta, a arte sagrada. Tal é o verdadeiro Iniciado.

"O Iniciado de grau elevado é o que tem o poder de mandar sôbre os espíritos elementais, e, por conseguinte, o de impor silêncio ao raio, domar as ondas e a tempestade. Pode também restabelecer no corpo humano o equilíbrio perdido; regenerar os órgãos e fazer voltar a saúde. E tudo isso se realiza pelo exercício de sua própria vontade, que põe em movimento o fluido magnético."

Em um documento mimeografado da Sociedade Teosófica Brasileira que transcreve um artigo sem assinatura, publicado em 1843 na revista "Sophia", encontramos o seguinte trecho: "Os esforços espirituais necessários para o desenvolvimento da intuição e de seu correspondente sentido da clarividência constituem o que se chama a *Iniciação*. Os iniciados são indivíduos que, por desenvolvimento moral e elevação de pensamento, colocaram-se em condições de um Mestre ou Adepto de grau superior os tomar a seu cargo para abrir-lhes as portas que dão entrada ao conhecimento dos grandes mistérios da Natureza. Depois de certas provas, no sentido de demostrar a completa aptidão do neófito para a nova vida a que aspira, é admitido aos ensinamentos, os quais têm por objeto despertar nêle os órgãos de faculdades que o hão de pôr em contacto com a verdade".

Conforme ensinam os instrutores da Sociedade Teosófica Brasileira, "A ciência oculta dá o meio de se desenvolver os órgãos espirituais e fazer com que brilhe a luz correspondente. A disciplina que a isto conduz divide-se em três etapas:

1ª. — *a preparação,* que desenvolve os sentidos espirituais;

(2) "Boletim de Estudo", Série Regular A, n.º 6.

2ª — *a iluminação,* que aviva a luz espiritual;

3.ª — *a iniciação,* que permite a comunicação com altas entidades espirituais.

Não se deve supor que êstes três graus hajam de seguir-se de tal maneira que seja de absoluta necessidade haver freqüentado o primeiro passo para penetrar no segundo, e terminar êste para entrar no terceiro. Sob certas circunstâncias, pode-se desde logo, tomar parte na Iluminação ou na Iniciação antes de se ultimar a Preparação.

Entretanto, o caminho mais seguro consiste em se passar antes, pela Preparação, depois pela Iluminação e ultimar na Suprema Iniciação."

2. A INICIAÇÃO UMBANDISTA

Descrevendo a iniciação de uma *iauô* (noviça), diz Ary Maurell Lobo:

"Na primeira fase, a *iauô* faz um despacho a Exu, com os alimentos que o satisfazem. De seu turno, o Babalaô prepara um fetiche, lava-o e imerge em azeite de dendê, mel ou acassá, conforme o protetor. As vestes da iauô são então inutilizadas para sempre, e ela recebe o primeiro banho de ervas sagradas, o *amaci,* do pescoço para baixo. Em frente do pegi, sentada numa cadeira ainda não usada, enquanto se processa um sacrifício de animais, submete-se a noviça à raspagem da cabeça (antigamente, raspavam-lhe todos os cabelos do corpo). Pontos e círculos brancos são pintados no crânio, na testa e nas faces. Soam os *atabaques,* e a *iauô* executa a dança sagrada, até que o seu Orixá se manifeste, baixe no terreiro, chegue à sua cabeça, e ela experimente o estado de santo. É o exato momento de a conduzir para a *camarinha,* ou seja um quarto ou cela absolutamente insulado, onde deverá permanecer durante dezesseis dias.

A segunda fase é a de sua primeira cerimônia pú-

blica, numa cangira, ou macumba. Donde sai para nôvo estágio na camarinha, por mais seis meses a um ano, para aprender o ritual e um pouco da língua africana. Não pode apanhar os raios solares na cabeça, deve manter-se em silêncio absoluto, só interrompido pelo Babalaô que lhe ministrará os alimentos — as comidas de santo, e os ensinamentos."

Quando se apresenta ao chefe do terreiro alguém com mediunidade, reúnem-se no gongá o babalaô, o ogan colofé e as outras cabeças maiores, jogam os búzios para saber o grau de mediunidade do candidato noviço, e a linha a que deve pertencer, verifica-se qual o seu anjo-da-guarda, marcando-se finalmente o dia para ser feita a obrigação.

O ogan colofé é o encarregado de apanhar as ervas, de acôrdo com o anjo da guarda do pretendente, antes do nascer do Sol. Realiza-se, nessa ocasião, uma cerimônia à parte, consistindo em uma oferenda a Ossãe.

Faz-se com as ervas o *amaci* ou *obori*, conforme a linha.

O pretendente compra as vestes do ritual e escolhe o padrinho e a madrinha. Esta oferece a guia do anjo da guarda do neófito, e o padrinho oferece *obi* e *orobô*.

O noviço permanece 16 ou 20 dias na camarinha, deitado na esteira ou no lençol. Há uma pessoa encarregada de servi-lo, de acôrdo com o anjo da guarda.

Assistem à entrada na camarinha vários habalaôs convidados, juntamente com o padrinho e a madrinha. Realiza-se a cerimônia diante do *otá* do orixá protetor. O ogan do terreiro canta os pontos para a entrada na camarinha.

No 1.º dia, faz-se a obrigação da *lavagem da cabeça*, com o *amaci* e o reconhecimento do padrinho e da madrinha. Na camarinha, só podem entrar, com as vestes do ritual, o padrinho, a madrinha e as cabeças maiores, os quais, antes disso já prepararam o corpo com defumador,

No 2.º dia, salva-se o anjo da guarda, com os atabaques, às 6, 12, 18 e 24 horas. A meia noite, efetua-se o cruzamento do sangue, com a abertura de coroa na cabeça do noviço.

No 3.º dia, dá-se *obi* e *orobô* ao noviço, com o ritual apropriado, participando todos os presentes da comida.

Nos dias seguintes, às mesmas horas, repetem-se as mesmas saudações. No dia da saída, realiza-se uma festa de comida a todos os orixás. Após a saída, o noviço evita apanhar sol durante 16 dias.

Antigamente, quando as crianças nasciam, os pais providenciavam a cerimônia do cruzamento, com o fim de fechar a morada aos *kiumbas* (espíritos maus, sofredores, dos desencarnados), até que a idade permitisse a iniciação completa e definitiva.

Todo ser humano tem uma determinada missão a cumprir na terra. Enquanto não encontrar o caminho necessário, o homem está sujeito a sofrimento e transes difíceis. Depois que conhece a sua verdadeira missão, o homem vê a vida evoluir ritmadamente, atingindo a felicidade.

É um êrro supor alguém que "já nasce feito". Se, por exemplo, todo médium procurasse desenvolver o seu grau de mediunidade, haveria um grande benefício para o gênero humano e estariam resolvidos numerosos problemas de psicologia social.

Nos terreiros de Umbanda, antes da iniciação, procura-se determinar o grau de mediunidade e a linha a que pertence o neófito. Cumpridas as obrigações, o noviço passa a ser "filho de santo", ou "filho da fé". Ao ser feito o amaci (lavagem da cabeça), o noviço presta um juramento dentro do ritual.

O babalaô é responsável pela vida espiritual do iniciado, como se fôsse um pai. Os filhos do mesmo "pai de santo", não podem casar entre si, sendo, pois, proibido o casamento entre irmãos de obrigação.

Tal é a fôrça moral e a conduta imaculada do babalaô perante os filhos e as filhas de santo do seu terreiro. Não pode haver comércio sexual entre o babalaô e as filhas de santo, do mesmo terreiro, sob pena dos mais severos castigos, até com perigo de vida.

As datas das obrigações dos iniciados são marcadas de acôrdo com as fases da Lua, assim como a saída da obrigação depende da posição aparente do Sol.

Os antigos babalaôs conheciam muito bem Astronomia prática e as relações entre os astros e as atividades humanas (Astrologia). (1)

Quando cumpre a obrigação do ritual, o neófito muda de nome, ou *suna*.

Nos terreiros de Guiné e Loanda, o candidato à iniciação se apresenta na véspera do dia marcado ao corpo das autoridades do culto; depois de declarar se está em condições, faz-se o jôgo dos búzios (ou dos dendês);

(1) A Astrologia procura estabelecer as circunstâncias favoráveis e desfavoráveis para a vida de cada um, pelo estudo dos astros, particularmente do Sol, da Lua e dos planêtas.

Foi instituido recentemente na Universidade da Califórnia — Estados Unidos — um Curso de Astrologia, exigido para quem adotar a profissão de astrólogo, isto é, quem levantar e interpretar mapas astrológicos, que possibilitem o estabelecimento de horóscopos.

Ligado ao estudo da Astrologia, está o da Numerologia. O grande iniciado Pitágoras, da Grécia, ensinava que a ciência dos números era a chave do universo. Cada número é uma entidade que tem caráter próprio e virtude intrinseca. "O sistema de vibrações numéricas, ensinado por Pitágoras — diz Rosabis Gamaysar — se estendia a dezenas e centenas, mas sua base fundamental era a série dos números de 1 a 9, de modo que, com esta série apenas, podemos formar uma interpretação do caráter e das condições do indivíduo". É que... "o homem é o mais poderoso centro de manifestações de energia que se encontra no meio terrestre, tendo reunido em si tôdas as lições e experiências vibratórias dos diversos reinos da natureza, partindo do átomo até as mais altas classes de sêres animais",

obtida resposta favorável, reúnem-se o *mestre de preceito* (ou babalaô, chefe do terreiro), o *mestre de cerimônia* (correspondente, em angola, ao ogan colofé) e a *akêkêrê* (mãe pequena); chamam o *feitor* (cori-ogan), ao qual é entregue o candidato, sendo o feitor auxiliado por um ajudante. Dá-se ao feitor, para comprar, a lista dos aviamentos do preceito, que compreende: obi e orobô, acassá, pimenta da Costa, sabão da Costa, pombos, galarotes e galinha de Guiné, alguidares, fitas, perfumes, macaia (ervas), etc.

O noviço recebe o *bastão de Guiné*, denominado *manguara guialê*. Êsse bastão constitui um patuá ou talismã para os casos de doença grave, dificuldades, viagens perigosas, guerras; representa as fôrças de Guiné, mas não serve de arma de ataque. (2) As vestes do ritual da iniciação ficam em casa do mestre de preceito, só podendo sair para a companhia do iniciado mediante licença do mestre e se o iniciado residir em casa própra onde haja um lugar adequado, ou pegi. O transporte é realizado com festejos típicos. (3)

Todavia, antes da manifestação, ou prova de mediunidade do candidato, não se faz preceito algum. Pode acontecer, durante qualquer festa, que algum visitante, surpreendido pela emoção ou comoção ou pelo entusiasmo, caia em transe. Nesse caso, fica aos cuidados do mestre de preceito, sendo essa manifestação inesperada recebida como um presente divino.

O aspirante à iniciação é levado ao mar, em dia prefixado, para agradecer à natureza a graça concedida. Igual cerimônia se cumpre na cachoeira. De volta, acende-se uma grande fogueira, em tôrno da qual dançam

(2) É universal o simbolismo do bastão. Assim Moisés, com e seu cajado fêz brotar água da rocha. As lendas das feiticeiras falam da varinha de condão. Atribuem ao bastão ou varinha virtudes mágicas.

(3) Êsse ritual será descrito minuciosamente em um próximo fascículo sôbre "Ritual de Guiné e Loanda", a ser editado pela "Confederação Espírita Umbandista".

e jogam bilhetes contendo pedidos, agradecimentos, etc., para o orixá do fogo destruir os males. No dia seguinte, as cinzas da fogueira são lançadas na água corrente, com pão e carne fresca, para que o vento não contamine aquelas cinzas sagradas.

Todos os membros do terreiro são obrigados a, uma vez por ano, visitarem o mar e a cachoeira, terminando a excursão com a dança da fogueira, em homenagem a Exu. Assim, os crentes ganharão fôrça e descarregarão os malefícios. Essa obrigação é geral para todos, sejam simples adepto ou iniciado.

Quanto aos que devem fazer obrigação de cabeça (iniciados) passam 24 horas isolados na camarinha, para fazerem a volta do dia com a noite. Em seguida, o noviço é coroado e recebe o bastão de Guiné, completando-se, assim a iniciação.

Mas tarde, o iniciado, se reside em casa de sua propriedade, pode solicitar ao mestre de preceito o assentamento do orixá em pedra, cerâmica ou minério em sua casa.

Achamos oportuno, aqui, fazer referência aos antigos mestres de Umbanda nas nações de Guiné e Loanda enraizadas no Brasil. Os terreiros de Guiné só trabalham com Exus, caboclos e *tata massambis* (velhos Minas), antigos mestres de preceito. Entrevistamos, a respeito, o mestre de preceito Fabico Durumilá (Flávio Costa, na vida civil). Em 1916, já adepto, Fabico Durumilá foi manifestado em praça de guerra e, em 1918, fêz curas de gripe espanhola no Corpo de Bombeiros, auxiliado pelo orixá Oxóssi e por Exu Bara. Sete anos depois, recebeu ordem do orixá para assumir o grau de mestre de preceitos, no Rio e em Minas Gerais.

Durumilá forneceu a seguinte relação de antigos mestres, desde 1700: — Tio Batumdê, Tio Êrêpê, Tio Bomgochê, Tio Bocayodê, Tio Obitayó, Lori, Tio Alabá, Tio

Vavá, Tio Hilário e Tio Bernardino, Tio Nani e Tio Obinanã, Tia Fabi, Tio Obitayolabi, e Vicente Bangolé (êste último, um nagô vivo).

3. CONFIRMAÇÃO DOS GRAUS

O babalaô prepara qualquer um que deseje seguir a carreira. Alguns só querem ter segurança, defesa contra o mal visível e o invisível; outros, porém, têm missão a cumprir dentro da seita.

O primeiro grau de iniciação do filho de santo é o de *cambono* (homem) e *samba* (mulher). Iniciam-se nos mistérios da Lei de Umbanda. São auxiliares dos sacerdotes, competindo-lhes enxugar o rosto dos médiuns, evitar que se machuquem, socorrê-los quando em transe. Os cambonos prestam assistência aos homens e as sambas às mulheres.

Depois, treinam para *cambono colofé,* ou filhos da fé, para o desempenho de tarefas de responsabilidade. O *cambono colofé do terreiro* é o ajudante do ogan de terreiro.

Aprendem a cantar para todos os orixás, a abrir o terreiro, a receber qualquer babalaô, a cantar para as grandes cerimônias. Depois, quando estão preparados para serem confirmados como *ogan de terreiro,* o babalaô convida 7 ogans de outros terreiros, dos mais conceituados, para darem a confirmação.

O cambono colofé de terreiro submete-se a uma espécie de exame pelos ogans convidados, que o mandam executar diversas cerimônias do rito, próprias do ogan de terreiro. O babalaô preside ao exame, mas ficando neutro, sem intervir. Se o candidato se sair bem da prova, os ogans examinadores consideram-no aprovado, cumprimentam-no como seu igual e um dêles lhe oferece as guias de ogan de terreiro. Na mesma noite, realiza-se uma grande comida para Exu, Pomba Gira e o orixá protetor do terreiro. Está, assim, confirmado o nôvo ogan de terreiro.

O ogan de terreiro é o que recebe e executa as ordens do estado ou gongá, por intermédio do *ogan-colofé*, para cantar qualquer ponto.

Após a confirmação, o candidato aprende a tocar no tambor em todos os ritos (nagô, gêge, cabinda, etc.) e recebe a confirmação de *ogan de atabaque*.

Em seguida, o ogan de terreiro treina para *ogan colofé*. Conhece as ervas do amaci, sabe tratar dos otás, conhece os pontos riscados e seus efeitos, conhece as comidas de santo, aprende a usar a faca para sacrificar animais. O ogan colofé é o único, depois do babalaô, que pode sacrificar animais.

Depois de convenientemente preparado, passa pelas provas necessárias, como foi acima descrito, e recebe a confirmação de ogan colofé. Nessa noite, há uma festa de comida a Ogun, Xangô, a seu anjo da guarda, etc. Recebe, então, a faca e as guias do grau.

A última etapa da iniciação é a de *babalaô* (*tata, ganga*, etc., conforme a nação). O babalaô deve saber tudo, todos os mistérios e segredos de Umbanda, a doutrina e o ritual. O ogan colofé candidato a babalaô deve passar pelas provas e ser confirmado pelos babalaôs de outros terreiros. Confirmado nesse grau superior, recebe todos os apetrechos da seita e pode então abrir outro terreiro. Se, entretanto, preferir continuar no mesmo terreiro, ficará subordinado ao antigo babalaô.

A melhor atitude será abrir outro terreiro, a fim de beneficiar os outros com as luzes que recebeu.

Num terreiro, pode haver 1.º, 2.º, 3.º, etc. ogans de terreiro, se assim fôr conveniente.

A autoridade moral do babalaô é imensa. Assim, antigamente, às primeiras manifestações do orixá, costumava-se tirar a prova do médium e da fôrça do orixá, na presença de todos, fazendo-se o médium dançar sôbre vidros, sôbre fogueira de brasas (aguerê); ou então botava-se brasa na bôca do médium, mandava-se que êle buscasse uma cobra no mato e dançasse com o perigoso ofídio, e bebesse azeite fervendo.

Hoje, êsse costume está fora de uso, exceto se houver alguém que duvide ou ridicularize o orixá. A maioria, entretanto, condena tais práticas, bastando que o babalaô assegure ser real a manifestação.

Muitos babalaôs costumam adotar o nome (*suna*) do seu orixá. Houve um grande babalaô, chamado Sebastião. Como o seu orixá era Oxóssi Obicaia, o babalaô passou a ser conhecido com a suna de Sebastião Obicaia.

Aliás, no catolicismo, os frades de algumas ordens religiosas adotam como prenome o da cidade onde nasceram. Assim, frei Henrique de Coimbra, frei Antônio de Grajau, e outros.

CAPíTULO II

Invocação de Orixás e entidades espirituais

1. LINHA E FALANGES

Os orixás descem aos terreiros e se manifestam aos crentes através de "médiuns" ou "cavalos". Os orixás possuem bastante poder espiritual, mas necessitam de um instrumento físico.

Notam-se os primeiros sinais da manifestação quando o médium fica de olhos fechados e não fala. Então, o babalaô trata de lhe devolver a fala e lhe abrir os olhos.

Se o fluido pega o "cavalo" em cheio, joga-o no chão, às vêzes com brutalidade. O babalaô deve corrigir êsses defeitos do médium. É necessário que a manifestação do orixá não seja perturbada pelo pensamento do "cavalo", não devendo haver colaboração alguma das idéias do médium.

No gongá, fica sempre um copo liso branco, de cristal (ou uma tijela branca ou um espelho), pelo qual o babalaô controla o movimento dos sêres espirituais e também dos visíveis (encarnados).

O espírito dá o sinal de sua chegada da seguinte forma: — primeiro no copo onde o babalaô vê tudo, forma-se uma camada gaseificada, de várias côres, conforme o orixá. Quando é *kiumba* (espírito mau) no copo aparece uma côr arroxeada ou mesmo escura.

Já dissemos que os grandes orixás não descem à terra, mas se manifestam através de orixás menores.

Há 12 falanges de espíritos, porém apenas 7 linhas, porque algumas falanges se ligam a Oxun.

As 12 falanges são:

1. Oxalá
2. Nanã
3. Omolu
4. Ogun
5. Oxóssi
6. Oxun
7. Iansan
8. Yemanjá
9. Ibeiji
10. Exu
11. Xangô
12. Linha das Almas.

As sete Linhas de Umbanda são:

I — Oxalá
II — Yemanjá
III — Ogun
IV — Oxóssi
V — Xangô
VI — Oxun
VII — Omolu.

Na falange de Oxalá, o chefe é *Oxalá Alufan;* os orixás menores são: *Oxalá Guian, Oxadá Dacun,* etc. Oxalá Alufan sòmente baixa de 21 em 21 anos; Oxalá Guian, de 7 em 7 anos; e outros uma vez por ano.

Na falange de Ogun, o chefe é *Ogun Megê;* os orixás menores são: *Ogun Rompe Mato, Ogun Dilê, Ogun Iara,* etc.



A foto representa uma Jabonan (mãe pequena) incorporada, com Oxóssi; tirando uma corimba para o ogan de atabaque, e servida pela samba.

Na falange de Xangô, o chefe é *Xangô Agaju;* os orixás menores são: *Xangô Agodô Alafin, Xangô de Ouro, Xangô Albumin*.

Na falange de Oxun, o chefe é *Oxun Eubandá*.

Na falange de Iansan, o chefe é *Inhapopô*.

Na falange de Omulu (*Abaluaê, em nagô*), o chefe é *Xapanan*.

Na falange de Yemanjá, a mais velha é *Assabá*.

Na falange de Nanã, a mais velha é Iabaí.

Na falange de Oxun, a mais velha é *Epondá* (em nagô).

Os Exus são criados das falanges dos Orixás. Cada orixá tem um exu, seu empregado. Assim, *Exu Lalu* (chefe da falange dos Exu) é criado de Oxalá Alufan. *Exu Barabô* é de Xangô Agaju. *Exu Tiriri* é de Ogun Megê. *Exu Tranca Rua* é de Oxossi. *Exu Mirim* é de *Ibeiji*. *Exu Daké* é de Omulu.

Na falange de Pomba Gira (exu feminino), a chefe é *Curiê*. Os exus femininos servem às falanges dos orixás femininos, como Oxun, Yemanjá, Iansan etc.

Nos terreiros que adotam a prática da comunicação com os espíritos dos desencarnados (êguns), há uma regra que é fundamental: o êgun segue sua tradição. Se se invoca, por exemplo, algum desencarnado alemão, deve-se fazê-lo em alemão e esperar que êle se manifeste em alemão. Se no terreiro não há um médium que entenda alemão, nada feito. Não há manifestação alguma.

Explica-se isso. O que vale, no caso, é a última encarnação conhecida. Normalmente, não guarda o espírito memória das sucessivas reencarnações por que passa.

Nos tempos da escravidão, os orixás levavam e traziam mensagens do Brasil à África. Os umbandistas recebiam as mensagens através dos médiuns. Os orixás se manifestavam nos médius e assim transmitiam aos terreiros notícias do continente africano. *Êsse fato*, absolutamente histórico, *pode ser comprovado por meio dos "pontos cantados" naquela época*.

Os escravos sabiam aqui o que se passava na pátria distante.

Ainda mais: a comunicação especial invisível continua entre os terreiros do Brasil e os da África!

Os nativos de Loanda e Guiné chegaram ao Brasil, em maior número, em 1640, quando os Espanhóis dominaram Portugal, por motivos dinásticos. Os novos senhores projetaram a construção de estradas de penetração no interior brasileiro. Espanhóis em dificuldades em sua pátria se ofereceram ou foram compelidos às tarefas de exploração na vasta colônia lusitana. Aqui, tornaram-se capitães do mato, e como não lhes foi permitido trazer família, a mestiçagem agiu ràpidamente, amaciando a rigidez inicial. Com êles, vieram frades. Os espanhóis e portuguêses que se encarregaram da supervisão do trabalho escravo dividiram-se em três categorias: capitão do mato, capataz e feitor. O feitor morava nas tarimbas, fiscalizando de perto os escravos; o capataz, sempre montado, estabelecia o entendimento com o capitão do mato. Desembarcados na Bahia, os nativos de Guiné e Loanda rumaram para Minas Gerais, em longas caravanas pelo rio São Francisco, cujo curso acompanhavam. Durante a viagem, os escravos entoavam hinos em voz baixa, recordando a terra distante. Nessas levas, vieram sacerdotes africanos, verdadeiros iniciados no ocultismo, e que, pouco a pouco, foram adquirindo autoridade moral. Penetrando o sertão bravio, as caravanas iam sendo atacadas pelas maleitas e por doenças desconhecidas. Agravou-se a situação, pois era penoso recuarem, após seis meses de viagem. Nessa emergência, o capitão do

mato convocou os seus auxiliares e o frade, prevalecendo, então, a opinião de que deviam abandonar os doentes febris nas margens do rio São Francisco e recuar com o restante.

Mas um dos escravos — antigo sacerdote — lançou um olhar expressivo ao capitão do mato, conseguindo dêste licença para fazer sugestões. Ora, entre os escravos havia quem conhecesse as virtudes das ervas, os segredos da flora, que poderiam combater o mal. Foi então despachada uma turma, acompanhada de feitôres, para investigar a vegetação próxima. Colheram nas matas rasuras de pau pereira, pau d'alho e sucupira. Deram aos doentes rãs e fôlhas de caruru, além daqueles vegetais. Logo depois, um feitor foi buscar o capitão do mato para verificar o maravilhoso efeito da medicação. Uma grande assembléia se reuniu para agradecer ao capitão. De repente, um escravo interrompeu o silêncio, e, como se fôsse inspirado, avisou que retirassem o pessoal de todo o serviço e começassem a construir com urgência canoas e cordas de fibras, pois o lugar ia ser inundado pelas enchentes, dentro dos 7 primeiros dias do mês entrante. E, para confirmar que estava inspirado, deu notícias minuciosas dos seus parentes que haviam ficado na África. Avantajou-se mais a crença no capitão do mato e êste mandou que fizessem tudo de acôrdo com aquêle aviso.

E no dia indicado, as águas cresceram e tornaram a região navegável pelas canoas construídas. Não fôra o aviso, teriam todos perecido.

Então, foi concedida a segunda liberdade, a de fazerem a festa de agradecimento pela graça recebida. O frade oficiou a cerimônia católica e permitiu que os escravos festejassem o acontecimento segundo a sua tradição. Foram, noitadas de grande satisfação geral.

O piedoso frade veio a falecer em São Francisco, na Bahia. Os nativos de Guiné e Loanda deixaram vestígios de sua presença nessa região entre a Bahia e Minas Gerais.

Em Pirapora, existem umas pedras arrumadas em uma circunferência de 62 metros. Desce-se para a Sala da Onça por uma estreita escada iluminada pelos raios do Sol. Conforme a lenda, a mesma sala, onde foram enterrados os preceitos de Guiné e Loanda, é percorrida por uma onça que vive há séculos, cujos restos são vistos e cujos rugidos podem ser ouvidos em muitas ocasiões.

Nessa mesma zona, corre também a lenda do *gembrô*. Os gembrôs são sêres misteriosos, imateriais, que vivem no rio São Francisco, em caldeirões profundíssimos, entre Pirapora, São Francisco, Bom Jesus da Lapa, Lençóis, Tremedal, Joàzeiro. Em certas épocas do ano, êsses sêres perguntam aos pescadores; "Já gembrô? Vai gembrá?". Conta-se que um *Gembró* segurou uma canoa com a mão, mas o pescador decepou-a com um remo; a mão do gembrô se materializou e caiu no fundo da canoa; o gembrô reclamou-a, e, afinal o pescador a restituiu; no dia seguinte, pescando, foi atacado por um peixe colossal que lhe arrancou um ôlho, advertindo-o de que êste não lhe seria restituido.

Ninguém até hoje sabe o significado preciso da palavra *gembrôL* (*)

2. A LINHA DAS ALMAS

Sob o ponto de vista das nações, as sete linhas de Umbanda são: Nagô, Gêge, Cabinda, Congo, Malê, Angola, Moçambique. Já estão desaparecidas, ou quase, as seguintes: Rebôlo, Cassange e Benguela. Advertimos que essa designação de "linhas" é imprópria, sendo preferível a de "cultos". As verdadeiras linhas correspondem a falanges de espíritos chefiadas por orixás.

Embora os umbandistas só trabalhem com os orixás, os espíritos celestes e os elementais, está se desenvolvendo muito a chamada *Linha da Almas*, que é um ritual composto dos espíritos de babalaôs velhos que não cum-

(*) Parece que **gembrô** é palavra tupi, significando **comer.**

priram tôda a sua missão na terra. São os *cacarucai* (velho ou velha), ou espíritos de antigos chefes de terreiro. Chamam-se Pai Cabinda, Pai Benguela, Pai João, Povo de Congo, Tatá Veludo, Tatá Caveira, Tatá Angola, etc.

A Linha das Almas é muito forte. Êsses espíritos esclerecidos também baixam nos terreiros de Angola, porque são espíritos conscientes, conhecedores do culto. Não são considerados *kiumba* (espíritos desencarnados sofredores ou malfazejos).

Essa linha não possui cerimonial próprio, dependendo de cada *cacarucai* que baixar. Na linha das Almas, há os pontos cantados invocando cada um pelo nome que tinha em vida.

Com muita justiça, os cacarucai são considerados "protetores" ou "conselheiros" da doutrina de Umbanda.

3. LINHA DE JUREMA

Na parte referente ao culto bantu-ameríndio, descrevemos a teogonia da Linha de Jurema, tratando das grandes falanges de entidades espirituais.

Nos terreiros de Jurema, baixam os antigos caciques índios e os *piagas*, ou pagés. Êsses pagés correspondem aos babalaôs.

Damos agora algumas invocações por jovens mulheres a *Rudá*, protetor do amor:

Rudá, Rudá
Iuáka pinaié
Amãna reçaiçú...
Ináka pinaié

Aiuté Cunhã
Puxiuéra oikó
Ne mumanuára ce recé
Quahá caarúca pupé.



A foto representa um gongá das almas, cruzado com o ritual africano, pois nesses gongás são usados espelhos para contrôle do movimento dos visíveis e invisíveis. Na foto aparece com uma cobra venenosa enrolada no braço, no reino místico de Yemanjá, a chefe de terreiro dona Marta Augusta, do "Centro Nossa Senhora da Conceição", pedindo fôrça para abrir o seu terreiro em Duque de Caxias

Tradução: Ó Rudá, tu que estás nos céus, e que amas as chuvas... Tu que está nos céus... faze com que êle, por mais mulheres que tenha, ache tôdas feias; faze com que êle se lembre de mim esta tarde quando o Sol se ausentar no ocidente.

Eis uma invocação à lua cheia (Cairé):

Cairé, cairé nú
Manuára danú çanú
Eré ci erú cika
Piape amu
Omanuára ce recé
Quahá pituna pupé.

Tradução: Ela, ó minha mãe, fazei chegar esta noite ao coração dêle a lembrança de mim:

E esta invocação à lua nova (Catiti):

Catiti, Catiti
Imára notiá
Notiá imára
Epejú
Emú manuára
Ce recé
Cuçukui xa ikó
Ixé anhú i piá póra.

Tradução: Lua nova, ó lua nova! assoprai em fulano a lembrança de mim; eis-me aqui, estou em vossa presença; fazei com que eu tão sòmente ocupe seu coração.

CAPíTULO III

A cerimônia fúnebre do Vumbi

Quando morre o babalaô ou qualquer outro membro do terreiro, realiza-se a cerimônia fúnebre do *vumbi*, ou *tiração da mão do vumbi*.

Colocado o caixão funerário no centro da sala, celebra-se uma espécie de missa de corpo presente.

Retirado o caixão, os que o conduzem para o cemitério dão 7 passos para a frente e 3 para trás, durante todo o percurso. Ao decer o ataúde à sepultura, descem-no e suspendem-no três vêzes, até que o depositam no fundo.

Na casa do morto, o ritual continua ainda por sete dias. A cerimônia começa às 6 horas da tarde (18 horas) e se prolonga até meia noite. Na sala, as luzes estão apagadas; só há velas acesas. Ouve-se um canto triste, uma melopéia que comove. Considera-se que o espírito do morto está presente, assistindo a tudo, e o *vumbi* é para retirá-lo da casa.

Após os sete dias, são reunidos os pertences do morto ligados ao culto; jogam os búzios para ver se os pertences ficam com a cabeça maior (o mais graduado do terreiro) ou se vão despachados para onde deve ir.

A cerimônia do vumbi é sempre presidida por um babalaô; se o morto era babalaô, ao chefe de outro terreiro compete dirigir os trabalhos.

Tudo terminado, os filhos do terreiro são obrigados a ir a outro terreiro tirar a mão de *vumbi*.

No interior do Brasil, e mesmo aqui na Guanabara, o ritual do *vumbi* está difundido. Em alguns terreiros do Norte, combina-se o ritual africano com rezas e ladainhas católicas, de tal modo que aos não iniciados esconde inteiramente o sentido umbandista da cerimônia que é, na verdade, de uma grande beleza esotérica.

O *vumbi* lembra certos cultos egípcios e orientais.

CAPíTULO IV

Outras cerimônias

1. PREPARAÇÃO PARA ABRIR O TERREIRO

Em muitos terreiros, há uma espécie de pequeno abrigo ao lado. Nesse abrigo, acha-se um *otá* sentado, representando Exu e Pomba Gira, os guardiões do terreiro. Relembra-se, a propósito, que Exu é o agente mágico universal, por cujo intermédio o mundo dos vivos se comunica com o mundo espiritual, em seus diversos planos. (1)

O *otá* é feito de tabatinga e consagrado com um bode prêto, um galo ou uma galinha, etc., conforme descreveremos adiante.

Por isso, antes de se abrir um terreiro, e para evitar o mal visível e invisível que possa perturbar os trabalhos, reforça-se os guardiões de acôrdo com o preceito isto é, dá-se o *mi-amiami* (farofa amarela), um *quicó* (galo), *agé* (galinha), *menga de quicó* (sangue de galo), etc. Entrega-se ao cambono êsse *ebó*, para ser levado ao destino conveniente, acompanhado de parati, vela, charuto, etc. O cambono deposita o ebó na encruzilhada,

(1) O grande cientista — filósofo e astrônomo francês — Abade T. Moreaux, cujos trabalhos tivemos o imenso prazer espiritual de ler, com a máxima reverência, em seu livro "Que há-de ser de nós depois da morte?" pergunta se não será possível haver sêres espirituais, de 4 dimensões, que podem à vontade atravesar portas e paredes, faculdade incompreensível para os homens, sêres de 3 dimensões.

em oferenda a Exu, para que êste feche os caminhos aos maus elementos.

É errado dizer-se que tudo o que se vê na encruzilhada é para fins de magia negra.

Assim, o "despacho" (ebó) que se vê na encruzilhada pode ou não conter dinheiro. O ebó com dinheiro tem o objetivo de transferir o mal para o curioso que apanhar êsse dinheiro. Tira-se o mal da pessoa amiga para descarregá-lo em algum simplório ou ganancioso. Nesse caso, os macumbeiros não estão jogando dinheiro fora. O ebó sem dinheiro é uma oferenda, uma obrigação que se cumpre.

Pode acontecer, entretanto, que o curioso tenha um forte anjo de guarda, que, sem êle o saber, o livra do mal. Dá-se, então, um choque invisível.

Para abrir o terreiro salva-se (saúda-se) primeiramente Exu. Depois, canta-se os outros pontos dos orixás, até Ibeji. Em alguns terreiros cruzados, canta-se em intenção à Linha das Almas.

Os componentes do terreiro apresentam a seguinte formação: — os cabecas maiores ficam no *gongá*, estado ou altar; os demais ficam no terreiro, com a *mãe pequena* à frente das "sambas" e o ogan do terreiro à frente dos cambonos. Quem transmite as ordens do babalaô ao terreiro é o cambono colofé.

Quando o babalaô dá o sinal para abrir o terreiro com a *adejá* (campainha), o ogan do terreiro tira os pontos para salvar o pessoal até o último orixá.

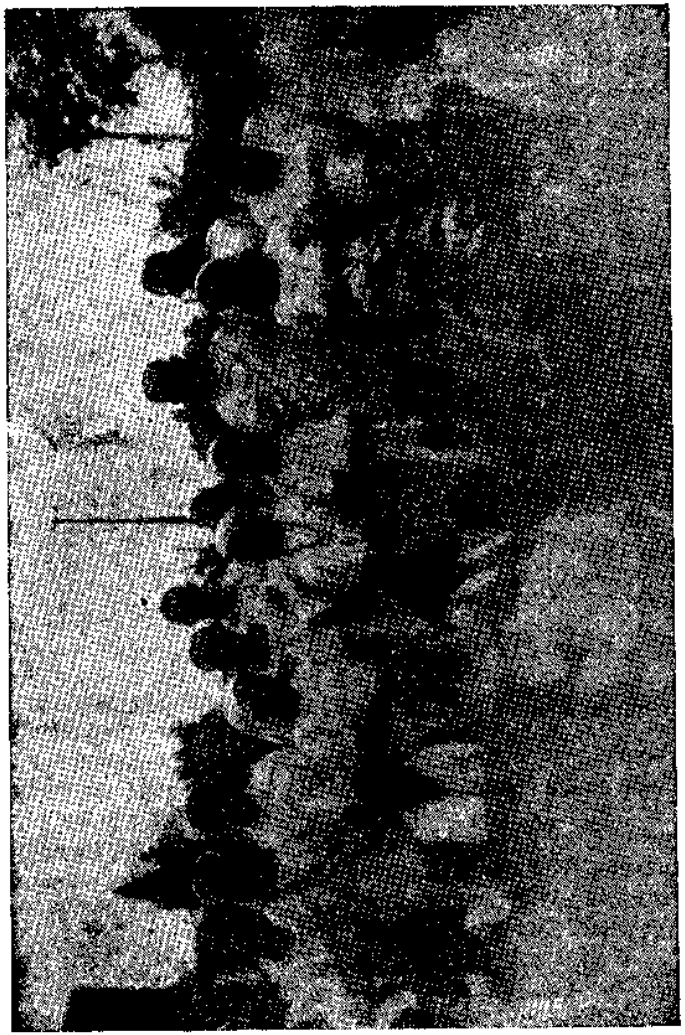
Tôdas as pessoas presentes são defumadas, com a finalidade de livrá-las dos maus fluidos e dos intrusos.

Está aberto o terreiro.

2. CONSAGRAÇÃO DOS "OTÁS"

Otá é a imagem do orixá ou santo. O cerimonial da consagração do otá é semelhante ao da iniciação.

O otá é apanhado nos lugares correspondentes ao orixá (mar, mata, cachoeira, rio, etc.). Quase todos os



Grupo de babalaôs e babalorixás, acompanhados de sambas e cambonos. Foto batida depois de um grande amaiá a Xangô. Come-se sentado no chão, em volta de uma toalha, usando os próprios dedos. Ninguém pode rir, nem morder os ossos, que depois são reunidos para os fins adequados

otás são pedras de minérios (carvão, etc.), como, por exemplo, os de Xangô, Oxun, Yemanjá. O otá de Exu é de tabatinga virgem, carvão ou tôco queimado.

Os otás recebem os *amacis* de acôrdo com o respectivo orixá — obi, orobô, menga (sangue) e massa (água).

Há sempre uma pessoa encarregada de tratar do otá. Só depois de preparado é que o objeto passa a ser *otá*, coisa consagrada.

No terreiro, cada dia da semana é dedicado a um *otá*, coincidindo naturalmente com o do orixá.

No lugar onde se encontra o otá não entra pessoa alguma que não esteja com o corpo limpo, em condições, e de pés descalços. Os otás ficam sempre debaixo do altar onde se acham os santos católicos, devido ao entrosamento de que já falamos.

Uma vez por mês, efetua-se uma reunião entre os cabeças maiores do terreiro, jogando-se os búzios para se averiguar a situação de cada filho de santo ou crente, presente ou não.

Dá-se o nome de *gongá, pegi, estado* ou *aledá* ao sítio onde se encontra o altar.

3. COMIDAS DE SANTO

As comidas de santo são sempre preparadas pela *tabá* ou *abacê* (gêge), cozinheira especializada, que conhece as comidas do rito africano e sabe o seu signifcado preciso.

Nem as mulheres menstruadas nem as que mantêm relações sexuais com os homens podem tocar nesses alimentos. As comidas são oferecidas a todos os orixás, conforme o preceito de cada um. Assim, dá-se *munguzá* a Oxalá; *amalá* a Xangô e Ogun; *amolocô* a Oxun; *acarajé* a Iansan; *pipoca* a Omulu, etc.

Essas comidas, depois de preparadas pela iabá, são servidas da seguinte maneira: — arma-se o *alá*, com os pontos riscados do orixá reverenciado; forra-se o chão com um lençol ou esteira (debaixo do alá). Bota-se um copo d'água no centro do lençol ou esteira, e aos lados

os copos das bebidas do orixá a que vai ser oferecida a comida. São acesas as velas.

Depois, vem uma "samba" da iabá colocando os pratos brancos em volta do lençol ou esteira, com as comidas.

Durante tôda a cerimônia, ouvem-se os toques dos atabaques (tambores). As pessoas que vão *corear* (*comer*) ficam em frente do prato que lhes é destinado. Se, por exemplo, a comida fôr oferecida a Xangô, a mãe pequena (ou jabonan) manda bater no atabaque um *alojá* dividido em três partes.

Em seguida, o ogan de terreiro manda *jocô* (sentar) e dá ordem para iniciar-se a comedoria. Come-se sem falar e sem rir. Se houver carne de animal, come-se sem morder os ossos. As comidas são apimentadas, levando *lilicum, bejiricum* e pimenta do reino. Conforme vão acabando de comer, dão *adobá*, saudação de agradecimento. Se a comida fôr oferecida a Oxalá, diz-se *"eh, bá, bá, bá"*; a Ogun: *"Ogun, nhê"*; a Xangô: *"caô, cabecilhe"*; a Oxôssi:. *"ô quî bambe ô cline"*; a Nanã: *"saluba"*; a Iansan: *"parrei"*; a Yemanjá: *"ô dô feiabá";;* a Oxun: *"ai-ei-ei ô-minho"*; a Ibeji: *"ô-ni-beijada"*.

Para as crianças, as comidas são diferentes: doce de côco com abóbora, clara de ôvo, etc., com os pontos correspondentes ao Ibeji. (1)

Terminada a comida, a mãe pequena diz: *adidé* (levantar). Os ossos são arrecadados pela mesma samba e levados para o lugar conveniente.

Quem começa a *corear* são as cabeças maiores do terreiro, ficando à cabeceira o babalaô e aos lados os seus principais auxiliares. Cada parte do animal é destinada a determinada pessoa, segundo seu grau na seita. Respeita-se também a *quizilia* de cada um. (2)

---

(1) Lembramos que as festas de Ibeji correspondem às de São Cosme e São Damião, santos das crianças.

(2) **Quizilia** é a proibição de comer ou beber determinada coisa, por motivo ritual ou fisiológico. Equivale ao que, nos meios profanos, se denomina **alergia**.

4. O RITUAL DA "TROCA DE CABEÇA"

Quando um "filho de santo" está doente ou moribundo, transfere-se a sua doença para algum animal de quatro pés.

É necessário, porém, que o orixá dê o seu consentimento, por meio do jôgo dos búzios. O doente recupera a saúde, enquanto o animal adquire a sua doença, sendo sacrificado.

A impressionante cerimônia da *troca de cabeça* é a seguinte: no quarto do enfêrmo, acham-se o babalaô, com seus auxiliares, todos vestidos com os trajes do ritual. O animal que vai servir para a troca está presente. O animal é coberto por um pano prêto, passando-se-lhe, antes, *epô* (azeite de dendê). Risca-se os pontos de Omulu e acende-se parte de vela de cêra virgem e parte de vela de cêbo ou esparmacete (vela de sacrifício), cumprindo-se os preceitos necessários. Tira-se a roupa do doente e canta-se os pontos próprios do *vumbi;* passa-se-lhe a *muginga* de pipoca (o preparo da pipoca, feita em areia em panela de barro nova, constitui outro cerimonial). Passa-se depois azeite de dendê pelo corpo do doente, cantando-se os pontos adequados.

A roupa e os cabelos do doente são entregues a Irocô (orixá das árvores). Abre-se uma fenda em uma árvore determinada, ou em sua raiz, coloca-se aquêles objetos, depois fecha-se a mesma. Isso é feito para que Irocô dê saúde ao doente, enquanto a árvore tiver vida. A *vida do doente dependerá da vida da árvore*.

Juntamente com o resto dos objetos do doente, faz-se o entêrro do animal, com as cerimônias do *vumbi*. O doente fica escondido até que, no prazo de 7 dias, se complete o ritual do *vumbi*.

Depois dos 7 dias, dá-se *comida à cabeça,* e faz-se a obrigação dos orixás, conforme o jôgo dos búzios houver determinado.

5. VALOR DOS PONTOS RISCADOS E CANTADOS

Pontos riscados são os desenhos alegóricos relativos a cada orixá ou ser espiritual. *Pontos cantados* são os cantos de invocação de cada orixá ou ser espiritual. Todos os babalaôs são obrigados a conhecer, pelo menos, os pontos dos chefes das falanges de espíritos. Essa é a *mironga* de Umbanda, o segrêdo.

Todos os pontos riscados têm de ser acompanhados pelos cantos, ou corimbas.

Ora, os pontos riscados são feitos com *pemba* (giz). Êstes diversos pontos, próprios a cada orixá, cada qual com sua missão especial, combinados e queimados, produzem efeitos químicos-astrais invisíveis, uns de hostilidade, outros de afinidade, porém percebidos pelas falanges que são chamadas e estão presentes.

Entre os sêres espirituais, como entre os homens, nota-se uma espécie de "divisão do trabalho", ou especialização. Assim, Xangô predomina sôbre as pedreiras; Ogun sôbre o triângulo, estradas de ferro, etc.; Oxun sôbre as cacimbas e cachoeiras; Iansan sôbre os bambuzais e os campos; Oxóssi sôbre as matas ou florestas; Omulu sôbre os cemitérios; Exu e Pomba Gira sôbre as encruzilhadas; Nanã sôbre as ruínas; Yemanjá sôbre o mar; Oxalá sôbre portas de igrejas e altos de montes; Ibeji sôbre jardins e parques.

Nunca é permitido haver mais de dois Exus manifestados, salvo se estiver presente um dos grandes orixás maiores.

6. AS PENITÊNCIAS

Quando uma pessoa obtém uma graça qualquer do orixá ou recebe qualquer castigo, por êrro cometido, tem uma missão a cumprir.

Essa missão, determinada pelo babalaô de acôrdo com o jôgo dos búzios, varia muito, conforme cada caso

individual. Na falange de Ibeji, a missão pode consistir em dar obrigação (fazer festa) às crianças durante 7 anos. Procedia-se antigamente da seguinte maneira: — procurava-se achar irmãos gêmeos ou trigêmeos, dando-lhes roupas de acôrdo com o ritual: forrava-se o chão do recinto com um lençol ou uma esteira; convidava-se tôdas as crianças da redondeza a tomarem parte na festa. A pessoa encarregada da cerimônia servia às crianças, ficando os gêmeos à cabeceira da mesa. Na mesa, um copo d'água, para os necessários fins. Depois, sentavam-se os adultos, servidos pelo gêmeos e pelas demais crianças.

Dessa cerimônia, orignou-se o atual culto popular de São Cosme e São Damião, que é uma mistura de catolicismo e umbandismo.

Hoje em dia, no terreiro, coloca-se uma bandeja com flôres. As crianças, vestidas de azul e rosa, vão assim, no templo católico, à missa de São Cosme e São Damião. De volta, inicia-se a cerimônia no ritual africano, sempre acompanhado de atabaques (tambores) e dos pontos cantados de Ibeji.

As comidas são dôce de côco com abóbora, com mamão, etc.

Entre os Congolenses, a festa era denominada *Congada*, com o *Rei Congo*, que ainda se realiza em Minas Gerais e no Estado do Rio. Essa penitência dura 7 anos, para a pessoa obrigada.

Entre os Gêges, há a Festa dos Cachorros. Os crentes dão comida primeiramente aos cães famintos que encontram. Depois dêsses animais, servem-se os sêres humanos. A noite, realiza-se o *Jongo* ou *caxambu*. Essa penitência dura também 7 anos. Coincide, no catolicismo, com a Festa de São Lázaro. Ainda pode ser apreciada no Maranhão.

As baianas que, no Rio de Janeiro e outras cidades, vendem doces nos grandes tabuleiros característicos, estão cumprindo determinada missão, pelo culto nagô.



A foto representa o ogan de atabaque ensaiando as sambas a cantarem os pontos, na linguagem oficial dos cultos.

Às vêzes, a penitência consiste em fazer o bem sem saber a quem. Quando o penitente é pobre, pede esmolas para distribuir gêneros aos necessitados, sem dizer de onde vem o benefício.

7. ORIGEM DO SAMBA

Como vimos, samba são as dançarinas sagradas dos cultos de Umbanda; correspondem às *bayaderas* da Índia.

Essas danças eram realizadas pelas sambas; daí o nome de *samba* dado ao ritmo, quando êste se tornou popular, passando dos terreiros para os salões de baile.

O samba da Bahia é diferente do carioca. O da Bahia, ou raiado, é acompanhado por cavaquinho.

Os homens cantavam para as mulheres dançarem. Jogavam-lhe chapéus, palitós, etc., para as baianas se requebrarem. A parte importante da dança era o sinal da cruz feito pela samba que dançava.

A *batucada* — ou bantucada, dança dos bantus — é a dança dos homens. Era preferida pela capoeiragem.

O *côco*, de origem africana, é do Norte. O samba é de origem angolense. O *jongo* é do Congo. O *caxambu* é do Gêge. O *jongo* era um lamento e demonstrava fôrça espiritual.

8. O PERIGO DAS IMPROVISAÇÕES

Os "médiuns" ou "cavalos" são instruídos pelo babalaô no canto, na dança, no jôgo dos búzios, no conhecimento das ervas (*macaia*), etc. Os babalaôs vão tirando os defeitos dos médiuns, ensinando-os a riscarem os pontos, a pegarem na pemba, a trocarem língua, imitando a fala dos orixás, no idioma da seita.

Ora, essa aprendizagem requer tempo e paciência. Conforme sobem de grau, na hierarquia do terreiro, vão recebendo as guias (colares), a faca, os búzios, os apetrechos do culto.

Cada guia que possui representa o seu grau na seita: cambono, ogan ou babalaô. Por tal circunstância, as guias têm uma significação muito grande, servindo de verdadeiro documento de identificação entre os filhos da fé.

Assim, com o decorrer do tempo, e um esfôrço persistente, os iniciados vão conhecendo os segredos da Umbanda (mironga), preparando-se para receberem a confirmação dos seus iguais.

Não podemos, dêsse modo, compreender como há pessoas que, de um dia para outro, se improvisam em babalaôs, sem a passagem necessária pelos graus intermediários, e sem nada entenderem da doutrina e do ritual de Umbanda, traduzindo errôneamente os pontos cantados.

Constitui, então, perigosa leviandade alguém confiar nesses improvisados chefes de terreiro, arriscando-se a desencadear fôrças espirituais que não sabem controlar, pelo desconhecimento das chaves ocultas que sòmente são transmitidas oralmente, de geração a geração, há milhares e milhares de anos.

Nós mesmos, neste trabalho, *achamos prudente velar o que deve ser velado*. A iniciação é feita por etapas, passo a passo. Se algum leitor possui vocação para êstes estudos, há de encontrar o caminho da sabedoria e da revelação da arte sagrada.

Últimamente apareceram livros e artigos sôbre a Lei de Umbanda, uns de autores competentes, outros de pessoas que visam apenas interêsses comerciais. Um dêles, bem intencionado, chegou mesmo a afirmar em uma revista ilustrada que "Umbanda não é macumba". Ora, o que chamamos "macumba" é um instrumento, e, por extensão, uma festa religiosa de Angola, e, portanto, faz parte da Umbanda. Assim também, *candomblé* é uma festa em nagô; *cangerê* é uma festa na Linha das Almas; *catimbó* é uma festa em bantu.

9. TRAJES DO RITUAL

VESTES

Mulheres — As mulheres usam roupas baianas brancas, ou de acôrdo com o terreiro. O seu traje ritual é o seguinte: — pano (torso) na cabeça, onde está feito o orixá; *nanga* (blusa); *axóte* (saia); *pano da Costa*, que estendem no chão para receber e salvar o orixá.

Homens — Roupa branca; camisa de punho, aberta, no lado esquerdo, colarinho alto, Gorro branco, bordado com os pontos do orixá protetor do terreiro. Toalha branca (aia) no pescoço, usada para bater com a cabeça no chão. Essa toalha é também bordada com os pontos do orixá protetor do terreiro. O babalaô usa o gorro bordado com os pontos de Oxalá Alufan.

Os cabeças maiores do terreiro, masculinos e femininos, usam vestes um pouco diferente dos demais membros da seita.

GUIAS

Antigamente, as guias (colares) eram de vegetais, como ôlho de pombo encarnado e prêto, caroços de fruta, etc. Depois é que foram adotadas as guias de vidro, por serem parecidas às de origem vegetal.

O *babalaô* usa as guias de todos os orixás, cruzadas da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, no peito e nas costas.

A *babaorixá* (mulher) usa as guias no pescoço; correspondente ao seu anjo da guarda.

O *ogan colofé* usa tôdas as guias, menos a de Oxalá Guian e Oxalá Alufan, cruzadas a tiracolo, da esquerda para a direita.

A *mãe pequena* usa as guias como o ogan colofé, porém ao comprido; usa pulseiras de prata, correspondentes ao seu anjo de guarda.

O *ogan de terreiro* usa as guias do seu anjo de guarda e de Exu, da direita para a esquerda; pode usar as guias dos outros orixás.

O *ogan de atabaque* usa as guias do seu anjo da guarda e do orixá protetor do terreiro, da direita para a esquerda.

A *iabá* (*cozinheira*) usa as guias de todos os orixás, menos de Oxalá, de seu anjo da guarda, e as de Pomba Gira; num só colar as côres de todos os orixás, ficando ao todo 3 colares.

O *cambono colofé* usa as guias de seu anjo da guarda, a de Exu e a do orixá protetor do terreiro, a tiracolo.

O *cambono de ebó* usa as guias do anjo da guarda, de Pomba Gira e de Exu. Uma preta, outra encarnada e preta, outra do seu anjo da guarda.

O *filho de santo* usa as guias do seu anjo da guarda, simples, que recebeu ao fazer a sua iniciação.

Tôdas essas guias têm na ponta um *patuá* ou *bênguê* (breve), onde carregam seus *echés* (ou ichés). As baianas balangadans, com seus echés.

10. RECEPÇÃO DE BABALAÔ

Os terreiros costumam trocar entre si gentilezas e cortesias que muito contribuem para a elevação espiritual dos crentes.

Assim, por exemplo, a transmissão de convite a um babalaô e a recepção dêste pelo terreiro em festa constituem um cerimonial interessante, que passamos a descrever.

Quando um babalaô deseja convidar outro balalaô para assistir a uma festa ou uma obrigação, um cambono e um samba do terreiro homenageante, com as vestes do ritual, dirigem-se ao terreiro a ser convidado levando obi e orobô numa bandeja, coberta com uma toalha contendo os pontos riscados do terreiro a que pertencem.

Recebido o convite, o babalaô comparece à cerimônia, dando a sua senha no portão e saudando na língua

de sua seita. O babalaô bate três vêzes, com o pé direito, dá um passo à frente com o pé esquerdo, bate com a mão esquerda no chão três vêzes.

Essa saudação é observada pelo ogan do terreiro. O convidado espera, então, ser recebido. O ogan do terreiro canta os pontos chamando 7 cambonos e 7 sambas e anunciando que se acha no terreiro um babalaô.

Para a recepção, forma-se o *alá (docel)*, que é uma toalha com os pontos riscados do orixá protetor do terreiro, sambas sustentam no alto o alá, debaixo do qual vai outra samba, juntamente com o ogan colofé, os quais se dirigem ao local onde se acha o babalaô convidado; a samba leva uma bandeja contendo obi e orobô e as bebidas usadas, como o *aluá*, cerveja preta, cerveja branca, além de cinza, pemba, uma vela acesa, etc.

Chegando onde se acha o convidado, a samba se ajoelha. O babalaô faz a cerimônia do ritual, salva a bandeja com dinheiro e diz: *adidé*. Então a samba se levanta, para o que o convidado a segura pelos braços.

A samba sai recuando, de frente para o babalaô convidado, ambos debaixo do alá. Atrás do babalaô, segue sua comitiva, até à porta do recinto onde está instalado o *gongá* (altar). Os atabaques continuam a bater, saudando o convidado. Chegando ao gongá, a samba se afasta para um lado, e o ogan colofé entrega o estado ao visitante.

Ai, êste faz nova cerimônia, seguida pelo toque da campainha pelo ogan colofé. Depois de cumprimentar o babalaô do terreiro e os demais figurantes, o babalaô convidado volta ao terreiro e é apresentado ao ogan do terreiro, ao ogan do atabaque, à mãe pequena, às sambas e aos cambonos, a todos os quais saúda.

Então, o convidado canta um ponto, pedindo licença (agô), logo respondido pelo ogan do terreiro com estas palavras: *agô, iá* (licença, tem).

Em seguida, o convidado canta três pontos, louvando o orixá protetor do terreiro e a todos presentes. Está terminada a recepção, sentando-se o babalaô convidado em uma cadeira especial, em forma de trono. Um cambono e uma samba são postos à sua disposição.

11. FECHAMENTO DO CORPO

O fechamento do corpo tem a finalidade de proteger o indivíduo contra o mal visível e invisível, livrar o seu corpo de facadas e tiros, etc.

Escolhe-se um dia especial do ano para a cerimônia. O material utilizado é o seguinte: — um punhal nôvo, um alguidar, uma vela de cêra benta. Leva-se o animal que vai servir de cruzamento para um campo ou, para o gongá.

A cerimônia consiste em fechar a morada (o corpo da pessoa) aos maus fluidos. Para isso, usam-se os pontos cantados e riscados apropriados para evitar o mal visível e invisível, conforme descrevemos na preparação para abrir o terreiro.

A ansiedade de proteção contra os perigos torna muita gente prêsa fácil de aventureiros inescrupulosos. Um dêsses intitulava-se "Príncipe de Umbanda"; residia em uma casa ricamente mobiliada. O seu consultório era uma sala pintada de prêto e encarnado, onde êle pontificava de turbante hindu das mesmas côres. Havia no aposento uma grande imagem de Lúcifer, o anjo mau, cujos olhos mudavam de côr; o seu ar zombeteiro, com os braços abertos e os dentes arreganhados impressionava os ingênuos. O Príncipe de Umbanda pretendia convencer os consulentes de que Lúcifer respondia as perguntas feitas, desde que jogassem lentamente na bôca escancarada da imagem uma garrafa de parati. Isso causava ruídos estranhos. Note-se que a cauda do demônio era ligada ao chão. Havia um dispositivo sob a cauda, tão engenhoso que, ao ser despejado o parati, além dos ruídos, fazia com que os olhos mudassem de côr... Tais ruídos eram as "respostas" decifradas pelo astucioso indivíduo. O dispositivo constava de um barril ligado à cauda da

imagem. Quando o líquido caía no barril, subia novamente, pela pressão do álcool, pela cauda, provocando os ruidos e os movimentos da imagem. Assim, o "Príncipe" receitava e a receita era preparada em uma casa de ervas, também de propriedade do charlatão, que enriquecia à custa dos incautos.

São êsses falsos umbandistas que lançam a imprensa contra os verdadeiros crentes. A Umbanda é uma religião respeitável e nada tem com bruxarias e processos de baixo espiritismo.

O que acontece é que é legítima a prática de preces e atos mágicos tendentes a proteger os crentes. Tôdas as religiões adotam preces e cerimônias de caráter mágico para defesa de seus fiéis contra o mal.

12. AS ERVAS (MACAIA)

Cada orixá tem sua erva. Cada defumador tem seu orixá. As ervas (macaia) estão divididas em 4 grupos horários, conforme as posições da Lua, do seguinte modo:

— Das 6 às 12 horas — para Oxalá Alufan, Nanã, etc.
— Das 12 às 18 horas — para Ogun Megê, Xangô, Agajô, Oxun e Iansan.

A babalorixá procede ao "jôgo dos búzios" para verificar o grau de mediunidade dos que vão ser iniciados nas **mirongas** do culto. **Bundu** é a imagem do orixá feita de tabatinga. Os **otás**, que estão lentro dos alguidares são pedras minerais características dos orixás. A fotografia representa o gongá, com o bundu e os assentamentos dos orixás. O gongá é um lugar reservado, onde só se entra descalço e com o pensamento livre de qualquer maldade. Assistindo a "mãe de santo", vê-se a jabonan, o cambono-colofé e a samba de estado.

Como tôda religião, a Umbanda tem a sua parte mágica, que só pode ser compreendida pelos iniciados. Diferente do kardecismo, a verdadeira Umbanda não se interessa pelos espíritos dos mortos, ou **kiumba** e assim, procura expulsar do meio de suas **mucandas** os maus espíritos que porventura se apresentem. Aliás, o próprio Cristo mandava que os maus espíritos procurassem as manadas de porcos.

(Foto Maurilio)



Tenda "Pai Manoel da Luz", em Duque de Caxias

— Das 18 às 24 horas — para Exu, Pomba Gira, Omulu, etc.
— Das 24 às 6 horas — para Oxóssi, Ossãe, Irocô, etc.

Cada falange tem seu defumador próprio, feito das ervas que lhe são consagradas. Também as ervas para o banho são destinadas a cada espécie de obrigação.

As ervas têm seu poder terapêutico, conhecido dos curandeiros. No ato de serem colhidas, faz-se uma oferenda a Ossãe, a fim de atrair a sua proteção.

13. O JÔGO DE BÚZIOS

Êste assunto não tem sido tratado nas obras publicadas sôbre Umbanda. É que constitui *mironga*, e o seu completo conhecimento não está ao alcance mesmo de umbandistas iniciados.

Há diversas maneiras de praticar a arte adivinhatória. Cartomantes, quiromantes, etc. usam de processos peculiares. Nos antigos cultos greco-romanos, os sacerdotes consultavam seus deuses por meio de *oráculos* (cita-se o famoso Oráculo de Delfos) ou de *augúrios* fornecidos pelo exame das vísceras de animais e aves sacrificados. Muitos povos não iam à guerra sem essa consulta prévia à vontade dos deuses.

Nos cultos africanos, a arte adivinhatória chama-se *delogun* (no nagô) ou *ifá* (no mussurumi ou malê), ou *jôgo dos búzios*, em angola. Os búzios são contas de conchas do mar. O jôgo dos búzios era e é um dos maiores segredos dos africanos. Hoje, muitas pessoas que ocupam elevado grau na hierarquia dos terreiros jogam os búzios apenas por intuição, desconhecendo as suas verdadeiras regras.

O essencial nessa prática é o conhecimento perfeito das configurações que as conchas formam, ao serem lançadas.

Os búzios recebem as mesmas obrigações que os filhos de santo (amacis, etc.). Êsses búzios são apanhados

e batizados com os nomes dos orixás masculinos e femininos. Os entendidos no assunto sabem identificar o sexo das conchas. Depois de batizados, os búzios são guardados dentro do gongá e recebem as cerimônias dedicadas aos otás.

Os aprendizes começam a conhecê-los em grupos de 4, para maior facilidade do estudo. O número das conchas varia de acôrdo com a intenção do crente. Conforme já dissemos, a Umbanda se compõe de 7 linhas, que se dividem em 12 falanges, em virtude do agrupamento por semelhança de poder espiritual. Por exemplo: Oxôssi constitui uma linha, na qual também se incorpora a falange de Ossãe; ambos os orixás patrocinam florestas e árvores. Normalmente, há 12 búzios, cada um com o nome de um chefe de falange. Pode-se, entretanto, aumentar êsse número para 16 ou 20, acrescentando-se, além do nome do chefe de falange, mais alguns auxiliares. Assim por exemplo, na falange de Ogun, figuram Ogun Megê (o chefe), Ogun Yara, Ogun Rompe Mato, etc., cada um com seu búzio correspondente.

Êsses búzios formam as *configurações* de acôrdo com o modo com que caem, sob a influência da fôrça espiritual do orixá. Na ocasião do lançamento, pronunciam-se as palavras sagradas do culto apropriadas à cerimônia.

É claro que um estranho ao terreiro não pode conhecer o nome de cada búzio. Mas, sendo da seita e conhecendo os segredos, pode se utilizar dos mesmos búzios, pela ordem numérica, e obter as respostas que deseja. Dessa maneira, os mesmos búzios respondem simultâneamente a vários consulentes da mesma seita.

O consulente que não possui, no momento, as condições físicas exigidas, não obterá resposta alguma, porque perde a sua fôrça espiritual. Quem estiver com o corpo ainda sob excitação sexual ou em fase de menstruação, nada conseguirá. É necessário que o seu corpo esteja limpo.

A finalidade do jôgo dos búzios é, entre outras, resolver os problemas dos filhos do terreiro. É uma maneira do babalaô conversar com o anjo da guarda. No terreiro, os direitos espirituais são quase os mesmos, quer se trate do babalaô ou de qualquer filho de santo. Se o filho de santo se sentir melindrado, pede licença (agô) aos cabeças maiores, vai ao gongá, bate a cabeça no chão e faz sua queixa ao seu otá.

O babalaô vai, então, jogar os búzios para saber se a queixa tem fundamento e como atendê-la. O que fôr determinado será cumprido. Essa consulta é irrecusável, pois constitui um direito do filho de santo. O jôgo dos búzios é uma decisão espiritual livre. A desobediência a tal decisão produz efeitos imprevisíveis, não sendo aconselhável que o umbandista recuse cumprir a vontade do orixá.

Quando se trata de um consulente estranho, e que, necessitando de socorro espiritual, faça qualquer donativo espontâneo, o babalaô é obrigado a jogar os búzios e traduzir fielmente as respostas recebidas. Porque se o babalaô não usar de sinceridade, estará tentando enganar não o cliente, porém o seu anjo da guarda. Êsse procedimento acarretará graves prejuízos ao babalaô.

Assim, quando alguém é pago para colocar no lugar próprio uma oferenda qualquer a um orixá, deve fazê-lo, sob pena de castigo, se o faltoso pertencer ao culto.

O jôgo dos búzios é feito com os pontos riscados do orixá do terreiro ou do orixá que se quer consultar, usando-se vela de cêra ou de esparmacete ou água, de acôrdo com o grau de fôrça do orixá escolhido para consulta.

Para se compreender bem o sentido das configurações, é necessário ter-se em vista o que representa cada orixá. Assim Oxalá representa a paz universal ou o homem justo. Xangô — um homem de meia idade, negociante. Ogun — o militar, o guerreiro, a pessoa corajosa, intrépida. Oxôssi — o médico, o caçador, o químico. Omulu — o homem de idade madura, doença e morte.

Oxun — a mulher sincera, mãe de família, boa dona de casa e conselheira. Iansan — a moça leviana e intrigante. Yemanjá — a mulher pacífica, gorda, sonhadora, Nanã — a senhora velha, conselheira, avó e mãe. Ibeji — as crianças levadas. Exu — o homem mau. Pomba Gira — a mulher má.

Quando se quer fazer uma consulta, o caminho a seguir é o seguinte:

1.º — saber se o mal que aflige o consulente é natural ou sobrenatural;
2.º — obtida a certeza, jogar os búzios;
3.º — interpretar a resposta dos búzios, conforme o mal é natural ou sobrenatural.

Suponhamos que o jôgo dos búzios revele a seguinte configuração: — Exu com cinca (em pé). Oxun com cincan (deitado), Oxalá com cincan, Pomba Gira com cinca.

Se o mal não é da natureza, a resposta é interpretada da seguinte forma: — Exu com cinca, quer dizer que o consulente tem um amigo traidor, por causa de uma mulher mãe de filhos (Oxun), mas o mal será interrompido por um homem que fará justiça (Oxalá), sendo a intriga tramada por uma mulher má (Pomba Gira) contra a mulher sincera. E assim, se o mal é da alma sobrenatural, a interpretação é a seguinte: há uma pessoa prejudicando o consulente em todos os pontos de vista, um traidor que se finge amigo; uma mulher ou companheira trai o consulente com um seu amigo, mas tudo será desfeito por um homem justo; há uma mulher má ajudando a traição e procurando fazer a separação.

Às vêzes, manda-se o consulente que não conhece o jôgo tirar um ou dois búzios para formar as configurações. Assim, entre os 12 búzios, consegue-se um abecedário que diz tudo, para interpretação geral.

O que vale é a posição em que cai o búzio, em pé ou deitado. Adota-se também a ordem numérica, respeitando-se a chamada do dono do ponto.

Só pode jogar (zamburá) os búzios quem tem fôrça espiritual dentro da seita para fazê-lo e licença do seu balbalaô.

14. CAMINHOS FECHADOS

Os estudiosos de Psicologia sabem que são infinitas, em sua variedade, as diferenças individuais entre os sêres humanos. Todavia, pode-se obter uma classificação de tipos predominantes, conforme o critério que se adote.

Observa-se um tipo médio, de caracteres que podem ser considerados normais. Constitui êsse tipo a imensa maioria, enquadrada entre os dois extremos, um superior e outro inferior. Sob o ponto de vista do desenvolvimento espiritual, há homens que se distinguem pela sua grande bondade. Outros porém, sentem prazer na prática de ações reprováveis e, pelos seus maus instintos, muito se aproximam da ferocidade de animais selvagens. Não acreditam em nada, não têm a menor crença religiosa, são capazes dos piores atos. Quando investidos em cargos de responsabilidade social, podem causar grandes desastres e prejudicar milhares de pessoas.

Dentro de certos limites, o homem pode seguir o caminho do bem ou do mal. A sua conduta neste mundo determinará o seu destino após a morte.

É compreensível, portanto, que, após a sua passagem pelo plano físico, o homem malvado continui no êrro e, de onde se encontra no mundo suprafísico, procure fazer mal aos vivos.

Quando uma pessoa se acha sob a influência maligna dos espíritos maus, diz-se que ela está com os *caminhos fechados*. Tudo o que a pessoa tenta para seu benefício é embaraçado pelo espírito mau, que dotado do poder de ler no pensamento, vai na frente para criar dificuldades. Não podendo fazer o mal que deseja no plano material, por causa do anjo da guarda, o espírito mau começa a atuar contra tudo o que representa benefício para a sua vítima. Amofina o indivíduo a fim de levá-lo ao desespêro. Tudo lhe sai ao contrário do que espera, chega sempre atrasado, torna-se antipático.

Nos cultos afro-brasileiros, procura-se combater os caminhos fechados com o seguinte processo: usa-se erva quinada (machucada), própria para o fim em vista, porque os espíritos maus são afugentados pelo cheiro das ervas do defumador. Em seguida, dá-se uma oferenda a Exu e a Pomba Gira, espírito das encruzilhadas que vivem entre o povo e têm mais contactos com os movimentos dos sêres humanos. Dá-se uma galinha, um bode, etc., em benefício da pessoa perseguida, para que Exu tome conta da falange má que está atuando contra a vítima e abra os seus caminhos, ajudando-a nos seus negócios. Exu não é o demônio, mas o agente mágico universal, para o mal e para o bem.

Quando alguém do culto se acha prejudicado por uma injustiça, ou acusado de um mal que não praticou, entra no gongá, bate a cabeça, toca a campainha para despertar o anjo da guarda. O crente oferece, então, o sangue do animal, fazendo as suas queixas e pedindo justiça. Isso é feito depois da consulta ao jôgo dos búzios. Quanto maior fé tiver o queixoso, melhor para si. Sendo justo o pedido, Exu faz justiça.

O queixoso oferece também a comida dos grandes orixás, como abará, sarapatel, efó, xinxin, acarajé, munguzá etc. (as comidas baianas são de origem africana). (1)

---

(1) Há diversos ritos para abrir os caminhos. Aqui na Guanabara, assim como em outros pontos do Brasil, funcionam muitos terreiros cruzados, que usam as gulas cruzadas. Assim, Omulu (angola) que corresponde a Abaluaê (Nagô) tem as gulas preta e branca em angola, ou preta e amarela em nagô. Dêsse modo, são cruzadas muitas côres com diversas linhas ou **bandas**.

Os pontos cabalísticos têm grande significado para o bem ou para o mal. Durante o decurso da história da humanidade, certos povos viveram sob signos especiais. Recentemente, uma grande e ilustre nação viveu sob a influência de um ponto de um Exu terrível — Tranca Gira, de grande poder. Os seus exércitos dominaram a Europa, conduzidos por um chefe que usava processos mágicos.

Êsse mesmo símbolo, com as pontas prolongadas — o ponto de Tranca Gira — foi por nós observado em um terreiro fluminense. A mesma fôrça que Tranca Gira tem para o mal, tem para o bem.

Os males que afligem o ser humano podem ser da alma (psíquicos) ou do corpo (somáticos). Doenças consideradas do corpo estão hoje classificadas como psíquicas. Assim, o estudo das doenças psíquicas se torna dia a dia mais importante, especialmente na América do Norte. Os médicos de nossa terra devem dedicar maior atenção ao assunto. Visando diminuir o sofrimento humano, a Confederação Espírita Umbandista criou seus Departamentos Médico, Odontológico, de Assistência Social e de Ciência Astrológica, que se acham abertos à coperação dos especialistas.

15. CONFIRMAÇÃO DOS ORIXÁS

O babalaô treina o filho de santo e o desenvolve para receber determinado orixá. Quando julga concluída essa tarefa, promove uma festa de apresentação do orixá e convida todos os babalaôs.

Então, o orixá se manifesta no médium e dá a prova de sua fôrça espiritual. O médium dança sôbre uma fogueira, sôbre cacos de vidro, como sôbre *aguerê* (brasa) ou *acará* (algodão) molhado no azeite e incendiado por uma samba. Outros vão ao mato apanhar uma cobra, com a qual dançam, de volta.

Hoje, poucos terreiros usam tais práticas. Êsse nôvo costume favorece os babalaôs improvisados, que não têm consciência do que fazem.

Quando, no terreiro, se encontram dois Oguns, ou há confirmação de orixá, realiza-se *dança da espada*. É uma cerimônia impressionante e bela, sob o ritmo dos tambores e dos cantos sagrados, que revive a agilidade dos duelos medievais.

Se se encontram, no terreiro, manifestados. Ogun, Xangô e Iansan, realiza-se a dança da espada com o machado, pois de acôrdo com a lenda, Iansan era mulher de Xangô e foi roubada por Ogun (Oyá é a mulher de Xangô). Após a dança, cumprimentam-se.

Efetua-se *a dança da serpente* se o orixá manifestado é Oxóssi ou Ossãe. Tôdas essas cerimônias apresentam grande beleza e são executadas com todo o rigor do ritual.

Excetuadas, naturalmente, as cerimônias da iniciação, as demais, que não exijam sigilo, devem ser franqueadas ao público. Entretanto, certos babalaôs improvisados, que não conhecem bem as *mirongas* do culto, nem para isso têm idade suficiente, assim não o entendem. Os terreiros não devem negar entrada aos que os procuram, pois dentro da lei de Umbanda os babalaôs são obrigados a prestar assistência aos que dela necessitem.

16. PRECONCEITOS DA LEI

Nos cultos umbandistas, há duas espécies de cumprimento: o do orixá e o individual. O individual é o da mão, apertada com firmeza, seguida do toque especial, havendo o cumprimento de babalaô a babalaô, e de filho de santo a filho de santo.

O cumprimento do orixá é o do abraço ombro a ombro, direito e esquerdo, esquerdo e direito. Acontece, porém, que estão deturpando o cumprimento da seita,

usando o do orixá manifestado como se fôsse o individual. O cumprimento individual depende da hierarquia na seita.

Durante a Quaresma (7 semanas), os terreiros são fechados e não desce orixá algum. No Rio, o costume é fechar o terreiro no dia de São Sebastião, 20 de janeiro e reabrir no Sábado de Aleluia.

Mesmo alguns kardecistas respeitam a Semana Santa, pois é a semana em que os anjos da guarda prestam contas aos seus superiores espirituais do que se passa na terra. E vão pedir *maleme* (perdão) para os homens que não sabem o que fazem, ou *aba* (paz) universal para todos.

Só ficam Exu, o mensageiro, e Pomba Gira, manobrando na terra. É quando muitas vêzes fazem das suas, pois a terra está entregue a espíritos maus, que têm poder sôbre os pecadores sem fé.

Nessa época, verificam-se desastres, crimes, incêndios, enchentes, etc.

Os cultos das almas celebram ladainhas. Os umbandistas, em sua maioria também católicos, vão às igrejas, confessando-se e pedindo perdão dos seus pecados. Já mostramos como se deu a entrosagem entre o umbandismo e o catolicismo.

O umbandista não vai a um cemitério sem tomar seu banho de ervas, e, nessa visita, não se veste de traje prêto. Não visita um doente ou um morto, sem na volta, tomar banho de ervas, porque, onde há doente ou morto, há espíritos maus.

Só come as partes do animal ou ave que pertencem ao seu anjo da guarda. É que todos respeitam sua quizilia. Não come nem bebe em vazilha rachada, nem restos de outra pessoa. E também não veste roupa alheia.

O umbandista, seguindo um sábio preceito de higiene, não é capaz de beijar coisa alguma, seja ou não do culto. Quando não quer comer ou beber alguma coisa



Os crentes fazem êste pedido fervoroso: "Dai-me orê, Ogum"

que lhe oferecem, ou beijar qualquer objeto sagrado, beija as pontas dos dedos e bate no objeto com a mão aberta.

Nos cultos de Guiné e Loanda só se bate cabeça nas cerimônias da seita. O orixá recebe êsse cumprimento no altar. O cumprimento devido ao mestre de preceito e outras autoridades é o de ambos os braços levantados, com as palmas voltadas.

Quando se faz obrigação de cabeça, invoca-se Oxanian e Amacé. Para qualquer trabalho à noite, invoca-se Urumilá, que é o zelador das almas vivas, no sono. Pede-se licença também a Abaluaê (S. Miguel) e a Tubiaê (S. Tobias), o primeiro porque cuida das almas sem função na terra, o segundo porque cuida dos corpos sepultos. Reverencia-se também a Exu, que é o guarda do trânsito das almas.

Nesses cultos a oferenda a Exu é feita no mato, ao pé das grandes árvores, ou nos campos, nos pastos, em lugares que não possam ser profanados por veículos ou pedestres. Não se caloca despacho nas encruzilhadas, exceto se se trata de pemba moida, farinha ou líquido fora da garrafa.

Qualquer iauô, pertencente a terreiro de Guiné e Loanda, pode visitar qualquer terreiro, desde que seja governado por Oxalá e Exu. Se fôr chamada a auxiliar, pode fazê-lo, nos limites de sua competência. O loandês e o guinês não demandam contra ninguém. Protegem-nos, de vigilância, Exu e Abaluaê, devidamente assentados para desviar todos os males e contra-atacar os inimigos à vista ou ocultos.

ORIXÁS DA LEI DE UMBANDA

ORIXÁS	FETICHES	INSÍGNIAS	COMIDAS	CÔR DAS VESTES
Oxalá (Filho de Deus)	Anel de ouro	Uma cruz com argolas nas pontas	Munguzá (canjica)	Branca
Xangô (orixá do relâmpago)	Meteórito	Lança e machadinha	Galo, tartaruga, bode, caruaru	Vermelha
Ogun (orixá da guerra)	Espada cruzada, escudo	Lança e espada	Galo vermelho, amalá	Encarnada
Oxóssi (orixá da caça)	Arco e flexa, frigideira de barro	Flexa de estanho	Milho, amendoim, côco, porco	Verde
Omolu (ou Ototô) — orixá da peste e da morte	Foice, cavadeira, enxada	Lança	Galo cartió orobô, pipoca, milho com azeite de dendê	Amarela e preta
Yemanjá (orixá do mar)	Concha do mar	Leque	Milho, taínha, manjar do céu	Branca côr d'água
Iansan (orixá do vento e da tempestade)	Meteórito	Espada de cobre	Galinha amarela, acarajé	Amarela e verde
Oxun (orixá da água fresca)	Seixo rolado	Rodela de prata com signo de Salomão	Omolocô de feijão miúdo	Azul e branca

ORIXAS DA LEI DE UMBANDA

ORIXAS	CÔR DAS CONTAS (Guias)	NATUREZA DAS PULSEIRAS	DIAS CONSAGRADOS	GRITO
Oxalá	Branco leitoso	Ouro	Domingo (obrigação na 6.a feira)	Gemido trêmulo
Xangô	Encarnado e branca	Mercúrio com chumbo	4.ª feira	Ei-i-i
Ogun	Verde e encarnada	Ferro	5.ª feira	Guara-minfô
Oxôssi	Verde e branca	Estanho	5.ª feira	—
Omolu	Preta e amarela ou branca e preta	Chumbo	2.ª feira	Latido
Yemanjá	"Pingos d'água"	Prata	Sábado	Hin-hi-ye-min
Iansan	Amarela e verde	—	4.ª feira	Ei-i-i
Oxun	Azul e branca	Prata	Sábado	Hm-hm
Nanã	Rôxo claro e branca	Cobre	4.ª feira	Bu-bu-bu-bu
Oxun-marê	Azul e branca	Prata	Sábado	—
Obá	Encarnada coral	Aço	5.ª feira	—
Os.ãe	Verde fina	Estanho	5.ª feira	—
Irocô	Verde grossa	Estanho	5.ª feira	—
Ibeji	Azul rosa	—	Domingo	—
Exu e Pomba Gira	Preta preta fina com 1 conta encarnada	Chumbo	6.ª feira	—

A quem não sabe deve ser ensinar. Quem sabe e erra deve ser castigado. A nossa Lei manda: perdoar os inocentes, porque não sabem. Eis porque, na Lei de Umbanda, quem não sabe dá-se melhor do que quem sabe. Todos os filhos de fé têm o direito de reclamar e pedir justiça da penalidade que lhe fôr aplicada pelo seu babalorixá. Êste é o único que julgará o que deve ser feito, de acôrdo com as determinações do jôgo dos búzios, na presença dos cabeças maiores.

Oxôssi quer dizer *caboclo*, espírito protetor das selvas. Os caboclos que baixam geralmente são êgúns, pagés (sacerdotes) das tribos índias. Os caboclos da África, ou de qualquer parte, obedecem à tradição de sua tribo. É falsa a linguagem dos caboclos que não dizem sua origem. São apenas *kiumbas*, espíritos zombeteiros de que se servem os intrujões aproveitadores.

Na área da Guanbara e do Estado do Rio, contam-se cêrca de 30.000 tendas, centros e terreiros. Poucos conservam a tradição do orixá. O ritual antigo não é obedecido, porque os improvisadores inventam e deturpam cerimônias, à vontade.

Cumprindo uma ordem de Xangô-Agaju, fundou-se a Confederação Espírita Umbandista, com a finalidade de restabelecer a tradição antiga, em tôda a sua fôrça e pureza primitiva. A Confederação, sem nenhum apoio material visível, está se espalhando pelo Brasil, fundando Federações em alguns Estados, realizando cerimônias de grande beleza espiritual, com os pontos cantados em africano.

Caro leitor: podemos afirmar que, sob a capa de espiritismo e umbandismo, há muitos abusos. Casas de tolerância disfarçam os seus vícios com algumas imagens de santos e cabeças coloridas de caboclos. Falsos médiuns, fingem receber "tios" velhos e exploram os incautos. Mulheres bonitas, usando colares e "guias", vivem nababescamente. Há terreiros só de granfinos, que ali deixam vultosas contribuições. Inescrupulosos e ilusores desencaminham gente de boa-fé. Coitados dos espíritos dos "pais velhos", que vivem lá na Aruanda (céu)!

Temos assistido, por exemplo, à deturpação do ritual de Omulu (Abaluê, em nagô), com o orixá fumando, dançando e bebendo parati. Ora, Omulu é um grande orixá e não brinca.

Abaluaê representa a morte, a peste e o cemitério. Êste orixá, quando arria em um terreiro, é apenas de passagem. Quando êle se manifesta, a luz é diminuida, todos se ajoelham com os olhos fitos no chão e a mão tocando o solo, dizendo a seguinte fórmula: *"Atô-tô-êh"*. Omulu não fala, não fuma, sòmente faz sinais por mimicas. Em virtude de ser um orixá de grande fôrça, quando arria o seu "cavalo" ou "aparelho" (médium) fica torto. O orixá fica deitado sôbre uma esteira. Cobrem-lhe o rosto com uma toalha grande, branca e preta ou amarela e preta, conforme o ritual do culto.

No culto nagô usa-se uma roupa de palha, em forma de funil, tampando o rosto do "cavalo". O orixá é levantado por uma "samba" ou "cambono", sob um ponto cantado próprio. O orixá dança uma dança exótica, muito diferente da dos outros orixás, com o "cavalo" torto. Só vendo é que se pode avaliar como uma pessoa se transforma tão completamente! Ao se retirar o orixá, passa-se epô (azeite de dendê) nas juntas do "cavalo" para endireitá-lo.

Quando Omulu baixa no terreiro, significa que alguma coisa ruim está para acontecer: morte, peste ou catástrofe. As pessoas que desejam algum favor, pedem

tudo ao contrário: doença, em vez de saúde; desgraça, em vez de felicidade, etc. Assim, tudo dará certo, conforme o desejo do pedinte. Oferece-se ao orixá pipoca, bife, etc. É muito raro ver-se Omulu no terreiro.

O que se vê mais nos terreiros é Ogun, Exu, Oxóssi e Oxun, Algumas vêzes, invocando os "pais velhos", os deturpadores querem é beber cachaça e fazer palhaçada... Inventam sunas (nomes), sem origem, para os orixás...

Para restabelecer a tradição, a Confederação Espírita Umbandista criou o SUPREMO CONSELHO NACIONAL DE UMBANDA, autoridade máxima em assuntos puramente religiosos e constituído: a) dos membros do Comselho Deliberativo Permanente da Confederação; b) de dois sacerdotes cabeças maiores de cada culto africano ou ameríndio. Nem o Supremo Conselho nem a Confederação interferem na vida interna das tendas, centros e terreiros, a não ser quando solicitados.

Os protetores são espíritos de luz, espíritos da natureza. Chamam-se *orixás* em Nagô e Angola, *voduns*, em Gêge e Mina-Gêge, *bacuro* em Bantu, conforme se vê do seguinte quadro:

PORTUGUES	NAGÔ	GÊGE	ANGOLA	BANTU
protetor	orixá	vodun	orixá	bacuro
santuário	pégi	pégi (assentado no comé)	gongá	—
terreiro	abacé	gume	abacé	terreiro

17. AMULETOS

O uso de amuletos não é privativo dos umbandistas. Em tôdas as religiões, com os mais diversos nomes e intenções, sempre se usou dêsses objetos, aos quais se atribui virtudes mágicas. Não importa o grau de cultura do devoto, nem a sua condição social.

O amuleto serve para proteger o crente de males visíveis e invisíveis. A sua fabricação obedece a um ritual mágico complicado. Os amuletos são tirados das árvores sagradas, que são, para os umbandistas, a gameleira, a cajàzeira, a guiné, a arruda e outras. Faz-se também de azeviche. Há dias e horas apropriadas para se tirar um amuleto. Têm a forma de figas. Representam rostos e alguns mostram numerosos braços, como os das imagens de Buddha.

Depois de colhidos nas árvores, os amuletos são preparados em amaci, contra os males que andam na terra. Há ainda os *benguês*, ou *patuás* (breves), etc. Conduzem-nos junto ao próprio corpo.

Mas nem todos os amuletos são de uso pessoal. Há os chamados *cambiá*. Encontra-se em todos os terreiros um *cambiá* enterrado, na entrada. Os filhos e filhas do terreiro também têm o seu cambiá enterrado em casa. Seguindo êsse exemplo, casas de comércio colocam atrás da porta ferraduras, estrêlas do mar, etc.

Prepara-se ainda *cambiá* de sêres vivos, como as cobras. Assim, quando o indivíduo invejoso ou mal intencionado entrava na casa e passava por cima do cambiá, sentia-se doente, com dores, cólicas e lágrimas. Outros ficavam assombrados, na entrada da casa, ou eram perseguidos por uma cobra. Quem sabia dêsses mistérios, ao entrar pedia licença ao invisível ali plantado.

O hábito de pedir licença, quando a gente entra em alguma casa, representa uma sobrevivência dêsse costume. Na porteira das fazendas, os cavaleiros saltavam da montaria, diziam "Louvado seja Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo" e tornavam a montar. Há pouco tempo, visitando um terreiro em Caxias, o seu chefe nos disse sorrindo: "Já sei que os senhores são bem intencionados". Referia-se ao *cambiá* do terreiro.

Nos terreiros, os filhos e filhas de santo fazem as cerimônias adequadas quando entram.

OCHÉU, MEU PAI!
DAI-ME ORÉ, OXALÁ

ANEXOS

I — *A INICIAÇÃO EGÍPCIA*

II — *A LENDA DE XANGÔ*

III — *AS VISÕES DE COEMA PIRANGA*

IV — *A CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA*

I

A INICIAÇÃO EGÍPCIA

Para desvendar o terrível mistério do além túmulo, o estrangeiro se dirigiu ao grande templo de Tebas ou de Mênfis, dedicado ao culto de Isis.

Eis como Eduardo Schuré, em "Os Grandes Iniciados", tomo I, descreve as provas da iniciação egípcia, depois que o estrangeiro batia à porta do templo:

"Conduziam-no os servos ao pórtico de uma galeria interior, cujas pilastras semelhavam lótus gigantescos sustentando com a sua fôrça e a sua pureza a Arca Solar, o templo de Osiris. O hierofante acercava-se do recém-chegado: a majestade da sua figura, a tranqüilidade da sua fisionomia, o mistério dos seus olhos negros, impenetráveis, mas repletos de luz interior, bastavam para perturbar o postulante. O seu olhar perfurava como um estilete. O estrangeiro sentia-se face a face com um homem a quem seja impossível ocultar coisa alguma. O sacerdote de Osiris interrogava-o a seguir sôbre a sua terra natal sôbre a sua família e sôbre o tempo onde se instruíra. Se, durante êsse curto mas penetrante exame, o recém-chegado era julgado indigno de conhecer os mistérios, um gesto silencioso, mas irrevogável, indicava-lhe a porta. Se, porém, o hierofante descobria nêle o desejo sincero da verdade, rogava-lhe que o seguisse.

Atravessavam, então, pórticos, galerias interiores, chegando por fim, após o percurso duma espécie de avenida talhada na rocha sob um teto bordado de estrêlas

e de esfinges, a uma pequena capela, que servia de entrada às criptas subterrâneas. Uma estátua de Isis, em tamanho natural, encobria e disfarçava a porta. Assentada, a deusa tinha sôbre os joelhos um livro fechado, numa atitude de meditação e recolhimento. O seu rosto estava vendado, e lia-se sob a estátua:

NENHUM MORTAL LEVANTOU O VÉU
QUE ME ENCOBRE

— Esta é a porta do santuário oculto — dizia o hierofante. Olha estas duas colunas. A vermelha representa a ascenção do espírito para a luz de Osiris; a negra significa sua sujeição à matéria, pecado êsse que pode ir até o aniquilamento. Quem quer que procure a nossa ciência e a nossa doutrina, joga a vida. A loucura ou a morte, eis o que o fraco ou o malévolo aí encontra: só os fortes e os bons encontram nela a vida e a imortalidade. Por esta porta, tem entrado muito imprudente; mas nenhum dêles saiu vivo por ela. Isto é como um sorvedoiro; dos que aqui cairem só os intrépidos volverão a ver a luz do dia. Reflete, pois, e reflete bem, no que vais fazer, nos perigos que te esperam, e, se a tua coragem não está à prova de tudo, renuncia ao teu empreendimento. Porque, uma vez que esta porta se tenha cerrado sôbre ti, tu não poderás recuar.

Se o estrangeiro persistia na sua vontade, o hierofante introduzia-o por um corredor exterior, recomendando-o aos servidores dos templos, com quem devia passar uma semana, obrigado aos trabalhos mais humilhantes, escutando os hinos e fazendo abluções. Era-lhe impôsto o mais absoluto silêncio.

Chegado à noite das provas, dois neócoros ou assistentes reconduziam o aspirante aos mistérios até à porta do santuário oculto. Penetram num vestíbulo escuro, sem saída aparente. Aos dois lados dessa sala lúgubre, o estrangeiro vê ao clarão de archotes, uma coleção de estátuas, com corpos de homens e cabeças de animais: leões, touros, aves de rapina, serpentes que pareciam fitá-lo escarnecedoramente à sua passagem. Ao fim dessa sinistra avenida, que era atravessada sem se dizer uma única palavra, deparava-se com uma múmia e um esqueleto humano, de pé e frenteando-se. Num gesto mudo os dois neócoros mostravam então ao noviço um buraco que havia na parede, defronte de si; era a entrada de um corredor tão apertado, que se não poderia penetrar nêle, senão de rastos.

— Tu podes, ainda, volver sôbre os teus passos, dizia-lhe um dos assistentes. Não se cerrou por enquanto a porta do santuário. Se o não quiseres, terás que seguir o teu caminho por ali, e sem esperança de regresso.

— Eu fico, respondia o noviço chamando a si tôda a sua coragem.

Entregavam-lhe então uma pequena lâmpada acesa.

Os neócoros retrocediam fechando com fragor a porta do santuário. Não havia que hesitar; era necessário penetrar no estranho corredor.

Apenas começava a deslisar por êle, rastejando sôbre os joelhos, com a lâmpada, na mão, ouvia uma voz dizer no fundo do subterrâneo: "Aqui perecem os loucos que apeteceram a ciência e o poder". Devido a um maravilhoso efeito de acústica, aquela frase era repetida sete vêzes por ecos distanciados.

Urgia, porém, avançar; o corredor alargava-se gradualmente, mas descia em rampa, cujo declínio se tornava de mais em mais precipitoso. Finalmente, o temerário caminheiro encontrava-se em face de uma espécie de funil terminado por um buraco, em que se prendia uma escada de ferro a que o noviço se agarrava.

Chegado ao último degrau da escada, o seu olhar terrificado mergulhava num precipício horroroso.

A luz frouxa da lâmpada de nafta, que êle apertava na sua mão trêmula, projetava nas trevas sem fundo o seu clarão vago.

Que fazer?

Para cima, era impossível retroceder; em baixo, era a queda na escuridão, na noite medonha.

No meio de tal angústia, percebia que à sua esquerda se abria uma fenda. Aferrado com uma mão à escada, estendendo com a outra a sua lâmpada, sondava-a. Uma escadaria! Era a salvação. Precipitava-se para ela: subia-a, escapava ao sorvedouro! A escadaria furando a rocha como uma verruma, subia em espiral! Finalmente, o aspirante encontrava-se diante de uma grade de bronze, dando para uma larga galeria sustentada por enormes cariatides. Nos intervalos, pelos muros, viam-se duas filas de frescos simbólicos. Eram onze de cada lado, docemente iluminados por lâmpadas de cristal, que as belas cariatides suspendiam das suas mãos de pedra.

Um mago, denominado *pastóforo* (guardião dos símbolos sagrados) abria ante o noviço a grade de bronze, acolhendo-o com um sorriso benévolo. Felicitava-o por ter atravessado com felicidade a primeira prova, depois, do que o conduzia ao longo da galeria e lhe explicava as pinturas sagradas. Havia, por debaixo de cada uma dessas pinturas, uma letra e um número.

Os vinte e dois símbolos representavam os vinte e dois primeiros mistérios e constituiam o alfabeto da ciênca oculta, quer dizer os princípos absolutos, as chaves unversais, que, aplicadas pela vontade, se transformam na fonte de tôda sabedoria e de todo poder. Êsses princípios fixavam-se na memória, pela sua correspondência com as letras da língua sagrada, e com os números que se liam junto dessas letras. Cada letra e cada número exprime nessa língua uma lei tríplice, com repercussão no *mundo divino,* no *mundo intelectual* e no *mundo físico* . Pela mesma forma por que o dedo que tange uma corda na lira faz ressoar uma nota de escala e vibrar todos os sons harmônicos, o espírito que contempla tôdas as virtudes de um número, a voz que pronuncia uma letra

com consciência do seu valor, evocam um poder que repercute nos três mundos.

É assim que a letra A, que corresponde ao número 1, exprime no *mundo divino*: o Ser absoluto, de que emanam todos os sêres; *no mundo intelectual*: a unidade, origem e síntese dos números; no *mundo físico*: o homem, vértice dos sêres relativos, que, pela expressão das suas faculdades, se eleva às esferas concêntricas do infinito. O arcano 1 era figurado, entre os Egípcios, por um mago de túnica branca, de cetro na mão, a fronte cingida por uma coroa de oiro. A túnica branca significava a pureza, o cetro o poder, a coroa de oiro a luz universal.

O noviço estava muito longe de compreender tudo o que sentia de estranho e de nôvo; diante de si, porém, abriam-se perspectivas desconhecidas, às palavras do pastóforo e em face dessas belas pinturas que o olhavam com a impassível gravidade dos deuses. Entrevia, por detrás de cada um dêles, uma multidão de pensamentos e de imagens, evocadas de súbito como relâmpagos, cruzando-lhe o cérebro. Pressentia, pela primeira vez, o *interior do mundo,* pela cadeia misteriosa das causas. E assim, de letra em letra, de número em número, o mestre ia explicando ao discípulo o sentido dos arcanos, conduzindo de *Isis Urânia* ao *carro de Osiris, da torre derribada à espada flamejante*, e por fim à *coroa dos magos*. "E aprende bem dizia o pastóforo, o que quer dizer coroa: tôda a vontade que se une a Deus, para manifestar a verdade e realizar a justiça, entra desde esta vida em participação do poder divino sôbre os sêres e sôbre as coisas, recompensa eterna dos espíritos libertos."

Escutando as palavras do mestre, o neófito experimentava um misto de surprêsa, de crença e de arrebatamento. Aquêles eram os primeiros esplendores do santuário, e a verdade entrevista parecia-lhe a alvorada de uma divina recordação.

As provas não haviam, porém, terminado ainda. Acabando de falar, o pastóforo abria uma porta que dava

acesso para sob uma nova abóbada estreita e longa, na extremidade da qual crepitava uma fornalha ardente. "Mas isto é a morte!" — exclamava o noviço; e punha-se a olhar o seu guia, num estremecimento.

"Meu filho — respondia-lhe o mago, a morte só apavora as naturezas defeituosas. Eu atravessei outrora essas labaredas, como quem atravessa um campo de rosas." E a grade da galeria dos mistérios cerrava-se sôbre o postulante.

Acercando-se da barreira de fogo, percebia que a fornalha se reduzia a uma ilusão de ótica, criada por madeiras resinosas entrelaçadas em quincôncio sôbre grelhas. Uma vereda, aberta no meio das chamas, permitia-lhe passar com rapidez.

A prova do fogo, sucedia-se a prova da água. O aspirante via-se forçado a atravessar uma água morta e negra, ao clarão de um incêndio de nafta, aceso por detrás dêle na câmara de fogo. Após essa prova, dois assistentes conduziam-no, ainda todo arripiado, a uma gruta escura, onde se não divisava mais do que um leito macio, misteriosamente iluminado pela meia-luz duma lâmpada de bronze, suspensa da abóbada. Enxugavam-no, friccionavam o seu corpo com essências raras, revestiam-no de fino linho e deixavam-no só, depois de lhe terem dito: "Repousa e espera o hierofante".

O noviço distendia os membros fatigados sôbre a cobertura suntuosa do seu leito. Após as emoções tão diversas por que passara, aquêles momentos de calma eram deliciosos. As pinturas sagradas que vira, tôdas essas figuras estranhas, esfinges, cariatides, lhe perpassavam pela imaginação. Havia, porém, uma dessas pinturas que sobrelevava as outras na obstinada insistência com que lhe surgia à mente, teimosa, repassando-lhe o espírito como uma alucinação. Era a do arcano X, representado por uma roda, suspensa, do seu eixo, entre duas colunas. De um lado subia Hermanubis, o gênio do Bem, formoso como um jovem efebo; do outro, Tifon, o gênio do

Mal, a cabeça baixa, precipitava-se no abismo. Entre os dois, em cima da roda, uma esfinge sustentava nas garras uma espada.

O zumbido vago de uma música lasciva, que parecia partir do fundo da gruta, afugentava essa imagem. Eram sons leves e indefiníveis, de um langor triste e incisivo. Roçava-lhe pelo ouvido um tinir de metais, que lhe dava uma sensação de carícia, misturado a arrepios de harpa, que fugiam, sons de flauta, suspiros arfantes com hálito cálido.

Como que envolvido em um sonho de fogo, o noviço cerrava os olhos. Quando os abria de nôvo, divisava a alguns passos do seu leito uma aparição perturbadoramente infernal de vida e de sedução.

Uma mulher da Núbia, envolta numa gaze de púrpura transparente, um colar de amuletos pendendo-lhe sôbre o colo, semelhante às sacerdotísas dos mistérios de Milita, estava ali, de pé, na sua frente, olhando-o com uma ternura sôfrega, e sustentando na mão uma taça engrinaldada de rosa. Ela tinha êsse tipo nubiano, em que a sensualidade intensa e capitosa concentra todos os podêres do animal feminino: seios salientes, narinas dilatadas, lábios grossos como um fruto vermelho e saboroso. Os seus olhos negros faiscavam na penumbra. O noviço estremunhava num sobressalto, e, surprêso, não sabendo se havia de tremer ou regozijar-se, cruzava instintivamente a mão sôbre o peito.

A escrava acercava-se, porém, a passos lentos e macios, baixava os olhos, murmurava em voz doce: "Tens mêdo de mim, ó belo estrangeiro? Eu trago-te a recompensa dos vencedores, o esquecimento das penas, a taça da ventura..." O neófito hesitava; e então, como tomada de lascívia, a Núbia assentava-se sôbre o tálamo e envolvia o estrangeiro em um olhar suplicante, como uma longa e envolvente labareda úmida. Desgraçado, porém, se ousava cingi-la, se se inclinava sôbre essa bôca, se se

embebedava com os perfumes pesados que brotavam de suas espáduas côr do bronze. Uma vez que êle tocasse aquela mão, e colocasse os lábios aos rebordos daquela taça, estava perdido... Rolaria sôbre o tálamo, enlaçado num abraço ardente: passado, porém, o cêvo selvagem do desejo, o líqudio que bebera mergulhava-o num sono pesado. Ao acordar encontrava-se só e angustiado. A lâmpada derramava um clarão fúnebre sôbre o seu leito em desordem. Diante dêle estava um homem: era o hierofonte, que lhe dizia:

— Tu soubeste sair vencedor das primeiras provações. Triunfaste da morte, do fogo e da água, mas não soubeste vencer-te a ti mesmo. Tu, que aspiras às alturas do espírito e do conhecimento, sucumbiste à primeira tentação dos sentidos e caiste no abismo da matéria. Quem vive escravo dos sentidos, vive nas trevas. Preferiste a escuridade à luz; fica-te, pois, na escuridade! Eu precavi-te contra os perigos a que te expunhas. Tu salvaste a tua vida: mas perdeste a tua liberdade e ficarás, sob pena de morte, escravo do templo.

Se, ao contrário, o aspirante entornava a taça e repelia a tentadora, vinham então doze neócoros armados de fachos que o rodeavam e conduziam triunfalmente ao santuário de Isis onde os magos, colocados em hemiciclo e vestidos de branco, o esperavam em assembléia plenária.

Ao fundo do templo, esplêndidamente iluminado, erguia-se a estátua colossal de Isis em metal fundido — uma rosa de oiro no colo, um diadema de sete raios na cabeça e tendo seu filho Horus nos braços.

Diante da deusa, o hierofante, vestido de púrpura, recebia o recém-chegado e obrigava-o a prestar, sob as mais temíveis ameaças, o juramento do silêncio e da submissão. Em seguida saudava-o em nome de tôda a assembléia como a um irmão e como a um futuro iniciado. O discípulo de Isis, ao ver-se em face de seus augustos mestres, julgava-se na presença dos deuses.

Elevado acima de si mesmo, penetrava pela primeira vez na esfera da verdade.

E, contudo, o noviço não havia ultrapassado ainda mais do que os umbrais da iniciação. Começavam agora os longos anos de estudo e de aprendizagem. Antes de se elevar a Isis Urânia, deveria conhecer a Isis terrestre, instruir-se nas ciências físicas e androgênicas. O seu tempo repartia-se entre as meditações da sua cela, o estudo dos hieroglifos nas salas e galerias do templo, tão vasto como uma cidade, e as lições dos mestres. Aprendia a ciência dos minerais e das plantas, a história do homem e dos povos, a medicina, a arquitetura e a música sagrada.

Nessa longa aprendizagem não devia, apenas, *conhecer*, mas *adivinhar*, conquistar a fôrça pelo poder de ciência.

Os sábios antigos criam em que o homem não possuia a verdade senão quando esta se tornava uma parte do seu ser íntimo, um ato espontâneo da sua alma.

Porém, nesse trabalho profundo de assimilação, os mestres deixavam o discípulo completamente entregue a si mesmo. Não o auxiliavam em coisa alguma e, a maior parte das vêzes, êle próprio se espantava da sua indiferença. Viglavam-no com atenção; sujeitavam-no a regras inflexíveis; exigia-se-lhe uma obediência absoluta; mas nada lhe revelavam para lá de certos limites.

Às suas inquietações, às suas perguntas, respondiam-lhe apenas: "Espera e trabalha".

. . . . . .

Uma ou outra vez inquiria de algum dos magos: "Ser-me-á um dia permitido aspirar a rosa de Isis e ver a luz de Osiris?" — Respondiam-lhe: "Isso não depende de nós A verdade não se dá. Ou nós a encontramos em nós mesmos, ou nunca a encontramos. Nós não podemos fazer de ti um adepto: é necessário que tu o consigas por

ti mesmo. O lótus pousa longo tempo sôbre o rio, antes de desabrochar. Não apresses a eclosão da flor divina. Se ela tem de vir, ela virá na sua hora própria. Trabalha e ora".

E o discípulo voltava aos seus estudos, às suas meditações penetrado de um prazer triste. Amou o encanto austero e suave dessa solidão em que passava como que um sôpro do ser dos sêres. Decorriam assim os meses, os anos. Pouco a pouco, sentia que em si mesmo se ia operando uma transformação gradual, uma metamorfose completa. As paixões, que haviam assediado a sua juventude afastavam-se como sombras, enquanto os pensamentos que se lhe abriam no cérebro lhe sorriam como amigos imortais. O que êle por momentos sentia era a aniquilação do seu ser terrestre e o nascimento de um ser mais puro e mais etéreo. Tomado dêsse sentimento, chegava a prostrar-se ante as portas do santuário cerrado. E não havia então dentro de si mais revoltas, mais desejos, mais arrependimentos. Todo êle era um perfeito abandono da alma aos deuses, uma completa oblação à verdade. "Ó Isis — dizia nas suas orações — pois que a minha alma não é mais do que lágrima dos teus olhos, que ela caia em orvalho sôbre as outras almas e que, morrendo, eu sinta o seu perfume ascendente para vós; eis-me pronto para o sacrifício."

Após uma dessas orações mudas, o discípulo que em êxtase via perto de si, de pé, como uma visão que surgisse do solo, o hierofante envolvido nos quentes clarões do poente. O mestre parecia ler todos os pensamentos do seu discípulo, penetrar todo o drama da sua vida interior.

— Meu filho, dizia-lhe, aproxima-se a hora em que a verdade te será revelada, visto tu já a teres pressentido descendo ao fundo de ti mesmo e encontrando aí a vida divina. Tu vais entrar na grande, na inefável comunhão dos Iniciados, pois que disso és digno, pela pureza do coração, pelo amor da verdade e pelo poder da renúncia. Mas ninguém franqueia o limiar de Osiris, sem passar

pela morte e pela ressurreição. Vamos portanto acompanhar-te à cripta. Não tenhas receio, porque tu és já um dos nossos irmãos.

E pelo crepúsculo, os sacerdotes de Osiris acompanhavam, entre brandões acesos, o nôvo adepto a uma cripta baixa sustentada por quatro pilastras cujas bases esfinges. A um dos seus cantos eram formadas por um sarcófago aberto em mármore. contrava-se um sarcófago aberto em mármore.

— Nenhum homem, dizia o hierofante, escapa à morte e tôda a alma vivente está destinada à ressurreição. O adepto passa vivo para o túmulo para entrar noutra vida, na luz de Ossiris. Deita-te, pois, nesse túmulo e espera a luz divina. Tu franquearás esta noite a porta do Terror e atingirás os umbrais do mestrado.

O adepto deitava-se no sarcófago aberto, o hierofante espalmava sôbre êle a mão, em bênção, e o cortejo dos iniciados afastava-se em silêncio da sepultura.

Uma pequena lâmpada posta no chão esclarecia com o seu clarão dúbio as quatro esfinges que suportavam as colunas grossas da cripta. Sentia-se, como que ao longe, um côro de vozes profundas, baixo e velado. Donde vinha êle? O canto funerais!... E o canto derradeiro clarão, e extingue-se com-lâmpada lança um pleto está só nas trevas, cai sôbre êle o morte até que tombe lhe gela todos os membros. Grafrio do sepulcro, quenta tôdas as sensações dolorosas da então diante dos olhos dualmente experimenta em letargia. A sua vida desfila-lhe quer cousa de irreal, e a sua consciência terrestre torna-se cada vez mais vaga, po, a parte etérea, fluida, do seu ser dissolver-se-lhe o corpo se... Cai em êxtase... O que é vai desembaraçando-se... nte que se acende ao longe, quase aquêle ponto brilhante fundo negro das trevas? Ei-lo que imperceptivel sôbre ta, transforma-se em uma estrêla de se aproxima, aumentando raios têm tôdas as côres do arco-íris cinco pontas, cujos são descargas de luz magnética. Oh, e lançam na escurid

aquilo é um sol que o atrai à brancura do seu centro incandescente. É a magia dos mestres que produz essa visão? É o invisível que se torna visível? É o presságio da verdade celeste, a estrêla flamejante da esperança e da imortalidade? — Enfim, desaparece; e em seu lugar um botão vem desabrochar na noite uma flor imaterial, mas sensível e dotada de uma alma. Ela abre-se na sua frente, como uma rosa branca: desdobra as suas fôlhas e êle vê formarem-se as suas pétalas vivas, purpurear-se o seu cálice inflamado. É a flor de Isis, a rosa mística, que encerra em seu coração o amor; — Mas eis que se evapora, como uma nuvem de perfumes. Então o iniciado sente-se abafado por um sôpro quente e acariciador. Depois de haver hesitado em formas caprichosas, a nuvem condensa-se e assume uma figura humana. É a de uma mulher, a Isis do santuário oculto, mas, mais moça, sorridente e luminosa. Envolve-se em roda do seu corpo, em espiral, na mão um rôlo de papirus. Acerca-se docemente, dobra-se para o iniciado deitado na sua tumba, e diz-lhe: "Eu sou a tua irmã invisível, eu sou tua alma divina e êste é o livro da tua vida. Êle encerra as páginas cheias das duas vidas pretéritas e as páginas brancas das tuas vidas futuras. Desenrolá-las-ei tôdas, um dia, diante de ti. Fica-me, entretanto, conhecendo. Chama-me e eu virei."

E enquanto ela fala — ó presença de um dom angélico, promessa inefável do divino, fusão maravilhosa do impalpável além! — um raio de ternura brota dos seus olhos.

Mas tudo se desfaz, a visão desvanece-se numa sensação horrorosa de dilaceramento. O adepto sente-se precipitado em seu próprio corpo como em um cadáver. Cai num estado de letargia consciente. Circulos de ferro prendem-lhe os membros; um pêso terrível pesa sôbre o seu cérebro; êle desperta, enfim... e, de pé, na sua frente vê o hierofante acompanhado de magos. Rodeiam-no, fazem-lhe beber um cordeal, e êle levanta-se:

— Eis-te ressuscitado, diz então o profeta, vais celebrar conosco o ágape dos iniciados e narrar-nos a tua viagem na luz de Osiris. Porque tu és, de hoje em diante, um dos nossos.

Em seguida é transportado, com o hierofante ao observatório do templo, sob o calmo esplendor de uma dessas aveludadas noites egípcias. Era ali que o chefe do templo fazia ao nôvo iniciado a grande revelação, recontando-lhe a *visão de Hermes*. Essa visão não estava escrita em papirus algum, apenas existia marcada em sinais simbólicos nas estrêlas da cripta secreta e só era conhecida do profeta. A sua explicação era transmitida oralmente de pontífice a pontífice.

— Escuta bem, dizia o hierofante, esta visão encerra a história eterna do mundo e o círculo das coisas. (2)

. . . . . .

E o iniciado respondia por estas palavras orgulhosas: "Atingi o país da verdade e da justiça. Ressuscito com um Deus vivo e brilho no côro dos Deuses que habitam o céu, porque sou da sua raça."

Tão altivos pensamentos, tão audaciosas esperanças podiam visitar o espírito do adepto, na noite que seguia a cerimônia mística da ressurreição. No dia imediato, nas avenidas do templo, sob a luz cegante, essa noite não lhe parecia mais do que um sonho... Mas que sonho inolvidável não era essa primeira viagem ao impalpável e ao invisível! Novamente êle lia a inscrição da estátua de Isis: "Nenhum mortal ergueu o meu véu". Todavia, uma ponta dêsse véu se havia levantado, mas para de nôvo cair, e êle havia acordado sôbre a terra dos túmulos.

(2) Não vamos transcrever a maravilhosa Visão de Hermes. O leitor que se interessar pelo assunto poderá encontrá-la no tomo I do grande livro de Eduardo Schuré — **"Os Grandes Iniciados"**, em tradução da "Cultura Moderna", de São Paulo. Em todo o caso, estamos à disposição do leitor.

Ah! como estava longe do têrmo sonhado e quanto é longa a viagem na *barca dos milhões de anos!*

. . . . . .

A iniciação terminara. O adepto estava consagrado sacerdote de Osiris."

II

A LENDA DE XANGÔ

O babalaô Martiano forneceu ao jornal "O Estado da Bahia", de São Salvador, a seguinte lenda de Xangô:

— "Oyó, capital de Yoruba — antigamente simples acampamento dos nagôs para a doma de búfalos — era governada por Abiodum, um dos primeiros reis do povo nagô. Êle era amigo do seu povo e o país prosperava a olhos vistos. Com a sua morte sucedeu-o Awolé, que embora concorresse para aumentar o fabrico do azeite de côco, não conseguiu que a vida se fizesse menos difícil, principalmente para a lavoura. O povo nagô o crivava de indiretas: *Awolé li a di adikalé...*

Afinal, Awolé abdicou em favor de Arôgangan, ũm grande caçador e um grande guerreiro, mas sem jeito para governar. O povo, em contínuas revoltas, demonstrava a sua antipatia pelo govêrno militar de Arôgangan.

Foi então que surgiu Bêri, depois chamado Xangô, Êle, que era um homem valente, invadiu Oyó com o seu povo fazendo proezas de assombrar. O povo nagô ficou amedrontado e o próprio rei Arôgangan curvou a cabeça diante do invasor. Ora, isso era um sinal de fraqueza, uma profissão de vassalagem, pois os eis não curvam a cabeça diante de ninguém. Assim o compreendeu o povo, que daí por diante começou a obedecer a Xangô em vez de ao rei.

Engraçado era que o rei Arôgangan era vaidoso ao extremo, tendo feito correr entre o povo do seu reino estas palavras:

Arôgangan fi ôkê xê éghéra
ôri kô gbô kê món
alô xó bi ébóra
ôybô íxókún,

que querem dizer que "só as montanhas são comparáveis a Arôgangan, diante de quem todos deveriam baixar a cabeça, reconhecendo nêle um grande potentado, como os brancos".

Apesar de tudo, Xangô tomou conta do govêrno, sem que, entretanto, destronasse Arôgangan. O povo de Yoruba continuou a guerra com os povos vizinhos, sempre vencedor, devido às façanhas nunca vistas de Xangô.

Foi nessa época que dois grandes guerreiros da cidades sitiadas por Xangô vieram aprender com êle a tática da guerra. Um dêles era Timin, valente guerreiro do qual se dizia que as flechas eram como chamas, donde o chamarem Abbalê Ólófá Inan, o guerreiro que desprendia flechas de fogo. O outro era Gbonká, alto e forte, apelidado, por isso mesmo, Éberi. Xangô não lhes fêz cara feia; antes se prestou a ensinar-lhes a arte da guerra de boa vontade. Na verdade, porém, Xangô não lhes ensinava tudo, pois pensava matá-los, temendo a sua concorrência na chefia do Poder. Ainda mais porque os dois jovens guerreiros cada dia se tornavam mais populares entre o povo de Yoruba. Havia já algum tempo, aliás, que Xangô apenas fazia preparar a guerra. À frente dos exércitos marchavam os guerreiros Timin, o das flechas luminosas, e Gbonká, o gigante...

Um belo dia, Timin desconfiou dos intuitos de Xangô e, à volta de uma emprêsa arriscadíssima, de que voltara, como sempre vitorioso, coberto de glória, chegou a Oyó e, acintosamente, em vez de se dirigir ao palácio real, mandou chamar Xangô para a praça pública onde o esperava. O grande guerreiro atendeu ao chamado. Então, ajudado por Gbonká, diante da assembléia das tribos, Timin exprobou o procedimento de Xangô, dizendo-lhe que, se os queria matar, a êle e ao gigante, mandasse armar uma fogueira para os queimar vivos. Xangô isso fêz. A fogueira ardeu, sem queimar os dois companheiros intrépidos.

Outra prova — a das brasas e do azeite fervendo — foram utilizadas, sem dar o resultado previsto. Então, diante da desmoralização sofrida, Xangô, sem que ninguém conseguisse saber como, desapareceu do meio das tribos estupefactas.

Houve um grande clamor na terra e, mal se dava pelo desaparecimeno de Xangô, uma tempestade de violência nunca vista desabou sôbre o mundo, com trovoada, relâmpagos e raios... Os homens da nação nagô tiveram mêdo e exclamaarm:

— Xangô se tornou um Orixá!

O maior guerreiro de Yoruba, desaparecendo, levava as favoritas entre as suas mulheres, Ôxun e Oyá, para as nuvens.

Os dois guerreiros que haviam provocado o desaparecimento de Xangô, voltaram às suas terras de origem. Os ministros de Xangô, os *mangbá*, instituiram o seu culto como Orixá, atribuindo-lhe, no céu, as mesmas preferências pessoais que denunciara, cá na terra, por certos animais, como o carneiro, e por certos comestíveis, como o quiabo, etc. Daí a divnização de Xangô.

Algum tempo depois, formou-se um conselho de ministros encarregados de manter vivo o seu culto. Êsse conselho foi organizado com os doze ministros que, na

terra, o haviam acompanhado, seis do lado direito, seis do lado esquerdo. Os da direita eram Abiódum (descendente do rei Abiódum, príncipe), Ônikôy, Aréssá, Onanxôkum, Óbá Télá e Ôlugbam. Os da esquerda, Arê, Ôtum Onanxôkum, Ókó, Kaká, Nfô e Ôssi Ónikôyi. Êstes ministros, antigos reis, príncipes ou governantes dos territórios, conquistados pela bravura de Xangô, não deixaram que a lembrança do herói se apagasse na memória das gerações."

III

AS VISÕES DE COEMA PIRANGA

O aparecimento de Coema Piranga nesta encarnação foi anunciado ao chorar no ventre materno. Aos 17 anos, surgiram os primeiros sinais de clarividência e clariaudiência e intuição do que está para acontecer.

Certa tarde, aos 17 anos, sentado a uma mesa na elaboração de duas teses de Astronomia, movido por uma fôrça estranha voltou o rosto três vêzes e viu a sua genitora, de luto recente; na quarta vez, a visão desapareceu e só então Coema se lembrou de que ela se achava com os outros filhos em visita a uma velha parenta.

Êsse fenômeno se repetiu anos mais tarde, quando o vidente se achava prêso por motivos políticos. Na penitenciária, tinha como campanheiro de cela um espírita, homem de idade madura. Certa noite, às 2 horas da madrugada, levantou-se na rêde e, sob a luz forte da lâmpada elétrica, viu o seu amigo dormindo serenamente, vestido de roupa kaki, enquanto uma exata reprodução física do companheiro, um seu "duplo", porém vestido de branco, contemplava fixamente o adormecido com um braço passado no punho da rêde. O vidente não ousou interromper a cena — Figueiredo olhando para Figueiredo — com receio de prejudicar o amigo.

Mas a sua mais impressionante experiência psíquica foi o transporte a outro plano do Universo. Encontrava-se, então na cidade de São Bento, no Maranhão, no exercício de sua profissão terrena de advogado. Isso aconteceu em 1934, na presença de numerosas testemunhas, in-

clusive o subdelegado de polícia, sr. Antônio Padilha. Sem intenção determinada, imprudentemente, anunciou que iria invocar os espíritos. Apoiando-se, de pé, no espelho de uma cadeira, na sala de visitas, concentrou-se realmente. De repente, viu que um denso nevoeiro invadiu a sala, enquanto uma luz prateada, retilínea, acendia-se e apagava na bandeira da porta. Plenamente consciente, ainda perguntou a si próprio se não seria um foco de lanterna elétrica lançado da rua, que estava às escuras.

O nevoeiro aumentava, enquanto as pessoas presentes desapareciam, desapareciam também o teto, as paredes e o assoalho. Coema Piranga encontrou-se então isolado, flutuando num espaço de absoluta escuridão. Consciente, compreendeu que estava fora do mundo físico, em pleno desconhecido. Súbito, ao longe, começou a se formar qualquer coisa como uma tênue fumaça branca, que se foi condensando, tornando-se inteiramente luminosa e adquirindo o contôrno de uma figura humana. Aí o vidente reagiu. O temor do subrenatural prevaleceu e o seu espírito decidiu se retirar para o mundo físico. Recorrendo a tôdas as suas fôrças, conseguiu retornar à cadeira em que o seu corpo se apoiava Fazendo pressão sôbre os braços, desgarrou as mãos da cadeira. Caiu então para trás duro e gelado, enquanto o nevoeiro se dissipava. Só então as pessoas que o acudiram perceberam a gravidade do caso.

Outra vez, convidado a tomar parte em uma sessão do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, acedeu. Fechada a cadeia, o vidente perguntou às entidades espirituais se podia vir ao Rio. Apareceu-lhe, então, a estátua do Cristo do Corcovado. Formou-se uma larga faixa de lux que subia do seu coração ao coração de Jesus. E a santa imagem moveu os seus braços de mármore, abençoando o peregrino com o seu gesto de amizade. Depois, o vidente sentiu-se cair em uma escuridão absoluta, sobrenatural, como não se observa na terra.

Fugaz como um sonho, de apenas uma das suas encarnações tem Coema Piranga um leve indício: viveu na França há 300 anos, reconhecendo amigos e parentes, daquela época.

Numerosos fenômenos presenciou o vidente. Em Nova Iguaçu, em um sítio da Fazenda da Posse, às 7 horas de uma radiosa manhã de sol, em plena luz, viu o busto de um fidalgo francês, mas um busto que tinha vida, suspenso no ar, atravessar o seu dormitório lentamente.

Certa vez, em Cururupu, no Maranhão, às 21 horas, ao atravessar na mata uma clareira deu de cara com dezenas de pessoas fazendo roçado, queimando troncos de árvores, suando ao revérbero das chamas crepitantes. Mas os homens, as mulheres e as crianças eram anõezinhos de pele escura, e as imensas fogueiras, muito próximas do vidente, não produziam o menor calor... Antes de alcançar o outro lado da clareira, percebeu que a cena era impossível. Disseram-lhe, depois, que ali existira uma grande fazenda de lavoura, nos tempos da escravidão. Tivera, pois, uma visão retrospectiva.

A qualquer hora da noite, na cidade, no sertão, nos garimpos, nos rios e nas montanhas, nos cemitérios, nas ruinas, nos desertos, Coema Piranga viaja, só ou acompanhado. O mêdo não habita no coração daquele que se conforma com a vontade de Deus.

Porque, acima de todos os preconceitos, de tôdas as diferenças de hierarquia, de tôdas as convenções humanas, há uma verdade: "Anterior e superior à Terra é o tipo divino do homem; celeste é a origem da sua alma". E então, como ensinou o Divino Mestre no Sermão da Montanha:

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque dêles é o reino dos céus.



Um grupo da Diretoria da Confederação Espírita Umbandista, vendo-se entre outros o presidente da Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro e o da Federação Espírita Umbandista do Estado de Sergipe.

REGULAMENTO GERAL DA CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA

Capítulo I

DOS OBJETIVOS

Art. 1.º — A Confederação Espírita Umbandista (C. E. U.), de âmbito nacional, com sede no Distrito Federal, tem por finalidade reunir tôdas as tendas, centros e terreiros do ritual de Umbanda, com os seguintes objetivos:

a) difundir a doutrina espírita umbandista, de acôrdo com as leis vigentes e as autoridades constituídas;

b) prestar assistência social, jurídica, médica e odontológica aos seus sócios;

c) conceder auxílio-funeral aos seus sócios, no limite de suas possibilidades financeiras;

d) dar instrução aos seus sócios e famílias, aproveitando os centros que disponham de local apropriado;

e) solicitar às autoridades melhoramentos públicos que beneficiem não sòmente seus sócios mas o povo em geral; e

f) prestar confôrto espiritual e material aos que dêle necessitarem.

Capítulo II

DOS SÓCIOS

Art. 2.º — O Quadro Social da C.E.U. será constituído das seguintes categorias de sócios:

I — fundadores
II — honorários
III — benfeitores
IV — efetivos.

Parágrafo único — Os sócios efetivos podem ser:

a) coletivos (tendas, centros e terreiros);
b) individuais.

Capítulo III

DOS DEPARTAMENTOS

Art. 3.º — Subordinados diretamente ao Conselho Deliberativo Permanente, funcionam os seguintes Departamentos:

I — Departamento Cultural
II — Departamento Jurídico
III — Departamento Médico
IV — Departamento Odontológico
V — Departamento Recreativo
VI — Departamento de Assistência Social
VII — Departamento de Propaganda
VIII — Departamento de Doutrina Espírita Umbandista
IX — Departamento de Ciência Astrológica.

Parágrafo único — Nas Federações Estaduais poderão ser criadas filais dêsses Departamentos.

Art. 4º — Compete ao Departamento Cultural dar combate ao analfabetismo, supervisionando as escolas e instituições culturais criadas pela C. E. U.

Parágrafo único — Nessas escolas será exclusivamente ministrado ensino leigo.

Art. 5.º — Compete ao Departamento Jurídico prestar assistência jurídica aos sócios individuais e coletivos, promover a legalização de centros, tendas e terreiros e representá-los perante as autoridades constituídas.

Art. 6.º — Compete ao Departamento Médico e ao Departamento Odontológico, respectivamente, prestar assistência médica e assistência dentária aos sócios, gratuitamente, exceto quanto ao material empregado.

Parágrafo único — As consultas obedecerão à escala de serviço que fôr aprovada, mencionando-se local, dia e hora.

Art. 7.º — Compete ao Departamento Recreativo organizar comemorações, festas, excursões, jogos desportivos, etc., em benefício da Confederação Espírita Umbandista.

Art. 8.º — Compete ao Departamento de Assistência Social prestar confôrto espiritual e material aos que dêle necessitem, organizar cooperativas de consumo, sugerir a realização de festas e benefícios e a criação de créches e hospitais, nos limites dos recursos financeiros.

Art. 9.º — Compete ao Departamento de Propaganda dirigir a propaganda da C. E. U. em jornais, revistas e emissoras, e editar o órgão oficial da entidade.

Art. 10 — Compete ao Departamento de Doutrina Espírita Umbandista orientar a parte relativa ao culto, difundir a doutrina espírita umbandista (em colaboração com o Departamento de Propaganda) e supervisionar os centros, tendas e terreiros filiados.

Art. 11 — Compete ao Departamento de Ciência Astrológica responder a consultas feitas e avaliar os graus de mediunidade espiritual dos sócios.

Art. 12 — O Departamento de Doutrina Espírita Umbandista é obrigado a prestar os esclarecimentos sôbre a doutrina, solicitados pelos sócios, especialmente chefes de terreiros ou gongá, reavivando a tradição antiga.

Art. 13 — O Departamento de Assistência Social deve atender e orientar os umbandistas de qualquer parte do território brasileiro que estejam de visita ou de mudança na capital do país. Cabe-lhe, igualmente, zelar pelo bem estar dos órfãos de associados, orientando-os no bom caminho e oferecendo-lhes oportunidades para o trabalho honesto, de acôrdo com sua aptidão.

Capítulo IV

DO SUPREMO CONSELHO NACIONAL DE UMBANDA

Art. 14 — Fica criado o SUPREMO CONSELHO NACIONAL DE UMBANDA, constituído dos seguintes membros:

I — Os membros do Conselho Deliberativo Permanente da Confederação Espírita Umbandista;

II — os dois sacerdotes cabeças maiores de cada culto africano e ameríndio (Angolista, Nagô, Gêge, Cabinda, Malé, Guiné, Loanda, Benguela, Laketu, Linha das Almas, Linha de Jurema) todos confirmados em seus graus;

III — os dois sacerdotes de cada um dos outros cultos africanos e ameríndios não enumerados acima, porém todos confirmados em seus graus.

§ 1.º — Todos os membros do Supremo Conselho devem ser conhecedores das mirongas de Umbanda e dos mistérios da Terra.

§ 2.º — Poderão ser convocados para as reuniões do Supremo Conselho representantes das Federações Estaduais filiadas.

§ 3.º — A Secretaria do Supremo Conselho ficará a cargo do Conselho Deliberativo Permanente da Confederação Espírita Umbandista, sendo o presidente da reunião escolhido na hora pelos membros presentes.

Art. 15 — A Diretoria Executiva da C.E.U. auxiliará as autoridades competentes na repressão ao exercício ilegal da medicina e da arte farmacêutica, respeitado o ritual do culto.

Art. 16 — Sem o consentimento prévio e expresso da Diretoria Executiva, não se realizará nenhuma cerimônia ou festa que não esteja enquadrada no ritual do culto.

Art. 17 — A C.E.U. prestará cooperação moral e espiritual a quem demonstrar compreender os seus objetivos estatutários.

Capítulo V

DOS DIREITOS E DEVERES DOS SÓCIOS

Art. 18 — São direitos dos sócios:

a) participar da vida social da Confederação;
b) votar e ser votado;
c) receber assistência espiritual quando desejar;
d) receber assistência material quando se tornar necessário;
e) ser instruído na doutrina espírita umbandista; e
f) enviar notícias para o órgão oficial da C.E.U.

Art. 19 — São deveres dos sócios:

a) cumprir os Estatutos;
b) pagar suas contribuições mensais;
c) não discutir sôbre religião em lugar profano;
d) respeitar tôda e qualquer religião e seus sacerdotes;

e) não ridicularizar os membros de outros terreiros, tendas e centros;
f) prestar ajuda ao seu irmão de culto, nas horas difíceis; e
g) acatar o Supremo Conselho Nacional de Umbanda como autoridade máxima em matéria religiosa.

Capítulo VI

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 20 — Subordinada ao Conselho Deliberativo Permanente, fica criada uma Comissão do Patrimônio, à qual incumbe administrar o patrimônio da C.E.U.

Art. 21 — A esfera de ação da Diretoria Executiva é exclusivamente administrativa, competindo ao Departamento de Doutrina Espírita Umbandista a ação de proselitismo e ao Supremo Conselho Nacional de Umbanda a decisão final em matéria religiosa.

Art. 22 — A carteira social da C.E.U. ou das Federações Estaduais deve ser acatada pelos centros, tendas e terreiros filiados, para efeito de ingresso e assistência espiritual.

Art. 23 — Ao solicitar inscrição, o centro, tenda ou terreiro deve declarar em que Linha trabalha.

Art. 24 — São considerados sócios fundadores ou benfeitores da C.E.U., para todos os efeitos, os descendentes dos atuais sócios fundadores ou benfeitores.

Parágrafo único — O descendentes dos atuais sócios efetivos, que forem membros da C.E.U. ou das Federações Estaduais durante dez anos, terão os direitos aludidos neste artigo.

Art. 25 — A vaga de membro do Conselho Deliberativo Permanente será preenchida mediante eleição pelos sócios fundadores.

Art. 26 — É terminantemente proibida a permanência de menores nos centros, tendas e terreiros em horário impróprio.

Art. 27 — Dentro de sessenta (60) dias, o Departamento de Doutrina Espírita Umbandista expedirá o Regimento Interno dos Terreiros Organizados (R.I.T.O.), para uso exclusivo dessas entidades.

Art. 28 — É autônoma a administração do órgão oficial da C.E.U., o qual sòmente será controlado pelo Departamento de Propaganda, em colaboração com o Departamento de Doutrina Espírita Umbandista.

Art. 29 — Êste Regulamento Geral é aplicável a tôdas as Federações Estaduais e outras entidades filiadas à Confederação Espírita Umbandista.

Art. 30 — Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pelo Conselho Deliberativo Permanente.

CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA, Rio de Janeiro, em 10 de agôsto de 1951.

(ass.) *Tancredo da Silva Pinto — Byron Torres de Freitas — Mamede José D'Avila.*